

**Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**ANNE THEREZA DE ALMEIDA PROENÇA**

**VIDA DE MÉDICO NO INTERIOR FLUMINENSE:  
A TRAJETÓRIA DE CARLOS EBOLI EM CANTAGALO E  
NOVA FRIBURGO  
(1860-1880)**

**Rio de Janeiro**

**2017**

**ANNE THEREZA DE ALMEIDA PROENÇA**

**VIDA DE MÉDICO NO INTERIOR FLUMINENSE:  
A TRAJETÓRIA DE CARLOS EBOLI EM CANTAGALO E  
NOVA FRIBURGO  
(1860-1880)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História das Ciências.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Sanglard

Rio de Janeiro  
2017

**ANNE THEREZA DE ALMEIDA PROENÇA****VIDA DE MÉDICO NO INTERIOR FLUMINENSE:  
A TRAJETÓRIA DE CARLOS EBOLI EM CANTAGALO E NOVA  
FRIBURGO  
(1860-1880)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História das Ciências.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Sanglard (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ) – Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Ana Quaglino (Fundação Dom João VI de Nova Friburgo)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana de Aguiar Ferreira Muaze (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Salgado Pimenta (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ)

**SUPLENTES**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Keith Valéria de Oliveira Barbosa (Universidade Federal do Amazonas – UFAM)

---

Prof. Dr. Luiz Otávio Ferreira (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ)

Rio de Janeiro  
2017

## Ficha Catalográfica

P964v Proença, Anne Thereza de Almeida  
Vida de médico no interior fluminense: a trajetória de  
Carlos Eboli em Cantagalo e Nova Friburgo (1860-1880) /  
Anne Thereza de Almeida Proença – Rio de Janeiro: s.n.,  
2017.  
xii,141 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde)  
- Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2017.  
Bibliografia: 131-141f.

1. Médicos. 2. Hidroterapia. 3. Eboli, Carlos, 1832-1885.  
4. Paraíba do Sul, Rio, Vale.

CDD 926.0981

Ao meu avô, Pedro Proença (*in memoriam*),  
pelos 15 anos de ensinamentos e companheirismo.

E aos meus afilhados, Luiz Miguel e João  
Pedro, para que seja mais um estímulo aos estudos  
e para valorizar as oportunidades que nos  
proporcionam.

## **AGRADECIMENTOS**

Quando decidimos sair da nossa zona de conforto e buscar novos caminhos para alcançar nossos objetivos, as incertezas e inseguranças tornam-se constantes. Porém, ao longo desta minha trajetória acadêmica, tive a sorte de ter ao meu lado pessoas que me fizeram sempre seguir em frente, mesmo diante de qualquer adversidade. E, com o resultado destes anos de pesquisa, não poderia deixar de agradecer a elas, parte fundamental para que esta etapa fosse concluída.

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe, Gení Proença, minha grande referência de mulher e de profissional. Por todo seu estímulo, ensinamentos, paciência, seu colo e suas orações. Pelas noites mal dormidas, seja me esperando terminar uma pesquisa, um artigo ou por acordar comigo de madrugada para pegar o ônibus rumo à capital. Você me mostrou que eu tenho condições de ir longe, mas que também terei sempre um porto seguro para onde voltar. Obrigada por sermos esta equipe, juntamente com a nossa Pópis.

À minha orientadora, Gisele Sanglard, por ter acreditado naquela menina que acabava de sair do interior e chegava muito inexperiente à vida acadêmica. Obrigada por toda paciência e conhecimentos que dividiu comigo. Ser sua orientanda, desde o curso de *Latto-Sensu* de Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural da Saúde, COC/Fiocruz, foi uma grande experiência para mim. Obrigada por ser parte fundamental do meu crescimento profissional.

Ao meu namorado, Diogo Fernandes, pelo apoio desde as primeiras tentativas para meu desenvolvimento acadêmico. Pela compreensão e parceria no meio de tantas leituras, trabalhos e viagens. Obrigada por tornar leve essa trajetória através das nossas brincadeiras e risadas.

A todos da Fundação Dom João VI de Nova Friburgo, por todo estímulo que sempre me deram e por nunca terem deixado de me considerar da equipe. Os quatro anos que trabalhei nesta instituição me proporcionaram conhecer pessoas que me ensinaram muito, assim como o contato com as principais fontes arquivísticas da cidade, que foram de vital importância para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada por todo apoio e atenção, tanto como colega de trabalho, como usuária do acervo.

À Fundação Biblioteca Nacional, pelo projeto da Hemeroteca Digital, que facilitou o acesso online dos usuários aos diversos periódicos que circulavam no país durante o século

XIX. Tornou-se minha principal fonte de coleta de dados e seria impossível desenvolver esta pesquisa sem esta ferramenta.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, pela oportunidade de fazer parte da turma do Mestrado 2015. E também aos professores, que nos apresentaram a autores e promoveram a análise e debate de textos que foram essenciais para a construção da minha base de conhecimentos sobre a área de História da Saúde. Obrigada por dividirem sua sabedoria conosco. Agradeço também a todos os funcionários que compõe o quadro do Departamento, por toda ajuda técnica e nas questões administrativas. Obrigada por toda simpatia, cordialidade e disponibilidade para nos ajudar.

Aos amigos que estes dois anos de Mestrado me proporcionaram. Obrigada por dividirem comigo todas as angústias, incertezas e sucessos durante nossa caminhada acadêmica. E, mais ainda, obrigada por todas as conversas animadas, brincadeiras e apoio. Sem vocês, tudo ficaria bem mais difícil.

À minha banca de qualificação, por todas as indicações e sugestões de autores e obras. A qualificação foi decisiva para definir os rumos da pesquisa e, assim, consolidar o desenvolvimento desta dissertação. Obrigada por esta etapa, o resultado aqui apresentado é a consequência direta deste momento de diálogo e aprendizado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência financiadora, por me proporcionar o auxílio financeiro durante estes dois anos para que eu pudesse me dedicar totalmente a esta pesquisa.

E, por fim, a todos aqueles que direta ou indiretamente, estiveram presente comigo nesta caminhada. Obrigada pela compreensão, nos vários momentos em que precisei me dedicar à pesquisa, por toda ajuda para que eu pudesse cumprir todas as etapas necessárias para concluir este Mestrado e pelas palavras de apoio e incentivo.

Saibam, assim, que esta realização não seria possível se não pudesse contar com todos vocês. Obrigada por acreditarem em mim e me convencerem acreditar também.

## **RESUMO**

Durante o século XIX, o Vale do Paraíba fluminense tornou-se uma área de vital importância econômica para o país, devido à exportação do café. Esta região tornou-se pólo de atração de diversos profissionais estrangeiros, inclusive da área da saúde, devido ao seu crescente enriquecimento. Destacaremos, assim, a presença destes médicos buscando a consolidação de seu campo profissional e das próprias carreiras, apresentando os principais modos de atuação na área da clínica livre, principalmente relacionada ao atendimento em fazendas, seguindo uma estratégia para manutenção da produtividade. Além deste destaque profissional, apresentaremos também as relações entre eles e os grandes fazendeiros, construídas a partir do auxílio mútuo, que atenderia o interesse de ambos.

Entre estes profissionais, a trajetória do médico italiano Carlos Eboli no Brasil foi escolhida para ser analisada por ilustrar tais características e estratégias comuns a estes clínicos, por sua rede de sociabilidade, moldada por estas relações com os próprios colegas e com importantes setores sociais, e pelo seu destaque individual, através das iniciativas hidroterápicas nas vilas de Cantagalo e de Nova Friburgo, nas décadas de 1860 a 1880.

Consideramos, assim, que todo este contexto construiu um ambiente favorável para o crescimento profissional de Carlos Eboli na região, até atingir sua grande projeção com o *Instituto Sanitário Hidroterápico*, que o colocou em destaque nas discussões médicas do país.

**Palavras chave:** Vale-do-Paraíba, médicos, hidroterapia, Carlos-Eboli.

## **ABSTRACT**

During the 19th century, the Paraíba Valley of Rio de Janeiro became an area of vital economic importance for the country due to the export of coffee. This region has become a pole of attraction for several foreign professionals, including the health sector, due to its growing enrichment. We will highlight the presence of these physicians, seeking the consolidation of their professional field and their careers, presenting the main ways of acting in the area of free clinic, mainly related to the service in farms, following a strategy to maintain productivity. In addition to this professional prominence, we will also present the relations between them and the great farmers, built on mutual assistance, which would serve the interests of both.

Among these professionals, the trajectory of the Italian physician Carlos Eboli in Brazil was chosen to be analyzed for illustrating such characteristics and strategies common to these clinicians, for their network of sociability, shaped by these relationships with their colleagues and with important social sectors, and for its individual prominence, through the hydrotherapy initiatives in the villages of Cantagalo and Nova Friburgo, in the 1860s and 1880s.

We believe that all this context has built a favorable environment for the professional growth of Carlos Eboli in the region, until reaching his great projection with the *Sanitary Hydrotherapy Institute*, which made him stand out in the medical discussions of the country.

**Key words:** Paraíba-Valley, doctors, hydrotherapy, Carlos-Eboli.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 2.1:** Carlos Eboli (década de 1870) pág. 47
- Figura 2.2:** Sala de duchas de um estabelecimento hidroterápico pág. 60
- Figura 2.3:** Ducha dorsal, à esquerda, e aparelho para duchas verticais e laterais, à direita. pág. 60
- Figura 2.4:** Aparelho circular para duchas pág. 61
- Figura 2.5:** Aparelho para duchas com pressão de ar, ducha de chuva e ducha móvel, à esquerda; e balde que se adapta ao teto para duchas de chuva, com pressão do peso d'água, contendo 30 litros, à direita. pág. 61
- Figura 2.6:** Tribuna hidro misturadora para grandes pressões pág. 62
- Figura 2.7:** Sala de maçadura com duchas diversas em um estabelecimento hidroterápico pág. 62
- Figura 2.8:** Mapa das cidades balneárias no Brasil pág. 64
- Figura 2.9:** Exemplo do alcance físico da rede de sociabilidade de Carlos Eboli na Província do Rio de Janeiro. Em destaque, a localização do médico italiano pág. 74
- Figura 3.1:** Aplicação de uma ducha por Carlos Eboli e Fortunato Corrêa de Azevedo no *Instituto Sanitário Hidroterápico* pág. 94
- Figura 3.2:** Instituto Sanitário Hidroterápico, sem o Hotel Central pág. 99
- Figura 3.3:** Complexo de duchas e Hotel Central pág. 99
- Figura 3.4:** Título para tornar-se acionista do estabelecimento hidroterápico friburguense (1889) pág. 102
- Figura 3.5:** Homenagem a Carlos Eboli e a Fortunato Corrêa de Azevedo pág. 105
- Figura 3.6:** Prédio do Colégio Nossa Senhora das Dores atualmente. Vistas das ruas Monsenhor Miranda e Augusto Spinelli, respectivamente pág. 106
- Figura 3.7:** Resquício da indicação das duchas ainda presente na escadaria principal do Colégio Nossa Senhora das Dores pág. 107
- Figura 3.8:** Exemplo de propaganda do *Instituto Sanitário Hidroterápico* págs. 108 e 109
- Figura 3.9:** Quadro estatístico geral dos tratamentos no Instituto Sanitário Hidroterápico pág. 110

**Figura 3.10:** Principal área de atuação de Carlos Eboli em Nova Friburgo.

pág.124

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1.1** Orçamento da Câmara para gastos com medicamentos para indigentes para os anos de 1864 e 1865 pág. 37

**Tabela 2.1:** Propriedades da água fria e seus efeitos pág. 57

**Tabela 2.2:** Observações clínicas colhidas na Fazenda Gavião (1868-1870) pág. 65

**Tabela 2.3:** Rede de sociabilidade de Carlos Eboli pág. 72

**Tabela 3.1:** Preços do *Instituto Sanitário Hidroterápico* durante a primeira década da administração de Carlos Eboli (1870) pág. 100

**Tabela 3.2:** Preços do *Instituto Sanitário Hidroterápico* durante a administração de Theodoro Gomes (a partir de 1885) pág. 101

**Tabela 3.3:** Preços das duchas avulsas na administração de Theodoro Gomes (a partir de 1885) pág. 101

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	01
<b>Capítulo 1. O Vale do Paraíba Fluminense: Saúde e sociedade</b>	06
1.1 “Se o Império era o café, o café era o Vale”	10
1.2 Compreensão sobre saúde e doença no século XIX	17
1.3 A saúde como instrumento da classe senhorial	22
1.4 A atuação dos médicos no interior fluminense	28
1.5 Salubridade e assistência pública	33
1.6 Considerações finais	39
<b>Capítulo 2. Das fazendas à hidroterapia: a trajetória de Carlos Eboli em Cantagalo</b>	41
2.1 Carlos Eboli: O começo em Cantagalo	47
2.2 “Águas que curam”	51
2.2.1 Hidroterapia em Cantagalo	65
2.3 Construção de sua rede de sociabilidade	69
2.4 Considerações finais	79
<b>Capítulo 3. Entre o público e o privado: a atuação de Carlos Eboli em Nova Friburgo</b>	81
3.1 Os balneários conquistam e constroem espaços	89
3.2 Instituto Sanitário Hidroterápico: Nova Friburgo como palco desta prática no Brasil	92
3.3 Doidos de Frio? As faces da imprensa	107
3.4 Além dos limites médicos: a face pública de Carlos Eboli	115
3.5 Considerações Finais	124
<b>Conclusão</b>	127
<b>Fontes e referências bibliográficas</b>	131

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a assistência à saúde através da clínica livre<sup>1</sup>, no interior da Província do Rio de Janeiro. Para tal, nos guiaremos pela atuação do médico italiano Carlos Eboli (1832 – 1885) nas vilas de São Pedro de Cantagalo e de São João Batista de Nova Friburgo, entre os anos de 1860 e 1880. Este período é caracterizado pelo início da sua trajetória profissional como médico de partido<sup>2</sup> de fazendas, destacando seu trabalho para a família Clemente Pinto. Corresponde também ao começo da sua experiência com a prática da hidroterapia, ainda em Cantagalo e pela criação de seu complexo Hidroterápico, formado pelo *Instituto Sanitário Hidroterápico* e o *Hotel Central*, em Nova Friburgo, vila na qual também atuou na Câmara Municipal.

Para isso, nos fundamentaremos, principalmente, na análise de fontes primárias. Entre elas, destacamos o conjunto de periódicos que circulavam na Corte durante o século XIX, que apresentaram aspectos importantes para a construção desta pesquisa. Estes dados foram colocados em diálogo com aqueles fornecidos pelo referencial bibliográfico, para que pudessem ser aprofundados e direcionados para o estudo de caso, a trajetória de Carlos Eboli, e a compreensão do contexto que o envolve e da rede de sociabilidade na qual se insere.

Consideramos que acompanhar esta trajetória nos proporciona compreender as estratégias desenvolvidas para obter o reconhecimento e a credibilidade profissional na região, envolvidas no contexto de afirmação do discurso médico. Assim, são construídas redes de conexões entre os próprios médicos, que os fortaleceria como classe, e com influentes figuras da sociedade do Vale do Paraíba fluminense.

Mesmo que sua trajetória demonstre características comuns a outros clínicos livres que escolhiam o interior para atuar, Carlos Eboli se singulariza, no que tange à História das Ciências, por ser um dos principais nomes na difusão da hidroterapia no Brasil. Prática, inclusive, que foi o tema da tese que apresentou à Academia Imperial de Medicina, com a intenção de tornar-se membro correspondente desta instituição.

Esta forma de tratamento também possibilitou transformações ao longo de sua atuação. De médico de partido, contratado para percorrer as fazendas e fornecer tratamento

---

<sup>1</sup> Denominamos de *clínica livre* os atendimentos realizados pelos médicos fora das instituições de assistência.

<sup>2</sup> *Médico de partido* caracteriza o profissional que era contratado pelas Câmaras Municipais ou pelos grandes fazendeiros para visitar e tratar dos doentes de sua região, independente da classe que pertenciam. Apresentaremos mais sobre esta questão no capítulo 1.

tanto para os membros da família quanto para os escravos, até fixar-se na Fazenda Gavião, em Cantagalo, de propriedade do Barão de Nova Friburgo. Dos primeiros atendimentos através das duchas nesta fazenda, principalmente a escravos, a empreender um grandioso estabelecimento em Nova Friburgo, com uma nova clientela, selecionada pelos altos preços cobrados. Demonstraremos, assim, que Eboli encontrou um contexto favorável, que o possibilitou a construção de uma forte rede de relações, determinantes para esta evolução.

Esta pesquisa será organizada em três capítulos: Capítulo 1: *O Vale do Paraíba Fluminense: Saúde e Sociedade*; Capítulo 2: *Das fazendas à hidroterapia: a trajetória de Carlos Eboli em Cantagalo*. Capítulo 3: *Entre o público e privado: a atuação de Carlos Eboli em Nova Friburgo*. Ressaltamos também que, em cada um deles, desenvolvemos um tópico denominado *Considerações Finais*, no qual faremos uma síntese dos assuntos abordados e uma introdução para o capítulo posterior.

Então, no primeiro capítulo, começaremos com a apresentação da construção social do Vale do Paraíba fluminense e como esta região ganhou espaço no mercado internacional e enriqueceu através do café, principal produto exportador brasileiro do século XIX. Consideramos importante analisar o contexto histórico além dos limites da região escolhida como palco da pesquisa para, assim, conhece-la melhor.

As relações que se formavam entre a população e os grandes proprietários desta região, que formavam a autoridade local e ditavam os modos de comportamento que seriam adequados à província que se enriquecia, também será abordada. Entre esta população, destacaremos os médicos. Serão apresentadas as recorrentes características referentes à atuação da clínica livre no interior e o quanto a aproximação com estes fazendeiros os ajudava a consolidar sua carreira. O contexto de afirmação do discurso médico também é levado em conta ao longo deste capítulo, constituindo também uma das principais pontes para esta relação.

Ainda neste capítulo, apresentamos uma das principais teorias médicas dos oitocentos, o higienismo, cujos preceitos determinavam as formas de compreender o que era saúde e doença, assim como regiam os tratamentos médico. O discurso higienista também era usado pelas autoridades locais, como ferramenta para educar a população através de novos hábitos, com o objetivo de tornar cada vez mais civilizada esta região. O entendimento desta teoria é útil para o desenvolvimento da pesquisa, porque ela é seguida pelos médicos que abordaremos, através das suas atuações no interior fluminense. Entre elas, as intervenções na limpeza e saneamento público, como forma de prevenção das grandes epidemias que

constantemente assolavam a província, juntamente com o atendimento daqueles que estavam mais vulneráveis a estas enfermidades.

Continuaremos abordando, no segundo capítulo, esta assistência médica nas grandes fazendas do Vale do Paraíba fluminense, região que se tornou foco de imigração e atuação de profissionais estrangeiros, chamados pelos grandes cafeicultores para atuar em suas fazendas ou atraídos pela riqueza proveniente da produção de café. A presença destes profissionais acompanha a necessidade de manter a mão de obra produtiva, como uma das principais estratégias adotadas pelos cafeicultores, principalmente após a lei Eusébio de Queiroz (1850), que gerou uma diminuição na disponibilidade de escravos.

A partir deste quadro descreveremos, então, o início da trajetória de Carlos Eboli. Antes de introduzir seu esboço biográfico, achamos interessante também apresentar Antônio Clemente Pinto, o primeiro Barão de Nova Friburgo, pela importância que ele, e sua família, tiveram para o desenvolvimento profissional do médico italiano e também para a sociedade a qual pertenciam.

O ponto chave do capítulo, portanto, é conhecer e ampliar as informações sobre a trajetória de Carlos Eboli desde sua chegada ao Brasil. Analisaremos sua passagem pelas fazendas em Cantagalo e sua primeira iniciativa no atendimento hidroterápico, através do qual recebia, na fazenda Gavião, pacientes de vários pontos da Província fluminense. E à sua chegada a vila de Nova Friburgo, para torna-la sede de seu estabelecimento hidroterápico, juntamente com seu sócio, Fortunato Corrêa de Azevedo.

Para entender um pouco mais sobre esta modalidade de tratamento, que foi decisiva para o crescimento profissional de Carlos Eboli, apresentaremos no que consista a ciência da hidroterapia, sua história, seu desenvolvimento no Brasil, assim como seus principais nomes. Construímos uma tabela mostrando os diversos efeitos da utilização da água fria e também a diferença entre a hidroterapia e o tratamento através das águas minerais. Faremos ainda uma análise dos atendimentos realizados por Carlos Eboli no período de 1868 a 1870, o principal público que frequentava estas duchas e as doenças tratadas.

Interessa-nos também evidenciar as redes de sociabilidade nas quais Carlos Eboli se inseria. Esta rede foi construída a partir de médicos citados pelo próprio Eboli em sua tese *Hydrotherapia* (1871) e também a partir da aproximação com influentes figuras sociais. Esta rede possibilita inserir a trajetória de Carlos Eboli como resultado do contexto, que se mostrou favorável para suas pretensões, e destas relações, na qual a profissão formava o principal núcleo de atração.

O terceiro e último capítulo será voltando para a atuação de Carlos Eboli na vila friburguense durante as décadas de 1870 e 1880. Seguindo o modelo que faremos no primeiro capítulo, apresentaremos uma descrição da vila de São João Batista de Nova Friburgo, destacando a formação de sua área de saúde, desde o projeto da colonização suíça, a partir da década de 1820. Porém, mais do que uma estrutura formada de atendimento médico, era o clima desta vila, considerado um dos melhores da Província, segundo o discurso higienista, que atraía os enfermos. Nova Friburgo possuía características diferentes daquelas apresentadas em Cantagalo, sendo uma das principais o estímulo para o desenvolvimento de atividades urbanas. Consideramos que estas características são fundamentais para a escolha da vila como sede do estabelecimento de duchas de Eboli.

O *Instituto Sanitário Hidroterápico*, então, terá um destaque dentro deste terceiro capítulo. Apesar de já trabalhar com o tratamento hidroterápico desde Cantagalo, será o *Instituto* que fará Eboli ganhar destaque nas discussões médicas do país. Apresentaremos a dinâmica deste estabelecimento, quadros estatísticos, formas de propaganda, a mudança no perfil dos atendimentos realizados por Eboli e como era abordado nos jornais que circulavam principalmente na Corte. Entre os pacientes que eram recebidos no Instituto, destacamos também a presença da família Imperial à época da inauguração da Estrada de Ferro Cantagalo, e da família de Rui Barbosa que lá frequentou em função do tratamento de saúde de sua futura cunhada.

Um grupo de pacientes chama atenção – os marinheiros. A Marinha recorria à hidroterapia para no intuito de curar seus homens do beribéri. Tal clientela torna-se interessante pela importância que terá nos últimos anos de funcionamento do Instituto e pela tentativa de compra do prédio do estabelecimento, rejeitada pela população e que teve em Rui Barbosa sua voz para impedir esta iniciativa.

Com este empreendimento, Carlos Eboli destacou ainda mais Nova Friburgo como lugar salubre, para tratamento e veraneio, atraindo visitantes de vários pontos do país, principalmente de toda província do Rio de Janeiro. E, através de sua participação política na Câmara friburguense, participou da manutenção da salubridade pública, como parte de um movimento de prevenção às grandes epidemias, difundido por toda Província, aprofundando o que apresentaremos no primeiro capítulo. Carlos Eboli tornou-se um político atuante e de grande influência nas decisões da Câmara Municipal, também disponibilizando à ela os seus serviços médicos.

Reconstruir a trajetória do médico italiano Carlos Eboli revela, portanto, um capítulo importante para a história da assistência à saúde no interior da província do Rio de Janeiro. Conhecer as características comuns entre as estratégias e as formas de atuação dos clínicos livres nas fazendas e nas vilas do interior, ilustradas pela trajetória de Eboli, assim como suas conexões com colegas médicos e influentes representantes sociais do Vale do Paraíba fluminense e da Corte descortina um rol de análises ainda pouco exploradas pela historiografia sobre fim do Império e ainda reforça a tese de Keith Barbosa (2014) acerca da medicina como estratégia dos senhores na manutenção de seus plantéis.

Assim, ao enfatizar a atuação de Carlos Eboli no interior da província do Rio de Janeiro, esta pesquisa pretende contribuir para a compreensão e a contribuição das práticas médicas do século XIX nas dinâmicas sociais, econômicas e políticas nas pequenas e médias cidades da velha província.

## CAPÍTULO 1

### O VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE: SAÚDE E SOCIEDADE

*Por toda parte entra, com efeito, o doutor; penetra no interior das famílias, verdadeiros gineceus, tem o melhor lugar à mesa dos hóspedes, a mais macia cama, é, enfim, um personagem caído do céu e junto ao qual acodem logo, de muitas léguas em torno, não já enfermos, mas fanatizados crentes, que durante largos anos se haviam medicado ou por conselhos de vizinhos ou por suas próprias inspirações e que na chegada desse Messias depositam todas as ardentes esperanças do almejado restabelecimento<sup>3</sup>.*

Apesar de tratar-se de uma obra literária, ambientada no interior do Centro-Oeste brasileiro, através desta pequena passagem do livro *Inocência* podemos ilustrar a real importância que era dada aos médicos que adentravam o interior em busca de um reconhecimento profissional e formação de uma clientela que possibilitasse a eles uma estabilidade financeira e credibilidade. E, inclusive, destacar o quanto a presença deles se tornava um verdadeiro acontecimento nas rotinas locais.

As memórias do médico José de Albuquerque, apresentadas no livro *Meu encontro com os outros*,<sup>4</sup> retrata esta mudança para o interior como alternativa dos recém-formados para começar suas carreiras. Nos grandes centros, a densa concorrência e os nomes já reconhecidos dificultavam este início. Apesar de ser uma trajetória desenvolvida no interior paulista do início do século XX, encaixa-se para ilustrar os principais motivos para a interiorização.

Dias depois recebi dela [a namorada Antonieta] uma carta expressa em resposta à minha, na qual me informava que havia conversado com um de seus irmãos, que era dono de uma farmácia em Ponte Alta, no município de Boa Esperança, e este lhe dissera estar procurando um médico para residir naquela localidade, pois o único que morava lá havia se mudado para uma cidade onde, com mais conforto, pudesse viver e gozar os proveitos do

---

<sup>3</sup> Trecho retirado do romance *Inocência*, de autoria do Visconde de Taunay. Ambientada na vila de Sant'Ana do Parnaíba, no interior da província de Mato Grosso, na década de 1860, o livro conta a história do farmacêutico Cirino Ferreira de Campos, que viajava pelo interior a medicar e juntar dinheiro, e do naturalista alemão Meyer, que estava em busca de amostra de insetos, principalmente borboletas, para enviar para sua terra. Eles são envolvidos em uma história de romance, disputando o coração de Inocência, que acaba por revelar algumas características da realidade dos profissionais da saúde no interior. (TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle [Visconde de Taunay]. *Inocência*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2012; p. 37).

<sup>4</sup> ALBUQUERQUE, José de. *Meu encontro com os outros... Memórias*. IN CARRARA, Sérgio e CARVALHO, Marcos. *Meu encontro com os outros: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

pecúlio que acumulara, em curto espaço de tempo, no exercício da clínica, quando lá residiu.<sup>5</sup>

Esta passagem de suas memórias nos fornece várias características nesta atuação dos médicos que escolhiam clinicar longe das principais cidades. As farmácias também constituíam um núcleo de atração das populações do interior, necessitadas de pessoas que conhecessem métodos para curar suas enfermidades, como apresentaremos ainda neste capítulo. Era uma prática comum que estas farmácias constituíssem parcerias com os médicos, para garantir a venda dos seus remédios e como uma estratégia de se impor sobre os outros concorrentes farmacêuticos da região.<sup>6</sup>

Outra característica é o interesse de alguns médicos de permanecer nestas localidades afastadas somente pelo período necessário para acumular uma quantia que o permitisse a voltar ao grande centro de origem. O próprio José Albuquerque tinha esse pensamento. Ir para o que chamava de “sertão” era apenas uma etapa nos seus planos de subir na carreira e conseguir realizar seu sonho de “ficar no Rio, onde me especializaria em cirurgia infantil e faria concurso para livre-docente”.<sup>7</sup> Outros profissionais, porém, continuavam a clinicar no interior, mesmo depois de serem reconhecidos e terem sua carreira consolidada, como foi o caso do nosso personagem Carlos Eboli.

“Para quem, como eu, chegava do Rio de Janeiro, onde havia nascido e, até então, vivido, a mutação do ambiente era por demais chocante”.<sup>8</sup> Se, segundo estes profissionais, a população deveria habituar-se a realizar consultas e aos métodos da medicina científica, caberia aos médicos também adaptar-se a realidade que encontraria. Observaremos mais adiante, como os médicos, então, tentavam utilizar de uma linguagem mais próxima da população e de métodos mais sensoriais para explicar os passos do tratamento.

Assim, consideramos a importância desta presença, tanto para a população quanto para os próprios profissionais, devido ao contexto de afirmação do discurso médico vindo das academias e faculdades da área ao longo de todo século XIX. Para entender este momento, destacamos o Decreto nº 828, de 29 de setembro de 1851, no qual “a Junta de Higiene tinha como atribuições gerais impor multas e prisões para quem infringissem as leis de higiene, combater o charlatanismo e velar pelo exercício da medicina”.<sup>9</sup> A partir desta nova relação

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>6</sup> ALBUQUERQUE, José de. Meu encontro com os outros... Memórias. *Op. Cit.*

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>9</sup> DINIZ, Ariosvaldo da Silva. As artes de curar nos tempos de cólera: Recife, 1856. IN CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; e GALVÃO SOBRINHO, Gabriel R. Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003; p. 367.

entre os representantes dos saber científico e dos saber popular, era interessante para os médicos acadêmicos conquistar a confiança da população e, assim, aumentar sua influência no interior, cuja escassez de profissionais era notável. Ao mesmo tempo, a população era orientada a reconhecer o médico como aquele que aplicava o modo correto de curar suas enfermidades e a quem deveriam procurar em caso de necessidade, e não só como último recurso.

E é justamente a construção destas novas relações neste espaço de atuação profissional que pretendemos abordar neste primeiro capítulo: apresentar o que significava ser médico atuante no interior da Província do Rio de Janeiro, sobretudo na região do Vale do Paraíba, área da qual provinha a grande riqueza da economia do Império no final do século XIX. Mais ainda, como e onde estes médicos atuavam, como se relacionavam entre si e com setores importantes das sociedades locais, como os grandes proprietários de café.

Porém, para que este panorama se tornasse mais completo, vamos além da História local. Procuramos fazer uma análise na qual compreendêssemos o modo como a região foi socialmente construída, tornando-se uma das áreas mais importantes do país, fazendo uma relação entre seu crescimento econômico e os modos de comportamento das redes construídas nestes locais. O foco é a atuação dos médicos como clínicos livres e também nas enfermarias das grandes fazendas, nas quais forneciam tratamento aos membros das famílias, amigos e aos escravos, peças-chaves e importantes para a manutenção da riqueza da região. O tratamento destes cativos torna-se uma estratégia dos grandes produtores para mantê-los por mais tempo em atividade, garantindo a produção constante e os lucros provenientes do principal produto agro-exportador brasileiro à época.

E, neste recorte temático, espacial e temporal, optamos por acompanhar a trajetória profissional de um médico para conhecer o universo destes profissionais no interior fluminense. Assim, escolhemos a atuação do italiano Carlos Eboli, porque apresenta elementos que nos permitem fazer um cruzamento de dados e também comparações com outras trajetórias, devido a suas semelhanças e ao espaço de atuação. E também do pensamento científico que compartilhavam, devido às influências do ensino médico europeu nas grandes instituições do país, das quais faziam parte. Seguiam as premissas dos discursos higienista, que orientavam suas ações e seu modo de atuação no Vale do Paraíba fluminense, voltado para o tratamento a domicílio e nas fazendas, principalmente.

Nos capítulos seguintes, demonstraremos que Carlos Eboli também merece destaque individual, por sua especialização no tratamento hidroterápico e seu pioneirismo na

disseminação deste procedimento na região. Foi a partir da cura pela água que este médico ganhou destaque no interior e na Corte. Começou com uma pequena casa de duchas em uma das principais fazendas produtoras de café da família Clemente Pinto, na vila de São Pedro de Cantagalo, até a inauguração de um grande estabelecimento hidroterápico, na vila de São João Batista de Nova Friburgo. Desta iniciativa e do destaque profissional que recebeu a partir do sucesso de seus empreendimentos, podemos construir sua rede de sociabilidade, que contava com grandes nomes da região e até da Academia Imperial de Medicina, da qual, inclusive, se tornou membro com uma tese denominada *Hydrotherapia*.

O presente capítulo será dividido em cinco tópicos. O primeiro tratará de caracterizar o Vale do Paraíba fluminense como um espaço de construção social e como ele se tornou o centro do qual se irradiava o principal produto exportador brasileiro do século XIX, cuja importância ultrapassava os limites nacionais. E também as relações que se formavam entre a população e os grandes proprietários de fazendas, os quais constituíam o grupo que formava a autoridade local e ditavam os novos modos de comportamento que seriam adequados à província que se enriquecia.

O segundo tópico apresentará uma das principais teorias médicas dos oitocentos, o higienismo, cujos preceitos guiavam a forma de compreender e determinar o que era saúde e doença à época, assim como regiam os métodos escolhidos para os tratamentos médicos. E destacaremos neste conceito as transformações nas visões sobre o corpo e na utilização da água, para nos capítulos seguintes introduzir a disseminação da prática hidroterápica na região e na Corte, promovida por Carlos Eboli.

No tópico seguinte, a teoria higienista é apresentada como uma ferramenta utilizada para fundamentar os discursos políticos e morais, relativos ao desejo de transformar os hábitos e civilizar o interior da província que se tornava cada vez mais importante para a economia do Império. Este desejo fez com que a classe senhorial se unisse, assim como se preocupasse com a saúde dos seus escravos, que garantiam sua posição elevada naquela sociedade.

O higienismo segue como plano de fundo do quarto tópico, para enfatizar as características que acompanhavam a atuação de boticários e médicos durante sua estada no interior e os meios de se aproximarem da realidade desta população, que carecia de indivíduos que possuíssem de conhecimento para amenizarem suas enfermidades.

Encerrando o capítulo, o quinto tópico discute as medidas sanitárias, que serão aprofundadas no capítulo 3, e de assistência à população fora do universo das fazendas. A

salubridade pública aparece como a principal forma de prevenção das enfermidades que poderiam assolar e prejudicar as dinâmicas sociais, assim como enfraquecer e prejudicar o comércio. E a grande preocupação com as classes mais pobres, por serem consideradas mais suscetíveis as grandes epidemias e até mesmo uma ameaça aos indivíduos saudáveis. Então, monitorá-las e trata-las também significaria combater possíveis epidemias e proteger as demais classes.

### 1.1 “Se o Império era o café, o café era o Vale”.<sup>10</sup>

Antes de discutir as relações entre os médicos e a própria área de saúde não institucionalizada no interior fluminense, cabe aqui definir e caracterizar a área denominada Vale do Paraíba, que escolhemos como palco desta pesquisa, por sua importância no contexto nacional e também internacional, principalmente a partir dos anos 1830. Consideramos que é imprescindível uma ampliação do foco para além dos limites da História Local que se pretende destacar. Analisar os processos globais auxilia numa maior compreensão desta regionalidade, integrando-a como parte de um contexto maior que influencia seu direcionamento, assim como esta também contribui para a construção de outras visões para o mesmo período, “esses estudos mais extensos são o único meio de verificar a validade de velhas ideias e proposições, ou de descobrir novos problemas e hipóteses”.<sup>11</sup>

Para começar a conhecer a região, partiremos de sua referência geográfica, definida pela proximidade com a bacia do Rio Paraíba do Sul, abrangendo atualmente os municípios fluminenses Resende, Rio Claro, Piraí, Barra Mansa, Barra do Piraí, Valença, Vassouras, Paraíba do Sul, Sapucaia, Carmo, Nova Friburgo, Sumidouro, Duas Barras, Bom Jardim, Cordeiro, Cantagalo, São Sebastião do Alto, Santa Maria Madalena, Trajano de Moraes, São Fidélis, Cambuci, Santo Antônio de Pádua, Miracema, Itaperuna e Bom Jesus do Itabapoana.<sup>12</sup> Então, ao longo de todo capítulo, ao citarmos o Vale do Paraíba, estaremos nos referindo a região que está localizada no estado do Rio de Janeiro.

Porém, quando se fala em Vale do Paraíba, destaca-se seu perfil social, político e, principalmente, econômico, que foram moldados de acordo com a ocupação e com as relações de interdependências formadas dentro daquele espaço, em um contexto que se mostrava

<sup>10</sup> Ditado popular no século XIX, que demonstrava a importância da região para a manutenção da economia do Império. Os autores Ilmar Mattos (1987) e Mariana Muaze (2015) citam esta expressão em seus trabalhos.

<sup>11</sup> GOUBERT, Pierre. História local. Revista Arrabalde. Ano 1, nº 1, maio/agosto, 1988; p. 79.

<sup>12</sup> LAMEGO, Alberto Ribeiro. O Homem e a Serra. Rio de Janeiro: Divisão Cultural, 1963.

favorável para o desenvolvimento da região, baseado na economia cafeeira, como veremos a seguir. Precedendo a discussão em âmbito regional e nacional, é interessante também recorrer aos acontecimentos internacionais, cujas consequências também foram de grande importância para o crescimento desta área no mercado econômico exportador, dentro do que os autores Rafael Marquese e Dale Tomich apresentam como “Segunda Escravidão”.<sup>13</sup>

A chamada Revolução abolicionista do Haiti (1804) foi um marco dentro desta discussão, já que “a retirada brusca de Saint-Domingue do mercado teve impacto imediato sobre as demais zonas cafeeicultoras mundiais”,<sup>14</sup> abrindo caminho para a ascensão de novos espaços de produção de artigos tropicais, principalmente o açúcar e o café. As colônias inglesas na América foram as primeiras beneficiadas com esta mudança no mercado destes gêneros primários, mas não teve a base necessária para aproveitar o momento. A proibição do tráfico negreiro para concessões inglesas gerou uma escassez de mão de obra gerando uma baixa produtividade, que, juntamente com uma exaustão dos recursos naturais e o contrato de venda exclusivo para a metrópole, tornaram-se os principais obstáculos para que a área destas colônias inglesas dominasse o mercado cafeeiro. “A Revolução do Haiti trouxe uma disjunção no tempo histórico do mundo atlântico, inaugurando simultaneamente o declínio da escravidão colonial caribenha francesa e inglesa e a ascensão dos novos espaços escravistas do século XIX”.<sup>15</sup> Nesse cenário, conforme estes autores afirmam, Cuba e Brasil entraram na disputa por este comércio internacional, tanto do açúcar, como do café.

As condições brasileiras, tanto em relação aos recursos naturais quanto às políticas internas, porém, mostraram-se muito mais favoráveis as demandas que esse mercado em crescimento impunha. A mineração tinha deixado uma estrutura que seria de grande importância para o início do crescimento econômico do café: o comércio já voltado para grande entrada de mão de obra escrava no Brasil, assim como os armazéns montados nos portos; a abertura de caminhos, destinados da Corte a Minas Gerais, e as formas de transporte, adequadas à topografia da região, que constituía área disponível para ampliar a plantação. Com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro (1808), novas vias foram abertas a caminho de Minas Gerais, com o objetivo de facilitar o escoamento dos gêneros alimentícios, devido à necessidade de alimentar uma população maior, que cresceu repentinamente.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> MARQUESE, Rafael e TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>16</sup> MARQUESE e TOMICH. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. *Op. Cit.*

Neste período também os tropeiros se projetavam, já que eram os responsáveis pelo transporte e escoamento destas produções que abasteciam, além da Corte, as pequenas vilas que se formavam ao longo destas estradas. Com o crescimento do mercado cafeeiro, as autoridades regionais viam cada vez mais a necessidade de abertura e melhoria destas vias.<sup>17</sup> Podemos ilustrar esta necessidade através de um documento assinado por “fazendeiros e amigos da proximidade dos municípios de Cantagalo e de Nova Friburgo”, em 1861, no qual reclamavam dos grandes prejuízos causados pelo péssimo estado de conservação da estrada que ligava os dois municípios, principalmente em épocas chuvosas, no qual chafurdam “grande número de animais, e se deterioram os produtos”.<sup>18</sup>

A partir destas novas vias, pequenas propriedades eram construídas ao longo do caminho, atraídas principalmente pelas novas possibilidades de comércio que ali se iniciava. Além disso, com a transmigração da Corte portuguesa para o Brasil e sua instalação no Rio de Janeiro, em 1808, a localização da região, assim como seu clima, propício para o bom desenvolvimento da produção do café, transformaram-na um grande pólo de atração e de fatores decisivos para o sucesso e ampliação dos negócios e fazendas, individualizando a região.<sup>19</sup> Além dessas pequenas vilas em torno das estradas, a ocupação da região do Vale do Paraíba também foi feita através da concessão de sesmarias e pela posse de terras. Ambos os recursos conviveram pacificamente, até que a demanda por cada vez mais terras para produção impôs um conflito para delimitação das terras. Quem ocupou e plantou primeiro aproveitou o momento de alta no mercado e viu sua família enriquecer pelo café, primeiramente com a renda complementada por outras atividades econômicas, como o chamado comércio de grosso trato e de escravos.<sup>20</sup> Assim, “os senhores de escravos que investiram em café na década de 1810 responderam claramente aos incentivos do mercado internacional”.<sup>21</sup>

Então, a partir do século XIX, o Vale do Paraíba começa a ser conhecido a partir do resultado das relações de interdependências, que construíram suas características políticas e sociais, principalmente baseadas na sua economia que estava se fortalecendo e se afirmando

---

<sup>17</sup> BRANDÃO, Berenice Cavalcante, MATTOS, Ilmar Rohloff e CARVALHO, Maria Alice Rezende. A polícia e a força policial no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Série Estudos – PUC, 1981.

<sup>18</sup> FUNDO da Administração Municipal de Nova Friburgo, Caixa 11, documento 3354. Disponível no acervo da Fundação Dom João VI, em Nova Friburgo/RJ.

<sup>19</sup> BRANDÃO, MATTOS e CARVALHO. A polícia e a força policial no Rio de Janeiro. *Op. Cit.*

<sup>20</sup> MUAZE, Mariana. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

<sup>21</sup> MARQUESE e TOMICH. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. *Op. Cit.* p. 36.

como grande finança do país. A região tornou-se grande produtora mundial café. Porém, assim como teve esta mudança no mercado internacional, o café também ganhou uma nova imagem, deixando de ser um artigo de luxo.

De acordo com Mariana Muaze “a Revolução Industrial inglesa e o novo ritmo de trabalho impulsionaram [...] o aumento do consumo de bebidas estimulantes, a exemplo do café [...] o que tornou a exportação [deste produto] bastante lucrativa”.<sup>22</sup> A chamada “Segunda Escravidão”, portanto, teve no capitalismo a condição para sua expansão, já que se baseava na produtividade de artigos primários e em grande quantidade de mão de obra cativa para manter o desenvolvimento industrial que começava a tomar forma.<sup>23</sup> Exigiu-se então, uma grande produtividade dentro de um constante cenário de competitividade entre áreas. E para manter essa grande produtividade era necessário uma grande presença de mão de obra cativa. E é neste ponto que outro fator torna-se favorável para o Vale: a política interna.

A primeira lei que determinava a proibição do tráfico internacional de escravos (1831) provocou um impacto sobre a entrada desta mão de obra, diminuindo seu número nos primeiros anos. Porém, a repressão daqueles que descumprissem esta lei, aprovada principalmente pela pressão internacional vinda da Inglaterra, foi gradualmente amenizada, devido a forte influência dos denominados Saquaremas, dispostos a reaver a abertura do tráfico, de acordo com seus interesses.<sup>24</sup> “Vê-se, por conseguinte, que o avanço cafeeiro do Brasil dependeu de modo estrito de acordos políticos internos que dessem segurança institucional aos que investiam no ramo”.<sup>25</sup>

Membros do Partido Conservador, os chamados Saquaremas, tinham seus interesses pró-escravistas caminhando junto à construção de um estado centralizado na figura do Imperador e na implantação de noções do que era considerado civilizado, através dos hábitos importados, principalmente da França.<sup>26</sup> Além da articulação política, “conservadores não só apaziguavam as diferenças no interior da classe senhorial, fortalecendo-a, mas também incorporavam as classes médias urbanas e os profissionais liberais à chamada boa sociedade

---

<sup>22</sup> MUAZE. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. *Op. Cit.* p. 64.

<sup>23</sup> MARQUESE e TOMICH. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. *Op. Cit.*

<sup>24</sup> BORGES, Magno Fonseca e MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. Modernidade, ordem e civilização: a companhia Estrada de Ferro D. Pedro II no contexto da direção Saquarema. IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

<sup>25</sup> MARQUES e TOMICH. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. *Op. Cit.*, p. 49.

<sup>26</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff. O tempo Saquarema. São Paulo/Brasília: HUCITEC/INL; 1987.

do Império”.<sup>27</sup> Mesmo reunidos em busca deste interesse comum, as disputas no interior desta classe provinham dos diversos modos propostos para a organização deste governo.<sup>28</sup>

Os grandes proprietários cafeicultores se encaixavam neste perfil descrito por Mariana Muaze, através da construção de uma rede de relações, numa “sociedade onde aqueles que tinham a intenção de não apenas dominá-la, mas sobre tudo, dirigi-la”.<sup>29</sup> E nesse sentido, chamamos atenção para relação que se estabelecerá entre eles e os médicos, permeada por vários interesses, dentre os quais a institucionalização destes profissionais, como se verá mais adiante neste capítulo. Voltar o olhar sobre o período e sobre um grupo e suas características comuns não consiste somente em localizar pontualmente estes eventos no contexto histórico, mas em compreender esta classe em ascensão, a partir dos conceitos que pautavam e também ter uma compreensão maior sobre um indivíduo, ou família.<sup>30</sup>

“Avô comerciante, filho Barão e neto mendigo”<sup>31</sup>: esta frase demonstra a formação desta classe senhorial cafeeira, inclusive a sabedoria em relação a curta duração das lavouras, devido a erosão que causava nos solos e a diminuição de novos espaços disponíveis para ocupação. A acumulação de capital que proporcionou a adesão de terras e de escravos no começo do desenvolvimento da região proveio, principalmente, do comércio de grosso modo na Corte. Porém, como apresenta João Fragoso, a repetição no modo de realizar a plantação, que acabava por danificar o solo, como dito anteriormente, não significava que os grandes proprietários não estavam conscientes das tecnologias modernas à época, demonstradas pela incorporação de máquinas a vapor nas grandes propriedades, que beneficiavam as produções,<sup>32</sup> além dos projetos para construção de estradas de ferros, que facilitariam a escoação da sua produção. Para acompanhar a trajetória profissional de Carlos Eboli, destacaremos no capítulo seguinte, entre estes proprietários de grande influência, a família Clemente Pinto. Esta família tornou-se uma das mais enriquecidas do Império e presença constante na atuação do médico italiano, principalmente durante o período que trabalhou em Cantagalo.

Os grandes e médios proprietários, então, começam a se destacar nas regiões e a construir suas redes de relações entre eles e entre outros setores da sociedade, principalmente

<sup>27</sup> MUAZE. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. *Op. Cit.* p. 66.

<sup>28</sup> BRANDÃO, MATTOS e CARVALHO. A polícia e a força policial no Rio de Janeiro. *Op. Cit.*

<sup>29</sup> MATTOS. O tempo Saquarema. *Op. Cit.*, p. 285.

<sup>30</sup> MATTOS. O tempo Saquarema. *Op. Cit.*

<sup>31</sup> FRAGOSO, João. Barões do café e sistema agrário escravista: Paraíba do Sul/ Rio de Janeiro (1830-1888). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p.18

<sup>32</sup> FRAGOSO. Barões do café e sistema agrário escravista. *Op.Cit.*

na área da política, na qual exercerão grande influência. Alberto Lamego denomina esta relação entre os grandes proprietários como “política de salão” aquela “na qual, entre uma cortesia e uma valsa, decidiam-se muitas vezes urgentes problemas para os destinos do país”.

<sup>33</sup> A consolidação do papel e do lugar social destes homens de negócio se deu no período de 1840 a 1860.

O prestígio social adquirido por estes grandes proprietários fazia com que sua influência ultrapasse os limites da política, da economia, da região onde estavam estabelecidos e de sua própria família, o que Mariana Muaze denominou de “capilarização de influências”. <sup>34</sup> Nesta rede de relações também podemos incluir como estes grandes proprietários tornavam-se o núcleo da sociedade na qual se inseriam. Aqueles que não tinham condições de se tornarem donos de tal condição social e econômica, aproximavam-se das famílias abastadas para proteção e financiamento.<sup>35</sup> Então, o sistema destas relações de interdependência incluía a distribuição de favores e financiamento para os pequenos e médios proprietários. E é deste futuro endividamento aos grandes senhores que virá a sobrevida do sistema. Para o pagamento destas dívidas, os pequenos proprietários perdem as terras e escravos para seus credores, o que cobria, pelo menos por um período, a escassez de terras para a ampliação da produção e a dificuldade de reposição da mão de obra para lavoura.<sup>36</sup>

Os títulos nobiliárquicos também eram uma forma de demonstrar o prestígio social e o Vale do Paraíba fluminense estava repleto deles. Tais títulos tornaram-se uma forma de premiação para aqueles que os governantes se consideravam devedores por serviços prestados. Então, além dos títulos, também recebiam benefícios materiais, de acordo com a discussão de representação social citada anteriormente.<sup>37</sup>

O enriquecimento deste grupo social, portanto, tinha que ser demonstrado para o restante da sociedade, como uma forma de se diferenciarem e se destacarem. Seu comportamento, inclusive, deveria estar de acordo com este título que carregavam e com o espaço social que ocupavam. Assim, “valores tais como educação, instrução etiqueta, refinamento e novas práticas de consumo, passaram a constituir o novo *habitus* social da classe senhorial, tornando-se também um campo privilegiado para as disputas intra-classes por representação e prestígio”.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> LAMEGO. O Homem e a Serra. *Op. Cit.*, p. 9.

<sup>34</sup> MUAZE. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. *Op. Cit.*

<sup>35</sup> BRANDÃO, MATTOS e CARVALHO. A polícia e a força policial no Rio de Janeiro. *Op. Cit.*

<sup>36</sup> FRAGOSO. Barões do café e sistema agrário escravista. *Op. Cit.*

<sup>37</sup> BRANDÃO, MATTOS e CARVALHO. A polícia e a força policial no Rio de Janeiro. *Op. Cit.*

<sup>38</sup> MUAZE. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. *Op. Cit.*, p. 81.

Consideramos, portanto, que este sistema, pautado tanto na lógica clientelar<sup>39</sup> quanto na da etiqueta cortesã<sup>40</sup>, favorece uma alternativa de crescimento profissional para os médicos que chegavam nesta região, atraídos pelas promessas de riqueza que ela representava. Mais do que somente um auxílio financeiro, estas famílias forneceriam reconhecimento e legitimação a estes profissionais na região, o chamado capital social.<sup>41</sup> Esta relação também estava baseada no auxílio mútuo, no qual o papel do clínico seria estar disponível para as demandas de saúde da família. Ter um *médico de família* demonstrava o poder econômico destes proprietários, que os permitia “pagar ao médico, em geral por assinatura”,<sup>42</sup> destacando-os dentro de sua classe social.

Os médicos, portanto, procuravam se adequar ao nível social e aos interesses destes grandes proprietários para facilitar o acesso a estas famílias. Eram estes interesses que moldavam as relações entre eles. A construção de suas estratégias pessoais e profissionais se baseavam no ritmo destas relações e no ambiente no qual estavam inseridos.<sup>43</sup>

Como apresentaremos no capítulo seguinte, é neste contexto que nosso personagem chegará a Cantagalo. A aproximação da família Clemente Pinto, portanto, teria sido de grande

---

<sup>39</sup> Entendemos clientelismo tal qual defende José Murilo de Carvalho: uma “relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos (...) em troca de apoio político” (CARVALHO, José Murilo de. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual” IN: CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados – escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2ª reimpressão, 2005, p. 134). No caso aqui estudado, utilizamos este conceito para a questão da participação dos médicos nas Câmaras Municipais, seja como *médicos de partido* ou ocupando cadeiras políticas. Ter um emprego público à época, segundo José Murilo de Carvalho, significava ter uma fonte estável de rendimentos. Os profissionais liberais exerciam ocupações múltiplas na região em busca da consolidação do seu espaço e os muitos médicos certamente conseguiam construir suas carreiras sem exercer nenhum cargo público. Porém, o papel social destes profissionais ganhava tal importância que acabavam ocupando cadeiras nas Câmaras Municipais, além dos cargos voltados para área médica. A socialização e o apoio de uma família de influência, principalmente para os estrangeiros, como é o caso do Carlos Eboli, se tornavam imprescindíveis para crescer profissionalmente nesta sociedade. Uma vez em destaque, os agraciados não poderiam ir de encontro aos interesses das elites locais, que os ajudaram a consolidar seu espaço. A relação, então, é baseada em interesses mútuos, como veremos ao longo dos capítulos (CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014).

<sup>40</sup> A denominada etiqueta cortesã seguirá a leitura feita por Mario Biagioli da obra de Norbert Elias, *A sociedade de Corte*. Para o historiador italiano, interessa perceber como Galileu Galilei usou as regras da corte florentina para conseguir divulgar suas ideias. A proposta para esta pesquisa é fazer uma analogia entre Galileu e Eboli, mostrando como a relação que se estabeleceu entre o médico italiano e a família Clemente Pinto foi importante para ambos. Do ponto de vista de Eboli, esta parceria foi fundamental para lhe permitir desenvolver estratégias profissionais e alcançar seu auge com abertura do empreendimento médico-terapêutico, o Instituto Sanitário Hidroterápico, em Nova Friburgo; para o patriarca da família, Antônio Clemente Pinto, primeiro barão de Nova Friburgo, este auxílio o destacava dentro de sua classe social, dando-lhe uma feição moderna, de apoiador da ciência, como se verá no capítulo 2 desta dissertação (BIAGIOLI, Mário. *Galileu, Cortesão: a prática da Ciência na cultura do Absolutismo*. Porto/Portugal: Porto Editora, 2006. Capítulo 2).

<sup>41</sup> SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas – Rio de Janeiro, 1920-1940*. Tese de Doutorado em História das Ciências da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2005.

<sup>42</sup> CORBIN, Alain. *Bastidores*. IN PERROT, Michelle (org). *História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>43</sup> SANGLARD. *Entre os salões e o laboratório. Op. Cit.*

auxílio para a consolidação de Carlos Eboli na região e para estimular seu crescimento profissional e possivelmente econômico, até a abertura do *Instituto Sanitário Hidroterápico*.

A presença do médico ganhava espaço e se fortalecia tornando-o “semelhante, quase íntimo”<sup>44</sup> destas famílias. O discurso médico era obedecido, influenciando inclusive nos “conhecimentos transmitidos de mãe para filha”<sup>45</sup> sobre os cuidados com a saúde. Representavam também os novos e civilizados hábitos, através dos quais seria possível ter uma vida mais saudável. Como apresentaremos no tópico a seguir, o “médico recomenda as ‘curas de ar’, encoraja o relançamento, poderosíssimo do termalismo”<sup>46</sup>, prática que já tinha conquistado seu espaço na Europa, principalmente entre a classe mais alta, e que auxiliaria na difusão da hidroterapia, por esta também ter na água a fonte de recuperação da saúde.

## 1.2 Compreensão sobre saúde e doença no século XIX.

*Seria, contudo, exagerado e falso imaginar que as representações médicas se imponham espontaneamente a toda uma sociedade apenas por suas virtudes demonstrativas. Se a medicina transforma-se no principal guia de leitura do corpo e da doença é porque a ciência médica se elabora no seio da sociedade e como resposta a seus questionamentos, e não num universo científico totalmente subtraído da realidade.*<sup>47</sup>

É necessário, porém, uma apresentação da visão que foi se construindo sobre o corpo e sobre enfermidades ao longo do século XIX e como ela correspondia aos ideais determinados culturalmente, antes de entrar na questão da utilização das discussões sobre a saúde dentro da organização das dinâmicas sociais e das novas práticas inseridas na sociedade desta região.

A doença não era apenas um fenômeno fisiológico, ela ganhava aspectos espirituais e sociais, influenciada por causas externas ao corpo de quem era considerado enfermo. O discurso médico, portanto, sai dos limites das academias e ganha uma linguagem acessível, adentrando em todas as camadas sociais. A figura do médico é absorvida como instrumento dos interesses dominantes e torna-se cada vez mais presente na sociedade oitocentista, principalmente no seio das grandes famílias enriquecidas pelo café, como veremos a seguir.

Oliver Faure apresenta o papel dos Estados na institucionalização do discurso médico: a partir do momento em que os soberanos necessitam aumentar a população sob sua regência

<sup>44</sup> CORBIN. Bastidores. *Op. Cit.*

<sup>45</sup> *Ibidem.*

<sup>46</sup> *Ibidem.*

<sup>47</sup> FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História do corpo: da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012; p. 15.

para fortalecer o poder militar e econômico, apostam no cuidado com a saúde da população, através principalmente da promoção da higiene. Assim, os médicos contam com um apoio do Estado e caminham junto com seus interesses.<sup>48</sup>

Seguindo esta linha de pensamento, podemos entender que o apoio dado pelos grandes fazendeiros aos médicos alocados no interior fluminense também correspondia ao interesse em manter a população saudável a sua volta, exercendo seu poder nas relações de interdependência, com destaque para os escravos. Manter estes cativos em número crescente ou sem numerosas perdas também seguia o planejamento de manutenção da produtividade cafeeira frente à concorrência de outras áreas, num contexto de dificuldade de reposição de mão de obra, como visto anteriormente.

Em relação à população livre, além do cuidado com os membros de sua família e de pessoas próximas, as autoridades locais consideravam salubridade pública como algo a ser investido, a partir do momento que ameaçava os indivíduos saudáveis com seus “maus ares” e os deixavam vulneráveis as constantes epidemias que assolavam aquelas sociedades.

Os denominados “maus ares”, “miasmas”, que teriam influência direta na saúde ou doença de uma pessoa estão de acordo com a corrente denominada Higienismo, uma das teorias médicas que dominavam o pensamento médico-acadêmico do século XIX. De acordo com o autor Luiz Otávio Ferreira, o médico francês. José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856) foi um dos principais responsáveis pela “tradução local” deste higienismo, durante o período de institucionalização da medicina no Brasil e dos periódicos especializados. Para Ferreira, o livro “*Du Climat et des Maladies du Brésil* pode ser considerado a obra-síntese do pensamento higienista brasileiro da primeira metade do século XIX”.<sup>49</sup> Para Sigaud, os trópicos tinham a temperatura elevada e sua umidade como principais agentes causadores das patologias, por possibilitarem a produção de emanações miasmáticas e a contaminação atmosférica. Porém, poderiam alcançar a salubridade, através da amenização dos efeitos de seu clima, a partir das medidas higienistas.

A chamada “topografia médica” também entra nesta teoria médica, apontando que a saúde, ou falta dela, em uma população dependia das condições do solo e das águas, complementando as de temperatura e umidade citada acima.<sup>50</sup> As regiões consideradas salubres para os médicos oitocentistas tinham como principais referências serem locais

---

<sup>48</sup> FAURE. O olhar dos médicos. *Op. Cit.*

<sup>49</sup> FERREIRA, Luiz Otávio. Introdução: José Francisco Xavier Sigaud e a tradução local do higienismo. IN SIGAUD, José Francisco Xavier. Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste Império. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009; p. 24.

<sup>50</sup> FAURE. O olhar dos médicos. *Op. Cit.*

elevados, com maior ventilação, cuja água seja “corrente e abundante” e com baixa umidade.<sup>51</sup> Por isso, Nova Friburgo era considerada um sanatório natural, atraindo os enfermos que acreditavam nos poderes curativos do seu clima, como apresentaremos no último capítulo.

As medidas higienistas acabaram por também serem utilizadas como ferramentas dos interesses políticos para que o país atingisse o patamar de “civilização”, através da educação da população, juntamente com o aumento do prestígio dos médicos na sociedade, pois o “suposto era que da aplicação de leis e medicina surgiria uma nação civilizada”.<sup>52</sup> Como afirma o autor Stelio Marras, o higienismo estava de acordo com o interesse político da elite e, apesar de estar presente na maioria das formas de tratamento, não teve uma adesão unanime.<sup>53</sup> O discurso médico, portanto, só se firmou a partir do interesse da sociedade, “cada vez mais obcecada, fascinada e agitada com o corpo e o destino dos indivíduos do que da medicina”.<sup>54</sup> Isso abre espaço para que os médicos se tornem presença cada vez mais constante dentro das sociedades, ávidas por resolução de seus problemas de saúde.

Portanto, “a medicina do século XIX mais abriu o campo das possibilidades do que tentou definir-lhes uma orientação unívoca”.<sup>55</sup> As diversas teorias coexistem e até se misturam, justamente por nenhuma delas apresentar uma resposta totalmente eficaz para estes problemas apresentados pela população.

Dentro da corrente higienista, escolhida por se tratar do pensamento predominante dentro da rede de médicos escolhida para ser abordada nesta pesquisa, a água tem papel fundamental como meio de prevenção de enfermidades e, como iremos abordar no capítulo 3, também como forma de tratamento, através da hidroterapia, especialidade de Carlos Eboli. As transformações sobre o hábito do banho, juntamente com a mudança no modo de olhar para o corpo são fatores importantes para a compreensão dos diversos momentos da utilização da água na limpeza do espaço e do corpo, em relação aos preceitos higiênicos e médicos.

De acordo com Maria Manuel Quintela, o uso da água para fins terapêuticos já era utilizado desde Hipócrates, na Grécia Antiga, “que aconselhava banhos quentes e que defendia que as águas eram uma das primeiras coisas que um clínico teria de conhecer quando

<sup>51</sup> SIGAUD, José. Francisco. Xavier. Do Clima e das Doenças do Brasil ou Estatística Médica desse Império. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. p. 105.

<sup>52</sup> MARRAS, Stelio. A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte/MG: Editora Humanitas, 2004, p. 100.

<sup>53</sup> MARRAS. A propósito de águas virtuosas. *Op. Cit.*

<sup>54</sup> FAURE. O olhar dos médicos. *Op. Cit.* p. 55.

<sup>55</sup> *Ibidem.*

ia para um novo lugar exercer [sua profissão], a par do clima e dos ares”.<sup>56</sup> Porém, assim como as teorias médicas do século XIX, o olhar sobre a água e seu uso também refletia todo pensamento externo. Então, se na Antiguidade, principalmente entre os romanos, as termas eram locais procurados tanto para cura quanto para o prazer, na Europa da Idade Média estes locais tornam-se alvo de hostilidade.<sup>57</sup> O banho, de água quente principalmente, torna-se um ato profano, porque pode despertar desejos sexuais e o ambiente privado transforma-se em convite a maus pensamentos.<sup>58</sup>

O banho também tem uma forte ligação com rituais, recomendados em várias religiões. Seja adicionada com um preparado de ervas ou abençoada pelo sacerdote, a água ganha uma nova conotação aos olhos dos fiéis, que a utilizam em busca de sua cura. E é esta conotação que facilita novamente a abertura destes locais de banhos, apenas como locais de cura, sendo estas atribuídas a virtudes santas.<sup>59</sup>

A ida da aristocracia, já no século XVIII, aos locais destinados para banhos torna-se um novo marco a este desenvolvimento, já que esta classe é o exemplo de civilização para o restante da população. Porém, o banho não é incorporado tão fácil aos hábitos sociais, pois o “contato banalizado com a água não é uma constante na história do Ocidente”.<sup>60</sup> A água não era “domesticada”, não estava presente dentro das casas e a engenharia hidráulica ainda não estava desenvolvida para tal, só vindo a ser utilizada a partir de uma reorganização urbanística, como será apresentado no último capítulo.

No século XIX, a água continua sendo um meio estranho, assim como seu efeito sobre o corpo. O banho mantém-se, então, relacionado à prática médica. A água quente, inclusive, assim como na Idade Média, não é recomendada, pois se acreditava que enfraquecia o organismo, em contraste com a água fria, que produziria um efeito de despertar “vigores úteis”.<sup>61</sup> Seguindo o pensamento higienista, se o corpo é sensível aos efeitos do meio em que se insere, a água também seria um agente modificador e, portanto, deve ser ministrada por um

---

<sup>56</sup> QUINTELA, Maria Manuel Correia de Lemos. Águas que curam, águas que “energizam”: etnografia da prática terapêutica termal na Sulfúrea (Portugal) e nas Caldas da Imperatriz. Tese de doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social e Cultural), apresentada à Universidade de Lisboa, através do Instituto de Ciências Sociais. Lisboa, 2008. p. 52.

<sup>57</sup> *Idem*. Saberes e Práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz) – História, Ciências, Saúde –Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1), 2004.

<sup>58</sup> VIGARELLO, Georges. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História do corpo: da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

<sup>59</sup> QUINTELA. Saberes e Práticas termais. *Op.Cit.*

<sup>60</sup> VIGARELLO. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. *Op.Cit.* p. 375.

<sup>61</sup> *Ibidem*. p. 378.

especialista. É feito então um estudo científico da água, e seu saber é separado do considerado popular.<sup>62</sup>

Se anteriormente, a troca de roupa e a utilização de perfumes indicavam a limpeza do corpo, no século XIX, a água tem seu papel definido na área da higiene pessoal. “O corpo seria feito de zonas escuras, espaços escondidos, sujeitos à transpiração, a odores, lugares mais ameaçados pelo sujo que outros. São esses lugares que as lavagens parciais visam com toda prioridade”.<sup>63</sup> As bacias dentro das casas, então, representavam sim um progresso no olhar sobre os benefícios que o corpo limpo poderiam trazer para a saúde. E a isto acompanhava a emergência das exigências sanitárias impostas pelos discursos higienistas.

Novas visões sobre o corpo começam a ser difundidas, tais como a importância da pele, que agora respira e auxilia no bom funcionamento do organismo.<sup>64</sup> Mantê-la limpa e fresca, portanto, seria útil ao fortalecimento do corpo. “A água é o objeto de comentários novos com o século: suas vantagens seriam as do conforto e utilidade; sua ação seria tanto mais simplesmente eficaz como mais simplesmente provada”.<sup>65</sup> Porém, ela ainda não está dentro da casa da população e as denominadas casas de banhos estavam em locais elitizados, tais como grandes hotéis.<sup>66</sup>

A água é transformada em comércio. As casas de banhos atendiam a população que poderia pagar por este serviço. Como Vigarello (2012) apresenta, até mesmo o estabelecimento de banhos classificado como públicos em Liverpool, em 1842, funcionava a preços reduzidos. As classes menos abastadas, que não poderiam pagar nenhuma quantia, continuavam a se banhar em rios ou no mar. Mas, quando o discurso higienistas consolida o pensamento da importância da limpeza, tanto como fortificadora como protetora, “a água dos privilegiados não poderia, no entanto, pertencer só a eles”<sup>67</sup> e modo de usá-la em benefício da saúde começam a ser ensinado, principalmente para as mulheres, designadas no cuidado da casa e dos filhos, e dentro das escolas.<sup>68</sup>

E foi a engenharia hidráulica que permitiu que as águas fossem distribuídas pela população, a partir do momento em que as cidades se organizam para isso e que as águas com

---

<sup>62</sup> QUINTELA, Maria Manuel Correia de Lemos. Águas que curam, águas que “energizam”: etnografia da prática terapêutica termal na Sulfúrea (Portugal) e nas Caldas da Imperatriz. Tese de doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social e Cultural), apresentada à Universidade de Lisboa, através do Instituto de Ciências Sociais. Lisboa, 2008.

<sup>63</sup> VIGARELLO. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. *Op.Cit.* p. 380.

<sup>64</sup> VIGARELLO. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. *Op.Cit.*

<sup>65</sup> *Ibidem.* p. 382.

<sup>66</sup> VIGARELLO. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. *Op.Cit.*

<sup>67</sup> *Ibidem.* p. 386.

<sup>68</sup> VIGARELLO. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. *Op.Cit.*

os dejetos são separadas das águas limpas, que viriam para a consolidação deste novo hábito recomendado. “A lavagem do corpo poderia e deveria ser aí cotidiana, servida por uma total reinvenção dos circuitos de água”.<sup>69</sup> As cidades, assim como a arquitetura das habitações e espaços de convivência, transformam-se para comportar este espaço destinado para atender a esta nova necessidade do corpo, como veremos no caso da cidade de Poços de Caldas/MG no terceiro capítulo desta dissertação.

As novas práticas do banho e da água no final do século supõem uma total conversão do imaginário das cidades, bem como uma total conversão do imaginário do corpo. Supõem uma profunda redistribuição do espaço também: uma nova maneira de fazer o corpo passar por fluxos que o mantêm, o “reconfortam”, seja na intimidade das moradias da elite, seja na funcionalidade dos estabelecimentos para todos.<sup>70</sup>

É justamente esta mudança na visão do corpo e das águas que consideramos ter sido essencial para o sucesso da prática hidroterápica instituída por Carlos Eboli nas vilas de Cantagalo e Nova Friburgo, no final dos anos 1860 e início da década de 1870, como será apresentado nos capítulos seguintes. Este momento na trajetória de nosso personagem também acompanha o aparecimento do turismo, no final do século XIX, como atividade econômica e cujo termalismo atraía visitantes por contar com um local agradável, na maioria das vezes longes das agitações das grandes cidades.<sup>71</sup>

### **1.3 A saúde como instrumento da classe senhorial.**

A formação da classe senhorial no interior fluminense também se fortaleceu a partir das “formas de solidariedade horizontal, estando presentes nas Misericórdias, frequentando as lojas maçônicas, constituindo sociedades políticas [...] e formando na Guarda Nacional”.<sup>72</sup> Os grandes proprietários tinham a preocupação de auxílio mútuo dentro de sua rede de interdependências como forma de manter o grupo social unido, de fortalecer a proteção e de confirmar a sua hegemonia frente aos outros grupos presentes na região, que se manteriam dependentes destes grandes proprietários. A disponibilidade de fornecer assistência à saúde

---

<sup>69</sup> *Ibidem.* p. 383.

<sup>70</sup> *Ibidem.* p. 392.

<sup>71</sup> QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op.Cit.*

<sup>72</sup> MATTOS. O tempo Saquarema. *Op. Cit.* p. 67.

torna-se uma das práticas recorrentes para a manutenção deste grupo e sua hegemonia frente a outras classes sociais.

Como exemplo desta prática, podemos citar um termo de dívida de João Vieiras de Queiroz a Jeremias José de Brittos, no qual se entende que, sendo ambos os fazendeiros<sup>73</sup>, um teria cedido a enfermaria de sua fazenda para o tratamento do outro e também de dois de seus escravos. O documento apresenta as seguintes informações: José de Queiroz, em tratamento de uma disenteria por 85 dias, deve 250\$000 gastos com alimento, receituários, remédios e trabalho de enfermeiro. A escrava Antônia, mantida para tratamento por três meses, acresce a essa soma 200\$000 através de gastos com remédio, receitas e enfermeiro. E para fechar a conta, o escravo Liberato ficou em tratamento durante 35 meses e 19 dias, gastando 10\$000 mensais.<sup>74</sup> Provavelmente, neste último caso, o escravo tenha ido e voltado algumas vezes do hospital. Podemos entender então, que era também uma prática comum entre os fazendeiros abrir suas enfermarias para receber aqueles vindos de outras fazendas que precisavam de tratamento, como apresentaremos no caso de Carlos Eboli na Fazenda Gavião, desde que arcassem com as despesas do período que permanecessem nas enfermarias. Talvez por isso, os senhores mantivessem os escravos apenas por tempo de uma significativa melhora, que já os deixava em condições de trabalho.

A notícia a seguir, publicada em 1863 no jornal *O Portuguez*, que circulava na Corte, também aponta a utilização da enfermaria das fazendas para além dos moradores e escravos que construíam seu cotidiano. Neste caso, a enfermaria é aberta a receber enfermos de outras localidades, chamando atenção o fato deste “aviso-propaganda” no jornal enfatizar a questão do clima e da topografia da região, que, segundo os preceitos higienistas apresentados anteriormente, teriam influência direta na cura das moléstias.

Aos<sup>75</sup> doentes e convalescentes de qualquer enfermidade, que tenham por ordem de médico ou por espontânea vontade de mudar de clima: noticiamos-lhe que no município de Pirahy, junto a ponte de Mesquita, se estabeleceu uma casa de saúde, na fazenda do Sr. Dr. José Antônio Nogueira de Barros e à testa da qual se acha este distinto médico.

A fazenda de Santo Antônio está situada em um lindo vale cercado de montanhas e à margem do Rio Pirahy. A habitação tem magnificas acomodações, e a fazenda lindos jardins, pomares e passeios por caminhos espaçosos feitos especialmente. O clima é mui saudável, o ar puríssimo, e

<sup>73</sup> O documento não aponta claramente a localidade destas fazendas, mas considerando conjunto documental no qual está inserido, podemos concluir que era em Cantagalo.

<sup>74</sup> FUNDO de Documentos de Cantagalo, Caixa 5, documento 122. Disponível no acervo da Fundação Dom João VI, em Nova Friburgo/RJ.

<sup>75</sup> As transcrições serão realizadas com a ortografia atualizada.

incontestavelmente tão bom como o de Friburgo e muito superior ao de Petrópolis<sup>76</sup>.

Destaca-se a referência feita ao clima de Nova Friburgo como um dos melhores da província fluminense e usado como meio de comparação para descrever como o clima no qual estava situada a fazenda em questão era favorável ao tratamento e seria de grande utilidade para receber os enfermos. Ainda neste anúncio, a descrição do médico José Antônio Nogueira de Barros também nos chama atenção, por destacar seu alto grau e sua posição elevada na sociedade, como forma de provar sua credibilidade. Por fim, apresentando um recurso típico das propagandas dos serviços médicos oferecidos através dos jornais, a nota traz a seguinte informação: “Muitas pessoas distintas têm visitado e habitado a casa de saúde de Santo Antônio e podemos garantir que todas têm saído satisfeitas”<sup>77</sup>. Os depoimentos serão também utilizados por Carlos Eboli nas propagandas do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, como apresentaremos no capítulo 3.

A partir do pensamento higienista, também podemos considerar que era interessante que as enfermarias das fazendas fossem realmente utilizadas como ponto de atendimento tanto da região na qual estavam estabelecidas, como para receber outros pacientes, já que assim, o risco da presença de doenças nos centros mais populosos seria amenizado. A preocupação, na maioria das vezes, recaía sobre os sãos. Os doentes que deveriam se afastar para o bem de todos e o interior, com sua topografia médica recomendada, acabava tornando-se um bom lugar para instituir estes estabelecimentos de saúde, ainda mais com o recurso da ferrovia, que facilitaria o deslocamento mais rápido para estas áreas. E isto também aparece nas páginas d’ *O Portuguez*:

Por mais alto que soem as reclamações contra o estabelecimento das casas chamadas de saúde, no centro da cidade, elas não são atendidas pelos poderes do Estado, e por conseguinte nenhuma providencia aparece que ponha um termo a desenfreada especulação de hospitais, que se constituem centros de miasmas que põem em risco permanente a vida de quem goza saúde...<sup>78</sup>.

O jornal *Correio Mercantil* (1863) traz mais um exemplo, apresentando o papel destas enfermarias no atendimento daqueles que eram atingidos durante as grandes epidemias, como

<sup>76</sup> [AOS doentes e convalescentes]. *O Portuguez*, 7 de maio de 1863, página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 12 de novembro de 2016. p. 2

<sup>77</sup> *Ibidem*.

<sup>78</sup> SALUBRIDADE pública. *O Portuguez*, 7 de maio de 1863, página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 12 de novembro de 2016. p. 2.

foi o caso da cólera. Os dois casos são do município de Valença, no qual a enfermaria da fazenda do Barão do Rio Preto abriu as portas para o atendimento de dois negros, sendo um tropeiro e outro que trabalhava na estrada da Polícia:

Principiarei pelo que mais interessante é na presente quadra, isto é, noticiando-lhe que o estado sanitário nesta vila e seus arrabaldes é satisfatório.

Na fazenda do Sr. Barão do Rio Preto continua a cólera a fazer estragos, se bem que vá declinando, e não seja já com a intensidade com que apareceu.

Constou hoje que na fazenda do Sr. Antônio Leite Pinto, daqui distante três léguas, morreu um preto tropeiro, e chegado de Iguaçu, aturando somente sete horas e com todos os sintomas da moléstia reinante.

Há dias também morreu, perto do Rio Paraíba um escravo que trabalhava na estrada da Polícia, o qual, sendo acometido, foi logo socorrido pelo médico da fazenda de Santa Mônica, o Dr. José Felix Cordeiro; porém os remédios oportunamente aplicados de nada valeram, e em duas horas sucumbiu.<sup>79</sup>

Analisar esta questão do tratamento de saúde dado ao escravo mostra que a rede de relações do Vale do Paraíba Fluminense não se dava apenas entre os proprietários e setores livres da sociedade e que compreendê-la pode revelar aspectos importantes para o entendimento do papel da área da saúde como um dos fios condutores desta relação. A escravidão “era o cenário e a base da expansão social, econômica e política da classe senhorial”.<sup>80</sup> Ao grupo subalterno, como denomina João Fragoso (2013), também coloca limites e molda o espaço de atuação destes grandes proprietários, vista a dependência que tinham em relação a estes cativos para a manutenção da produção. Voltando ao título do primeiro tópico deste capítulo, podemos recorrer ao complemento que o político gaúcho Gaspar Silvério Martins, usado durante a campanha abolicionista: “O Brasil é o café, e o café é o negro”.<sup>81</sup> Além disso, esta relação também se baseava no receio constante de uma revolta vinda da senzala, já que os cativos estavam em maior número. E isto gerava diversas negociações para amenizar o trabalho pesado o qual realizavam. “Aqui não custa reforçar que a recíproca também é verdadeira: o estudo dos escravos pressupõe o fino conhecimento dos senhores”.<sup>82</sup>

<sup>79</sup> INTERIOR. O Correio Mercantil. 7 de fevereiro de 1856. Página 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 4 de novembro de 2016. P.2

<sup>80</sup> MUAZE, Mariana. O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial. In: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense - fase III*. Rio de Janeiro: INEPAC/ Instituto Cidade Viva, 2011, v.3, p. 293-340. Disponível em [http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2010/12/15\\_mariana\\_muaze.pdf](http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2010/12/15_mariana_muaze.pdf). Acessado em 28 de abril de 2016. p. 329.

<sup>81</sup> MUAZE. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>82</sup> FRAGOSO. Barões do café e sistema agrário escravista. *Op.Cit.* p. 13.

Preocupar-se com a saúde dos escravos, portanto, não se tratava apenas de uma obrigação moral, mas de uma precaução com a possível perda financeira que viria como consequência, como demonstra o Barão de Paty do Alferes, de acordo com Mariana Muaze (2015). O recolhimento de um escravo a enfermaria da fazenda significaria um tempo sem uma mão de obra fundamental para o ritmo exigido pelo mercado internacional ao qual dependiam e serviam.

Para auxiliar o tratamento destes escravos, o médico francês Jean-Baptiste Alban Imbert produziu a obra denominada *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado as necessidades médicas de todas as classe* (1839).<sup>83</sup> A primeira edição deste *Manual* discorria sobre o tratamento das doenças consideradas dos negros, relacionadas as suas condições de vida, má alimentação e os chamados “maus hábitos”; seguido por esta segunda edição que será aqui analisada, na qual apresenta uma perspectiva das doenças generalizadas à todas as classes.

Podemos considerar que este *Manual* foi elaborado para ser mais uma ferramenta que aproximaria os médicos das famílias dos grandes fazendeiros e também para convencê-los da importância de ter estes profissionais em suas propriedades. Interessa-nos também destacar que o autor desta obra foi um dos primeiros estrangeiros a validar seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o que também representava o olhar dos médicos estrangeiros para esta região e para a salubridade dos trabalhadores e daqueles que constituíam a classe dominante das áreas mais ricas do Império naquele período, fazendo uma ponte entre os conhecimentos vindo do exterior e as necessidades do interior brasileiro.

O *Manual* tinha como objetivo educar os proprietários de acordo com os conhecimentos médicos científicos, apresentando a teoria do infeccionismo e descrevendo de forma didática a anatomia humana. Isto auxiliaria no reconhecimento dos sintomas e na construção de um diagnóstico mais preciso possível, possibilitando o fazendeiro a começar os procedimentos iniciais até a chegada de um profissional gabaritado para lidar com a enfermidade e, assim, afastá-los dos conhecimentos e dos práticos populares, mesmo que se utilizem recursos nativos, como plantas medicinais.

Refletindo sobre erros irreparáveis que nascem incontestavelmente da prática médica popular, tanto quanto soubesse em nosso poder, por uma instrução própria a dirigir os proprietários distantes de todo socorro, no tratamento das enfermidades dos negros de seus estabelecimentos.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> IMBERT, Jean-Baptiste Alban. *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado as necessidades médicas de todas as classes*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1839.

<sup>84</sup> *Ibidem*. pp. 17 e 18.

Através do autor, como um representante, a medicina acadêmica mostra-se preocupada em fornecer a base de ação para aqueles que se encontram afastados dos grandes centros, nos quais a maioria de médicos se concentravam. O *Manual* era um objeto voltado especialmente para as pessoas que exerciam grande influência nas localidades onde residiam. Se estas referências locais seguissem as orientações médicas em detrimento dos saberes populares que eram disseminados na sua região, seria mais fácil de convencer a população local a acompanhar este pensamento.

Entre os métodos indicado para a cura destas enfermidades, destacamos o que Imbert (1839) defende sobre a utilização dos banhos:

Algumas vezes são necessários banhos gerais ou particulares no decurso do tratamento de uma moléstia. A maneira de os administrar e as precauções que neles haver, contribuem para as vantagens que deles se pode tirar. Se são mui quentes, irritam, e não produzem o relaxamento dos tecidos ou o suor, resultados que nos propomos geralmente obter de sua aplicação em uma moléstia aguda; se são muito frios, determinam uma concentração para o interior e tendem a aumentar as congestões viscerais; se os doentes ficam mui pouco tempo no banho, a água não tem aquele necessário para o calor desenvolver suficientemente sua ação relaxante; se estão nele muito tempo metidos, ficam fracos, é necessário pois seguir um justo meio sobre todas estas condições, isto é, que a água se ache em uma temperatura que produza uma sensação agradável ao doente, que entra em um banho, e que nele se demore uma ou duas horas, quando muito, e meia hora, pelo menos.<sup>85</sup>

O século XIX, portanto, foi palco do crescimento da influência do discurso médico na sociedade, o qual buscava se consolidar e monopolizar as práticas de cura. E, assim como o grande proprietário era centralizador de toda uma dinâmica social, as fazendas tornaram-se um pequeno e rico núcleo urbano, atraindo a presença de vários profissionais, inclusive os médicos e disseminando novas formas de pensar e de agir. Em Cantagalo, por exemplo, a maioria destes médicos era estrangeira.<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> *Ibidem.* pp. 12 e 13.

<sup>86</sup> BRANDÃO, MATTOS e CARVALHO. A polícia e a força policial no Rio de Janeiro. *Op. Cit.*

#### 1.4 A atuação dos médicos no interior fluminense.

Como observaremos nos capítulos seguintes, no caso de Carlos Eboli, o primeiro registro de sua atuação em Cantagalo, de acordo com o Almanak Laemmert, é datado de 1862. Porém, a validação de seu diploma pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro só aconteceria em 1863. Então, podemos considerar a interiorização como uma estratégia destes médicos estrangeiros para já começarem a trabalhar, mesmo antes de ter seu diploma reconhecido. No interior, existia essa urgência por quem tivesse conhecimento de práticas de saúde, como vimos na epígrafe de abertura deste capítulo. A questão da saúde era de grande preocupação dentro das sociedades do interior à época, ofertando grande valor moral aqueles que tinham algum conhecimento sobre práticas de cura. Um boticário, à época, por exemplo, já recebia o tratamento de doutor. Tinha credibilidade junto a população e, além de um espaço de cura, sua botica acaba tornando-se palco de sociabilidade nas pequenas e médias vilas do interior.<sup>87</sup>

Baseado nas memórias de seu pai, médico que atuava no Vale do Paraíba, Eloy de Andrade (1989) descreve algumas características da dinâmica na qual estes profissionais eram inseridos e através das quais tinham a oportunidade de participar da intimidade de diversos grupos sociais à época. Estes médicos, segundo ele, chegavam ao interior levando consigo cartas de apresentação, e se hospedavam em alguma fazenda, enquanto não se estabeleciam residência fixa, como também apresenta o Visconde de Taunay em *Inocência*. A aproximação com uma família com prestígio na região poderia ser de grande valia para o sucesso da consolidação do médico naquela sociedade, como consideramos ser o caso de Carlos Eboli e a família Clemente Pinto, citado anteriormente.

As condições das estradas no século XIX, ainda mais no interior, deixava o exercício da clínica ainda mais difícil.<sup>88</sup> Ainda de acordo com Eloy de Andrade (1989), cada visita médica custava cerca de vinte mil réis por légua e o dobro caso o chamado fosse durante a noite, e esta dificuldade com as estradas encareciam ainda mais estas consultas. A visita do médico, então, tornava-se rara e alterava a rotina daquelas populações. Aproveitando da vinda dele a uma casa, outros já se apresentavam para tirar suas dúvidas e buscar um tratamento para o que lhe afligia. “Um só chamado reunia o exame de vários doentes; a presença do

<sup>87</sup> GUIMARÃES, Maria Regina Contrim. Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 2003

<sup>88</sup> ANDRADE, Eloy de. O Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, 1989.

médico era, assim, bem ‘aproveitada’”.<sup>89</sup> Os médicos tentavam também tornar suas recomendações mais compreensíveis, já que era muito comum as pessoas não saberem ler e escrever. Então, as instruções se davam através das descrições dos remédios, indicando cor, tamanho dos frascos e gosto: “O remédio doce é para o Joaquim, o amargo para o João”,<sup>90</sup> por exemplo.

Por mais que fossem respeitados, os médicos passavam a ser vistos apenas como servidores, que deveriam estar disponíveis para qualquer chamado, a qualquer hora e com a obrigação de que seu tratamento levasse a cura. Voltando à experiência de José Albuquerque, citada no começo deste capítulo, os médicos viviam entre o reconhecimento e a possibilidade de encerrar sua carreira na região onde atuava, caso algum tratamento, desenvolvido através dos métodos que afirmavam ser os corretos, não obtivesse o resultado esperado.

O ambiente que se formara em torno de mim era o pior possível. Tinha todos contra mim: o médico, as irmãs e, certamente, as pessoas da família da operada se esta viesse a falecer. A doente precisava se salvar, custasse o que custasse. Sua morte seria minha ruína profissional naquela zona, tanto mais que as ocorrências da sala de operações já haviam ganhado as ruas de Araraquara, por onde circulavam de boca em boca, e já haviam chegado até Ponte Alta e seus arredores.<sup>91</sup>

Pela experiência de seu pai, Eloy Andrade (1989) aponta que “mandavam recados pela criada para que se dissesse que estavam esperando, não sabendo que, apenas horas antes, pela madrugada, chegara de viagem a uma fazenda distante, tendo dormido duas ou três horas apenas”.<sup>92</sup> E nesta prática denominada clínica livre, a questão do pagamento também era delicada, já que poucos poderiam pagar e, aqueles que dispunham de recursos, ainda barganhavam a quantia estipulada pelo médico. Porém, como agradecimento, alguns daqueles sem recursos, os presenteavam com gêneros alimentícios cultivados por eles e até animais.<sup>93</sup> Este tratamento dado ao médico também foi tema de uma crônica publicada n’ *O Friburguense* (03/08/1890).

Ninguém lhes apregoa os sucessos de anos inteiros, mas declaram logo que morreu o doente da casa de seu fulano, justamente onde são mais numerosas suas curas, o que já não se lembram.

<sup>89</sup> *Ibidem.* p. 232.

<sup>90</sup> *Ibidem.* p. 233.

<sup>91</sup> ALBUQUERQUE. Meu encontro com os outros. *Op. Cit.* p.115.

<sup>92</sup> ANDRADE. O Vale do Paraíba. *Op. Cit.* p. 236.

<sup>93</sup> ANDRADE. O Vale do Paraíba. *Op. Cit.*

O que querem é que o médico vá logo que seja chamado – principalmente os que não pagam – sem se lembrarem que eles são homens e que também ficam doentes.

A gratidão para os médicos dura, em geral, o tempo da moléstia.<sup>94</sup>

Voltando à análise de *Inocência*, vale destacar também a questão da medicação por conselho de vizinhos, de familiares ou por experiências próprias, que acaba por ser uma prática comum. Além dos conhecimentos de ervas e outras formas de tratamentos caseiros herdados por tradição oral, os guias médicos entravam nas casas com uma função didática, para que os conhecimentos médicos acadêmicos fossem também incorporados nos hábitos populares, como foi o caso do *Manual do Fazendeiro* citado anteriormente. Entre estes guias médicos, podemos destacar o que fora organizado por Pedro Luiz Napoleão Chernoviz.<sup>95</sup>

“Contém Chernoviz, dizem os entendidos, muitos erros, muita lacuna, muita coisa inútil e até disparatada; entretanto no interior do Brasil é a que incontestavelmente presta bons serviços, e cujas indicações têm força de evangelho”.<sup>96</sup> A partir de uma linguagem acessível, os conhecimentos científicos e a perspectiva higienista eram transmitidos para a população através deste manual, contribuindo para afirmação do discurso médico, que acompanhavam também um dos interesses da classe senhorial: “Os manuais de medicina popular, em geral, eram bastante condizentes com tais aspirações civilizadoras próprias do período - levar a verdade ao povo”.<sup>97</sup>

Cirino Ferreira de Campos, o personagem principal de *Inocência*, era formado pela escola de farmácia do Ouro Preto e tinha seu manual médico Chernoviz como livro de cabeceira. Viajava todo o interior a medicar, seguindo os métodos indicados por sua “bíblia médica”, ao mesmo tempo em que também colhia informações sobre novos recursos da chamada “matéria médica vegetal”, através, principalmente, da tradição oral local, citada no início deste tópico. Integrava os conhecimentos vindos da academia com aqueles que eram colhidos entre os habitantes da região, dispondo de recursos naturais específicos de cada lugar, o que acaba aproximando este forasteiro da população, ganhando sua confiança.

<sup>94</sup> FOLHETIM: OS MÉDICOS. O Friburguense, 3 de agosto de 1890. Página 1. Disponível no acervo digital de jornais e periódicos do site da Fundação Dom João VI: [www.djoaovi.com](http://www.djoaovi.com). Acessado em 09 de abril de 2016.

<sup>95</sup> GUIMARÃES. Civilizando as artes de curar. *Op. Cit.*

<sup>96</sup> TAUNAY. *Inocência*. *Op. Cit.* p. 36.

<sup>97</sup> GUIMARÃES. Civilizando as artes de curar. *Op. Cit.* p. 8.

Conhecia Cirino o seu exemplar de cor e salteado; abria-o com segurança nos trechos que desejava consultar e graças a ele formara um fundo de instrução real e até certo ponto exata, a que unira o estudo natural das utilíssimas e ainda pouco aproveitadas ervinhas do campo.<sup>98</sup>

Através destes conhecimentos científicos e da palavra destes médicos de que seriam capazes de amenizar as mazelas e diminuir as recorrentes mortes naquela sociedade, estes profissionais tornaram-se cada vez mais próximos das grandes famílias proprietárias, recorrendo a eles para o tratamento de familiares e também de seus escravos.<sup>99</sup> “O processo de profissionalização do saber médico-científico trouxe, cada vez mais, esse tipo de profissional liberal para as cidades”.<sup>100</sup> Primeiramente, podemos observar esta influência a partir dos diários da Viscondessa de Arcozelo, que era casada com um médico, Joaquim de Castro, que viera de Portugal trabalhar como médico na fazenda de seu sogro, o Barão de Pati de Alferes. As anotações em seu diário relevam uma preocupação da Viscondessa em registrar as atividades da administração da fazenda, assim como informações sobre a saúde de membros da família. O marido, portanto, provavelmente exercia uma influência sobre seu modo de entender a saúde e a doença.<sup>101</sup>

A relação com os médicos também se tornou importante principalmente em épocas de epidemia, que atingia diretamente os escravos, por suas condições de vida e trabalho. Destacamos aqui o trabalho do médico italiano, assim como nosso personagem principal, Antônio Lazzarini. Nome que também está presente na relação de médicos citados nas observações clínicas feitas por Carlos Eboli, em *Hydrotherapia*<sup>102</sup> como será apresentado no capítulo seguinte.

Atuando em Vassouras, foi médico da Santa Casa de Misericórdia da cidade, da Fazenda Cachoeira Grande, de propriedade da esposa do Barão de Vassouras, Dona Maria Esméria, desempenhando papel relevante no tratamento de escravos acometidos de cólera. Também mantinha um consultório na cidade, característica comum aos médicos da época na região. Além disso, de acordo com o jornal *Diário do Rio de Janeiro* (11/11/1855), também se preocupava em orientar as comissões sanitárias e os fazendeiros de Vassouras, Valença,

<sup>98</sup> TAUNAY. Inocência. *Op. Cit.* p. 36.

<sup>99</sup> MAUAD, Ana Maria e MUAZE, Mariana. A escrita de intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. IN GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Capítulo 8.

<sup>100</sup> *Ibidem.* p. 212.

<sup>101</sup> MAUAD e MUAZE. A escrita de intimidade. *Op. Cit.*

<sup>102</sup> EBOLI, Carlos. Hydrotherapia: Memória Apresentada à Academia Imperial de Medicina para Obter o Título de Membro Correspondente. Annaes Brasilienses de Medicina, TOMO XXII, Abril de 1871, N. 11. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014.

Paraíba do Sul e Pirai em relação à epidemia de cólera que assolava a região e que, segundo ele, atingiria a parte mais vital da lavoura: os escravos. Publicou no *Jornal do Comércio* (27/10/1855), inclusive, uma coluna denominada *Algumas considerações sobre a epidemia do cholera-morbus, oferecidas ao Srs. fazendeiros, pelo Dr. Lazzarini*, na qual indica as principais formas de prevenção ao cólera:

Desgraçadamente todas essas circunstâncias fatais quase que se acham na população escrava empregada na lavoura! É preciso pois que todos os possuidores de escravos se convençam que a mais imperiosa e urgente necessidade é melhorar quanto antes a condição material dos mesmos escravos para que eles possam resistir ao ímpeto desta epidemia devastadora, se desgraçadamente forem acometidos.<sup>103</sup>

Além das indicações sobre alimentação e períodos de trabalho que deveriam ser mudados para fortalecer os organismos dos escravos, chama atenção também a parte em que o médico se coloca contra aqueles que denomina de charlatães, que se aproveitavam destas ocasiões de epidemia para tentar ocupar espaço entre os praticantes de cura. Esta forma de depreciar aqueles que ligados ao saber popular era uma das estratégias usadas pelos profissionais que buscavam consolidar o espaço do saber médico-científico.

Nestas épocas de terror público o charlatanismo toma proporções gigantescas e abusa da credulidade do povo. A multidão dos empíricos sem conhecimentos e sem títulos acadêmicos preconiza os seus infalíveis remédios preventivos e curativos, e o povo deixa-se enganar, e confiado em um remédio inútil, muitas vezes perigoso e nocivo, desprezando todo o tratamento racional, deixa agravar-se a moléstia, que se torna necessariamente mortal.<sup>104</sup>

Voltando o olhar novamente para a família Clemente Pinto, podemos destacar a relação do primeiro Barão de Nova Friburgo com o também primeiro Barão de Duas Barras, o médico João Antônio de Moraes. De acordo com Mariana Muaze (2011), a sociedade entre eles começou na década de 1820, quando o João Antônio de Moraes tornou-se administrador das fazendas de café Santa Maria do Rio Grande e Macabu. A sociedade rendeu ao médico o título de Barão e um dos patrimônios “mais significativos do Império”.<sup>105</sup> Na Fazenda São Lourenço, onde residia em Cantagalo, o Barão de Duas Barras mandou construir um prédio

<sup>103</sup> LAZZARINI, Antônio. Algumas considerações sobre a epidemia do *cholera-morbus*, oferecidas aos Srs. fazendeiros pelo Dr. Lazzarini. *Jornal do Comercio*, 27 de outubro de 1855. Página 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de janeiro de 2016. p. 2.

<sup>104</sup> *Ibidem*.

<sup>105</sup> MUAZE. O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial. *Op. Cit.* p. 314.

do hospital, no qual “a todos acolhia indistintamente, cujas despesas de manutenção corriam exclusivamente por seu bolso. E tinha grande carinho com os doentes que nele abrigava”.<sup>106</sup> De acordo com Eloy Andrade (1989), estas enfermarias estavam presentes principalmente em fazendas com grande número de escravos. Encontravam-se, em sua maioria, próximo às tulhas, local onde era guardado o café. Era separada em salões para homens e mulheres, possuía farmácia e se adequava aos padrões de higiene da época, inclusive com “defumação com alfazema, alecrim e incenso”,<sup>107</sup> para purificar a atmosfera contra os ares corrompidos.

A atuação destes médicos em prol daqueles que não poderiam pagar por seus serviços denominava-se médico de partido. Ressalte-se que no caso do Vale do Paraíba, o médico de partido, que geralmente estavam vinculados às câmaras municipais, também poderiam atuar como contratados pelos grandes proprietários de terras e escravos – como foi o caso de Carlos Eboli, por exemplo. Eloy de Andrade (1989) destaca a grande importância dos médicos de partido na dinâmica das fazendas justamente por estar sob seus cuidados os “escravos de preços altos, cuja perda seria sensível à economia do lavrador”.<sup>108</sup> De acordo com este autor, o

médico de partido era o contratado pelos fazendeiros por simples ajuste verbal, em que por determinada quantia, paga semestral ou anualmente, se obrigava, em dias certos da semana ou do mês, a visitar e tratar de todos os doentes da fazenda, membros da família, empregados e escravos.<sup>109</sup>

## 1.5 Salubridade e assistência pública

Saindo dos limites da fazenda e das demais unidades de assistência localizadas no Vale do Paraíba fluminense, este tópico tem o objetivo de relatar outras formas utilizadas para amenizar a preocupação com a saúde geral das vilas e, principalmente, daqueles que não tinham condições de pagar pelo tratamento, o que transformava esta questão em uma responsabilidade, que permearia as discussões das autoridades locais. Para tal, nos basearemos principalmente nos dados fornecidos pelas Posturas Municipais e por requerimentos enviados à Câmara Municipal, ambos os conjuntos referentes a vila de Nova Friburgo.

<sup>106</sup> VEIGA, Judith de Moraes. João Antônio de Moraes: 1º Barão das Duas Barras. Rio de Janeiro, 1948. p. 56.

<sup>107</sup> ANDRADE. O Vale do Paraíba. *Op. Cit.* p. 225.

<sup>108</sup> *Ibidem.* p. 288.

<sup>109</sup> *Ibidem.*

Assim como vimos no exemplo do médico Antônio Lazzarini em relação aos fazendeiros, no final dos anos 1850 e início dos anos 1860, a cólera era uma doença preocupante na região. Como não se conhecia um tratamento realmente eficaz, a prevenção tornava-se de grande importância, como aprofundaremos no último capítulo. Além da cólera, o chamado “mal das bexigas”, a varíola, também estava presente na agenda de prevenção destas autoridades, através do envio de lâminas com pus vacínico para promover a vacinação dos moradores, no caso deste documento, da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer<sup>110</sup>, em Nova Friburgo.<sup>111</sup>

Ambas as doenças possuíam métodos diferentes de intervenção e que caracterizavam os principais modelos utilizados na época, cujos exemplos serão abordados neste tópico. A primeira demandava o saneamento e o cuidado com a limpeza do espaço, alimentos e águas para o consumo. Já a segunda exigia uma intervenção mais próxima das pessoas, através da vacinação. O cuidado com a saúde da população que não teria acesso ao atendimento particular ganha, então, cada vez mais espaço nas pautas das Câmaras, que tinham a responsabilidade sobre a área da saúde de sua cidade.

Porém, dentro destas pautas, além das medidas programadas para fornecer o tratamento aos habitantes enfermos, ações sobre estes indivíduos também tinha o objetivo de proteger os indivíduos saudáveis:

10° Quando se verificar dentro do município alguma moléstia de terrível contágio, as pessoas que dela estiverem infectadas serão obrigadas a recolherem-se a lugares para isso designados pela câmara, aonde deverão ser tratadas, para evitar-se a propagação do contágio: os que se oporem a execução desta postura pagarão 30\$ réis de multa e sofrerão 6 dias de prisão, e na reincidência terão 20 dias de cadeia

(...)

14° Toda a pessoa que tiver moléstia contagiosa ou asquerosas não poderá transitar por lugares públicos, nem empregar-se na confecção ou venda de quaisquer gêneros pelos quais possa passar o contágio: os infratores pagarão 30\$ réis de multa, e terão 8 dias de cadeia, e na reincidência sofrerão 30 dias de prisão.<sup>112</sup>

Continuando a análise das Posturas Municipais de Nova Friburgo (1848) observamos que logo a primeira parte já estava dedicada para a questão da saúde pública. Além dos artigos que visavam à limpeza do espaço público, indicando medidas para que a atmosfera não fosse

<sup>110</sup> Corresponde, atualmente, ao município de Sumidouro.

<sup>111</sup> FUNDO da Administração Municipal de Nova Friburgo, caixa 12, documento 3711.

<sup>112</sup> POSTURAS Municipais, 1848. Artigos 10 e 14. Disponível no acervo da Fundação Dom João VI, em Nova Friburgo/RJ.

corrompida pelos miasmas, que prejudicariam a saúde da população. Entre elas, a preocupação com os terrenos pantanosos e as águas estagnadas.

O médico Alexandrino Freire do Amaral, em seu ofício-resposta ao questionamento da Câmara sobre a influência destas águas no desenvolvimento de males futuros, por exemplo, destaca que, mesmo há pouco tempo estabelecido em Nova Friburgo, sua preocupação com esta situação era motivada, principalmente, pelo aumento dos casos de “febres intermitentes”, relacionadas ao tifo, e outras “afecções de fundo palustre, que não podem ser produzidas senão pelos miasmas que se desprendem de semelhantes focos pela ação do sol”.<sup>113</sup> Observa que nas suas outras passagens pela vila, não se notavam casos deste tipo de moléstias “por não existirem as fontes de infecção”.<sup>114</sup> Vale destacar também que este médico se deslocou até Nova Friburgo com o intuito de tratar de sua própria saúde e recomenda “remediar o mal, enquanto é tempo, afim de que a umidade não penetre o subsolo desta localidade, que tem gozado de merecida representação como verdadeiro sanitarium pelo seu clima e pela altura em que está colocada”.<sup>115</sup>

Observa-se também ao longo das Posturas Municipais, artigos que definem as prevenções que deveriam ser realizadas através de ações diretas entre médicos e pacientes. O artigo 11º, inclusive, destaca uma destas ações, indicando a obrigatoriedade de

todas as pessoas, pais, tutores, mestres, amos, senhores e quaisquer outros que tiverem a seu cargo a criação d’algum infante ou educação d’algum adulto, de qualquer cor que estes sejam, serão obrigados a manda-los ao vacinador dos municípios até 3 meses depois que os tenham em seu poder para serem vacinados.<sup>116</sup>

Como apresentamos no começo deste capítulo, tal obrigatoriedade também estaria de acordo com contexto de afirmação do discurso médico científico deste período, assim como a exigência da apresentação de títulos legalizados para aqueles que solicitavam licença para exercer as artes de curar nos municípios.<sup>117</sup>

Ainda sobre estes profissionais, curiosamente um dos artigos nos remetem as situações de médicos relatadas por Eloy de Andrade (1989) e também pelo jornal *O Friburguense* (1890). As Posturas Municipais, por sua vez, colocam os boticários nesta situação de estarem em constante plantão, para atender qualquer pessoa, a hora que ela necessitar:

<sup>113</sup> FUNDO da Administração Municipal de Nova Friburgo, caixa 16, documento 5036.

<sup>114</sup> *Ibidem*. Caixa 16, documento 5036.

<sup>115</sup> *Ibidem*. Caixa 16, documento 5036.

<sup>116</sup> POSTURAS Municipais, 1848. Artigo 11.

<sup>117</sup> *Ibidem*. Artigo 15.

23º Todo boticário será obrigado a prontificar as receitas que se exigirem a qualquer hora da noite, e a fornecer os remédios oportunamente; no caso de o não fazer pagará 10\$ réis de multa, e sofrerá 2 dias de prisão.<sup>118</sup>

Observamos, portanto, o comprometimento das autoridades friburguenses na manutenção de um ambiente preparado para garantir uma vida saudável à sua população e aqueles que buscavam na cidade a esperança de cura. Estas ações, então, complementariam o pensamento da topografia médica, que já caracterizava a vila como um lugar salubre, e seriam de total importância para garantir um lugar adequado aos enfermos, que apostavam nesta mudança de ares para o restabelecimento da saúde.

A limpeza também podia ser encarada naquela sociedade como instrumento de educação, que será legitimado principalmente na virada para o século XX. Assim, ao longo do século, e principalmente após uma grande epidemia, ocorre o aumento na demanda por prevenção e no espaço que o higienismo ocupa na sociedade, por fornecer os métodos necessários para garantir as condições para a salubridade pública. É neste contexto que aparece a figura pública do médico Carlos Eboli, que aprofundaremos no terceiro capítulo.

Como dissemos anteriormente, a população sem recursos também era vista como foco das doenças que tanto assolavam a sociedade e, por isso, deveriam também ter acesso ao tratamento e a prevenção. As Câmaras, assim, tinham orçamentos destinados para o pagamento de medicamentos aos chamados indigentes e pobres. O livro de *Leis, decretos e regulamentos da Província do Rio de Janeiro*, de 1863-64,<sup>119</sup> apresenta a relação de gastos das Câmaras das cidades e vilas fluminenses, mas não são todas que indicam uma quantia específica para este fim, como se pode perceber na tabela abaixo.

---

<sup>118</sup> *Ibidem*. Artigo 23.

<sup>119</sup> LEIS, decretos e regulamentos da Província do Rio de Janeiro (1863-64). Disponível no acervo da Fundação Dom João VI, em Nova Friburgo/RJ.

**Tabela 1.1** Orçamento da Câmara para gastos com medicamentos para indigentes para os anos de 1864 e 1865.

<b>Orçamento de medicamentos para indigentes</b>		
<b>Município</b>	<b>1864</b>	<b>1865</b>
Araruama	200\$000	300\$000
Cabo Frio	350\$000	400\$000
Capivary <sup>120</sup>	200\$000	200\$000
Iguaçu <sup>121</sup>	-	400\$000
Itaboraí <sup>122</sup>	-	500\$000
Itaguaí	300\$000	300\$000
Macaé	-	600\$000
Maricá	300\$000	400\$000
Niterói	600\$000	800\$000
Nova Friburgo	50\$000	150\$000
Paraíba do Sul	400\$000	400\$000
Piraí	200\$000	200\$000
Rio Bonito	260\$000	-
Santo Antônio de Sá <sup>123</sup>	200\$000	100\$000
Saquarema	200\$000	200\$000

(Fonte: LEIS, decretos e regulamentos da Província do Rio de Janeiro, 1863-64. Disponível no acervo da Fundação Dom João VI, em Nova Friburgo/RJ).

Analisando a tabela, que cita diversos municípios do Vale do Paraíba fluminense, podemos observar que de um ano para outro houve um aumento, na maioria dos casos, no orçamento destinado para o tratamento de indigentes, assim como no número de cidades cujas Câmaras se dispuseram para tal finalidade. Observamos também que em algumas cidades, os investimentos não eram compostos de uma quantia fixa anual, tendo sido percebido um aumento do quantitativo destinado à assistência aos pobres na Província. A única exceção deveu-se a então cidade de Santo Antônio de Sá que diminuiu seus gastos no período analisado. Destacamos ainda que a Câmara de Nova Friburgo era uma das que menos investia nesta área. Tal panorama, portanto, nos permite compreender que a assistência a este público tornava-se cada vez mais presente nas decisões das autoridades locais. Os médicos de partido, como dito anteriormente, eram então contratados por estas Câmaras para fazer este serviço.

A Câmara friburguense, inclusive, foi alvo de algumas solicitações de pagamento atrasados por estes médicos que eram contratados para realizar atendimento aos considerados

<sup>120</sup> Atualmente corresponde ao município de Silva Jardim.

<sup>121</sup> Atualmente corresponde ao município de Nova Iguaçu, mas que a época abrangia um território bem maior, incluindo os atuais municípios de São João do Meriti, Duque de Caxias, Nilópolis e Queimados.

<sup>122</sup> Itaboraí, Itaguaí e Maricá indicam esta quantia, incluindo o gasto com expostos.

<sup>123</sup> Atualmente também corresponde ao município de Itaboraí e Cachoeiras de Macacu.

pobres e indigentes, outra forma de intervenção das autoridades locais nesta questão. Na década de 1860, por exemplo, podemos destacar as solicitações do médico Manoel José Teixeira da Costa. Em requerimento datado de 14 de julho de 1866, solicita o pagamento de 600\$340 pelos medicamentos fornecidos aos pobres da vila.<sup>124</sup> E repete a cobrança em 6 de outubro de 1870, no valor de 12\$380.<sup>125</sup>

Ao consultar a ata da 3ª sessão ordinária da Câmara Municipal, de 23 de julho de 1869<sup>126</sup>, observamos um interesse dos vereadores em aumentar a quantia destinada para este fim, propondo um orçamento de 600\$000 réis anuais, e também em contratar um médico de partido, que teria seu pagamento feito do fim de cada seis meses. Este médico seria obrigado a vacinar e tratar dos doentes de todas as freguesias da vila, assim como os soldados do corpo policial da Província que estiverem servindo em Nova Friburgo. Porém, só seria obrigado a realizar atendimento a domicílio em casos de tifo, febre amarela e cólera, que renderia ao médico mais a quantia de 400\$000.

Para tal cargo, foi indicado o médico e colono alemão, João Henrique Braune, que prestava este serviço.<sup>127</sup> Como a Câmara não tinha ainda incluído o médico de partido em sua estrutura, podemos concluir, através dos recibos assinados<sup>128</sup> por Braune, que o ordenado era pago pelas empresas de membros da instituição, como Ferreira & Braga e Freitas & Neves<sup>129</sup>.

Outra medida da Câmara friburguense para o atendimento a população pobre, já na década de 1880, foi contratar a farmácia Guimarães & Companhia, na qual Carlos Eboli também prestava consultas, para “fornecer durante um ano a contar de hoje, a todos os pobres, os remédios constantes das respectivas receitas dos médicos, que tiverem o competente visto do Presidente da Câmara Municipal”,<sup>130</sup> recebendo semestralmente 145\$000. O primeiro contrato presente neste fundo é de 1883, o segundo é de 1885, assinado pelo então representante da farmácia, o farmacêutico Alberto Henrique Braune<sup>131</sup>, filho de João Henrique

<sup>124</sup> FUNDO da Administração Municipal de Nova Friburgo, caixa 12, documento 3744.

<sup>125</sup> *Ibidem*. Caixa 14, documento 4037.

<sup>126</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 23 de julho de 1869 (Livro 13, páginas 123v e 124). Disponível no acervo da Fundação Dom João VI, em Nova Friburgo/RJ.

<sup>127</sup> *Ibidem*. Ata, 23 de julho de 1869 (Livro 13, páginas 123v e 124).

<sup>128</sup> FUNDO de Administração Municipal de Nova Friburgo, caixa 11, documento 3483.

<sup>129</sup> Consideramos que possa estar relacionado aos vereadores Dimas Ferreira Pedrosa e Augusto Marques Braga e também aos diretores do Colégio Freese: Cristóvão Vieira de Freitas e Galiano Emílio das Neves. Foi no espaço onde funcionava este colégio, inclusive, que depois fora instalado o Instituto Sanitário Hidroterápico de Carlos Eboli e Fortunato Corrêa de Azevedo.

<sup>130</sup> FUNDO de Administração Municipal de Nova Friburgo. Caixa 16, documento 5193.

<sup>131</sup> Esta farmácia localizava-se na então Rua General Argolo, atualmente Avenida Alberto Braune. O próprio Alberto Henrique Braune comprou o estabelecimento, transformando-a em Pharmácia Braune. Atualmente, o edifício localizado onde antes era a farmácia leva o nome de Braune, nº 29 desta Avenida, que consiste na principal via da cidade.

Braune. E esta farmácia também seria mais uma reclamante de pagamentos atrasados, através de diversos requerimentos.

Dentro da rede de sociabilidade de Carlos Eboli que será apresentada no capítulo seguinte, destacamos, em Cantagalo, o trabalho de Herculano José de Oliveira Mafra, para caracterizar o atendimento aos pobres através da clínica livre. Ficou conhecido na cidade serrana pelo combate a febre amarela e foi denominado de “médico dos pobres”, atendendo chamados a qualquer hora do dia ou da noite e “nada cobrando das pessoas reconhecidamente pobres, ensinando a estes medicamentos caseiros”.<sup>132</sup>

Apresentamos, assim, estas diversas formas de intervenções das autoridades locais e provinciais tanto a prevenção pela limpeza do espaço público, quanto pelo tratamento médico através da clínica livre, incluindo a preocupação em atender a todas as classes sociais, como uma forma de complementar o entendimento sobre o campo da assistência à saúde dentro do Vale do Paraíba fluminense, juntamente com o atendimento nas fazendas e nas unidades de assistência.

## **1.6 Considerações finais**

Ao longo deste primeiro capítulo, apresentamos o universo no qual iremos desenvolver a pesquisa, destacando como se desenvolveu a construção social, política e econômica do Vale do Paraíba fluminense, cuja denominação passou a ganhar um significado além do espaço físico que corresponde aos municípios próximos à bacia do Rio Paraíba do Sul. O Vale ganhou um espaço tanto na economia nacional quanto no mercado exportador brasileiro, comportando as plantações do produto base da economia do país no século XIX.

A partir dos conceitos e práticas higienistas, das novas visões sobre o corpo e da necessidade de uma higiene como forma de prevenção, a base do discurso médico mais difundido pelas principais instituições da área, a Academia Imperial de Medicina e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os grandes proprietários enriquecidos pelo café exerceram sua influência sobre a sociedade na qual se inseriam. Seja através dos auxílios mútuos ou dos tratamentos oferecidos nas enfermarias de suas fazendas, tanto à população livre quanto à população cativa, os grandes proprietários modelavam os modos de

---

<sup>132</sup> DIAS, Acácio Ferreira. Terra de Cantagalo: subsídio para a História do Município de Cantagalo. Rio Bonito/RJ: Artes Graf. Cantagalo, 1981. p. 342.

comportamento da população da província, o que visava torna-la tão civilizada como qualquer outra capital, seja a do Império ou outras do mundo.

O discurso médico, portanto, foi incorporado e utilizado como ferramenta para os interesses destes grandes fazendeiros, assim como os médicos também se aproximaram destas famílias; e também das autoridades locais, para garantir uma proteção completa, que abrangesse tanto aquelas enfermidades, cuja prevenção dependeria da limpeza e saneamento do espaço público, quanto àquelas, dependentes das ações diretas entre médicos e pacientes, com uma atenção maior ao atendimento daqueles que não tinham condições de pagar por um tratamento particular.

Assim, partindo deste panorama, no próximo capítulo começaremos a descrição da trajetória de Carlos Eboli, primeiramente atuando em Cantagalo como clínico livre e depois iniciando o tratamento pelas duchas. Aproveitando para fazer esse diálogo entre este panorama apresentado, que nos revelava o que significava ser um médico atuante no interior fluminense, e a possibilidade tecer a rede de sociabilidade na qual ele moldava e tinha suas ações moldadas pelo relacionamento com seus pares e também com outros setores sociais, enfatizando a aproximação com a família Clemente Pinto.

## CAPÍTULO 2

### DAS FAZENDAS À HIDROTERAPIA: A TRAJETÓRIA DE CARLOS EBOLI EM CANTAGALO.

A economia cafeeira impulsionou a região, atraindo a atenção para esta nova possibilidade de investimento, como apresentamos no capítulo anterior. Interessados na riqueza que o café proporcionava, chegavam à serra fluminense pessoas de vários pontos da Província do Rio de Janeiro, do Brasil e também do exterior.

Keith Barbosa (2014) nos apresenta a transformação na imagem da vila de São Pedro de Cantagalo, da qual Nova Friburgo fazia parte, tornando-se independente em 1820, com a colonização suíça, episódio que apresentaremos no capítulo seguinte. A região, que primeiramente foi desbravada com o intuito da exploração aurífera, destacou-se a partir do bom clima e das vastas áreas que pertenciam a Cantagalo à época, que favoreciam o desenvolvimento das plantações de café, e da facilidade geográfica que oferecia para a escoação desta produção.<sup>133</sup>

Cantagalo, assim, tornou-se alvo do interesse daqueles que procuravam fazer novos investimentos e também dos que buscavam novas oportunidades. Principalmente a partir de 1830, a região viveu um período de grande desenvolvimento econômico e de enriquecimento dos grandes proprietários de terra.<sup>134</sup> Entre estes proprietários, podemos destacar Antônio Clemente Pinto (1795-1869), que se tornou Barão de Nova Friburgo, através do decreto do Imperador Dom Pedro II, em 1854.<sup>135</sup> Personagem que, como enfatizamos no primeiro capítulo, está diretamente relacionado com a trajetória de Carlos Eboli.

Antônio Clemente Pinto, imigrante português, chegou ao Brasil por volta de 1820 e construiu sua riqueza através do comércio no Rio de Janeiro, principalmente na área de

---

<sup>133</sup> BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. Escravidão saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde para obtenção do título de doutorado. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em

[http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese\\_keith\\_barbosa.pdf](http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese_keith_barbosa.pdf). Acessado em 15 de novembro de 2015.

<sup>134</sup> *Ibidem*.

<sup>135</sup> FOLLY, Luiz Fernando Dutra; OLIVEIRA, Luanda Jucyelle Nascimento de; FARIA, Aura Maria Ribeiro. Barão de Nova Friburgo: impressões, feitos e encontros. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 2010.

compra e venda de escravos, a qual foi investida posteriormente em terras e mão de obra. Estendeu suas atividades à Região Serrana, diversificando seus investimentos. Sua empresa, Friburgo & Filhos, ocupava-se dos processos que passava o café até sua exportação.<sup>136</sup> Em suas fazendas eram produzidos gêneros alimentícios diversos e a pecuária também era uma atividade presente, o que promovia uma “certa autossuficiência” destas propriedades.<sup>137</sup> A partir, principalmente, dos lucros advindos do café, aumentou sua riqueza e afirmou sua posição social, tornando-se o fazendeiro mais rico, não só da região, como do Brasil. Iniciou a construção da Estrada de Ferro Cantagalo, que ligaria a Região Serrana à Baixada Fluminense, a qual facilitaria o escoamento da produção de café. Este projeto foi finalizado por seu filho, Bernardo Clemente Pinto Sobrinho.

Teve como principal parceiro nos negócios o engenheiro holandês Jacob Van Erven<sup>138</sup>, como aponta Keith Barbosa (2014), que também foi seu sócio e administrador de onze de suas fazendas. “Jacob Van Erven trazia as informações e tecnologias avançadas, enquanto o Barão tinha a verba e ousadia para implementá-las”.<sup>139</sup> Esta citação confirma o que foi apresentado no primeiro capítulo: estes grandes proprietários conheciam as novidades disponíveis no mercado para o desenvolvimento da agricultura, mesmo que não abandonassem os tradicionais meios de realizar as plantações.

Estima-se que este português possuía quinze fazendas nas localidades de Cantagalo, Nova Friburgo e São Fidélis e cerca de dois mil e duzentos escravos.<sup>140</sup> Em suas fazendas, veremos a presença de diversos médicos, muito dos quais estrangeiros. O poderio do Barão de Nova Friburgo englobava as fazendas: *Santa Rita*, localizada na freguesia de Santa Rita, em Cantagalo, considerada uma das maiores produtoras de café do país. Estava sob a administração Jacob Van Erven e seu hospital estava sob a direção do médico alemão Reinhold Teuscher; *Areas*, situada na mesma freguesia e também era atendida pelo médico alemão; *Boa Vista*, *Boa Sorte*, *Jacotinga*, *Itaóca*, *Laranjeiras* e *Água Quente* também situadas na freguesia de Santa Rita; *Gavião* situada na freguesia do Santíssimo Sacramento, em Cantagalo, onde Carlos Eboli começou a aplicar suas duchas em uma casa adaptada, como apresentaremos a seguir. Nesta fazenda decidiu construir um grande palacete, com o objetivo de torna-la sede do município de Cantagalo, que ficara inacabado à época de seu falecimento.

---

<sup>136</sup> *Ibidem*.

<sup>137</sup> *Ibidem*. p. 28.

<sup>138</sup> Este nome foi “traduzido” para o português, tornando-se popular na documentação e nas referências pesquisadas. O nome original é Jacobus Gilbertus Paulus van Erven.

<sup>139</sup> FOLLY, OLIVEIRA e FARIA. Barão de Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 84.

<sup>140</sup> FOLLY, OLIVEIRA e FARIA. Barão de Nova Friburgo. *Op. Cit.*

“Decidira-se o Barão a edifica-lo ‘para empregar a atividade de numerosos trabalhadores e artífices que se encontravam em Cantagalo, emigrados de Portugal’”<sup>141</sup>; a fazenda *Aldeia*, situada na mesma freguesia, cujos serviços médicos estavam a cargo do cirurgião Troubat; *Cafés*, também situada na freguesia do Santíssimo Sacramento; *Macapá*, situada em São Fidélis, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Ponte Nova; *São Lourenço*, localizada na freguesia de São João Batista, em Nova Friburgo, assim como as fazendas do *Cônego* e a *Córrego D’Antas*.<sup>142</sup> E, além de grande fazendeiro, “Clemente Pinto foi um dos acionistas da Caixa Econômica na década de 1860 [...] Também foi sócio da empresa organizada pelo Visconde de Mauá, a Imperial Cia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro Petrópolis (1854) e outras”.<sup>143</sup>

Antônio Clemente Pinto acumulou grande riqueza e seus filhos, Bernardo Clemente Pinto Sobrinho (2º Barão de Nova Friburgo) e Antônio Clemente Pinto Filho (Barão de São Clemente) souberam administrar e continuar colhendo lucros destes investimentos, a partir do objetivo civilizador através, principalmente, da construção de estradas de ferro, como foi o caso da Estrada de Ferro Cantagalo.<sup>144</sup> Também obtiveram o título nobiliárquico, que correspondia ao reconhecimento do Imperador pelos grandes benefícios prestados por este “clã de lavradores fluminenses”.<sup>145</sup>

Toda esta sucessão de eminentes personalidades a amealharem para o Brasil um vasto patrimônio tão rico em dotes espirituais, deve-se exclusivamente ao café. Foi o cafezal que selecionou as suas aptidões para o comando, que fez desabrochar inatos atributos de capacidades organizadoras, que lhes deu a riqueza, e com ela a possibilidade para se elevarem a um alto nível social onde se mantinham, porém sempre compreensivos da sua função tutelar sobre os menos favorecidos.<sup>146</sup>

Ressalta-se também a residência de verão da família Clemente Pinto, o Palacete Nova Friburgo<sup>147</sup>, localizado no bairro do Catete, no Rio de Janeiro, onde faleceu, aos 74 anos. Seu óbito fora atestado por seu médico pessoal, Manuel de Valladolid Pimentel, o Barão de

<sup>141</sup> LAMEGO. O Homem e a Serra. *Op. Cit.* p. 366.

<sup>142</sup> FOLLY, OLIVEIRA e FARIA. Barão de Nova Friburgo. *Op. Cit.*

<sup>143</sup> PENHA, Ana Lucia Nunes. Turtuosos caminhos: obras públicas provinciais e o difícil escoamento das mercadorias de Cantagalo, Campos dos Goytacazes e Macaé para o Rio de Janeiro (século XIX). IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. p. 539.

<sup>144</sup> LAMEGO. O Homem e a Serra. *Op. Cit.*

<sup>145</sup> *Ibidem.* p. 273.

<sup>146</sup> *Ibidem.* p. 371

<sup>147</sup> Edifício que se tornou residência presidencial a partir da Proclamação da República até a transferência da capital para Brasília, foi denominado de Palácio do Catete e hoje abriga o Museu da República.

Petrópolis.<sup>148</sup> Destacamos ainda a proximidade deste médico com João Vicente Torres Homem, tanto por relações de amizade quanto acadêmicas, dedicando sua tese a Valladão Pimentel. Esta relação será retomada ao discutirmos a rede de sociabilidade de Carlos Eboli.

Como se pode observar, por estar em uma área de vital importância para a economia agroexportadora do Segundo Império, cada vez mais Cantagalo tornava-se destino de grande parte da mão-de-obra escrava que chegava ao Brasil, mantendo-se assim até a abolição, em 1888. Porém, a partir de 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz, que proibia o tráfico internacional de escravos para o Brasil, houve uma queda na disponibilidade desta mão-de-obra, impactando diretamente na dinâmica das áreas cafeeiras. Assim, coube aos grandes proprietários a adoção de estratégias para que não declinassem a produtividade em suas terras, dentro do contexto de competitividade entre as principais áreas de plantações do país.

Ricardo Salles (2008) apresenta a diferença nas estratégias utilizadas entre as novas áreas cafeeiras de São Paulo, que apostavam no tráfico intra e inter-regional como forma de manter o número necessário para atender as demandas de trabalho nas plantações, e a área do Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro, cuja principal ação foi estimular a formação de famílias através da união estável entre os escravos, para manter um equilíbrio entre as taxas de natalidade e mortalidade. Estes laços familiares só foram possíveis a partir de um equilíbrio entre os sexos, com a interrupção do tráfico, que fazia elevar o número de jovens do sexo masculino. Porém, juntamente com estas ações, aumentou também a rigidez sobre o controle do trabalho escravo, explorando ainda mais a capacidade dos cativos, para a manutenção da produtividade e, em consequência, dos lucros que advinham do café.<sup>149</sup>

Fosse pelo tráfico interno, fosse pela reprodução natural, fosse pelo uso de novas tecnologias e técnicas de trabalho, contavam com braços suficientes não só para manter como para expandir sua produção. Uma ou outra alternativa de incentivar a imigração, considerada praticamente a única alternativa ao trabalho cativo, apenas engatinhava e não tomava fôlego.<sup>150</sup>

Em Cantagalo, como aponta Keith Barbosa (2014), uma das principais ações adotadas pelos cafeeiros estava ligada à saúde dos escravos, através da construção de hospitais e enfermarias em suas fazendas, contrato com médicos e gastos com medicamentos. A preocupação com a saúde dos escravos estava ligada, principalmente, à manutenção da produtividade agrícola. “Por essas razões, reforçamos que as ações de cuidado com a saúde

<sup>148</sup> FOLLY, OLIVEIRA e FARIA. Barão de Nova Friburgo. *Op. Cit.*

<sup>149</sup> SALLES, Ricardo. E o Vale era o escravo: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

<sup>150</sup> *Ibidem.* p. 87.

dos escravos refletem claramente o interesse dos proprietários em manterem-nos em condições favoráveis de trabalho”.<sup>151</sup> A implantação desta estratégia fez com que a região se mantivesse em constante produção enquanto outras enfrentavam dificuldades em manter a entrada de riquezas provenientes do “ouro verde”.<sup>152</sup> Como veremos ao longo do capítulo, esta estratégia apontada por Keith Barbosa (2014) parece ter sido posta em prática em outras cidades do Vale do Paraíba.

A relação entre grandes proprietários e médicos moldava-se a partir dos interesses de ambas as partes. Atraídos pelas riquezas da região, os profissionais percorriam as fazendas dentro de um contexto que também englobava a institucionalização do discurso médico, como destacamos no primeiro capítulo. A crescente exploração do trabalho escravo, acompanhando as demandas da agro exportação, transformava as condições de vida dentro das fazendas, aumentando a probabilidade do aparecimento e propagação de doenças. Como já ressaltado anteriormente, a partir de 1850 a alta disponibilidade de mão-de-obra, que caracterizava a região, foi gradualmente reduzida, acompanhada de uma alta nos preços dos escravos. Assim, os cuidados com a saúde dos trabalhadores, principalmente dos que lidavam diretamente com as plantações, tornava-se indispensável para a manutenção dos lucros, gerados pela crescente valorização do café no exterior. As doenças dos escravos preocupavam os seus senhores a partir do momento em que interferiam no desenrolar de suas funções.<sup>153</sup> Os médicos, portanto, “buscavam alcançar melhores honorários nas ricas propriedades do Vale do Paraíba, ocupando-se das enfermidades dos senhores de terras, de seus familiares e, principalmente, dos seus cativos”.<sup>154</sup>

Neste capítulo, pretendemos continuar apresentando o modo de atuação dos médicos nas fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba, reforçando a tese da estratégia de manutenção da força de trabalho, com ênfase agora na vila de Cantagalo; bem como a relação que se estabeleceu entre estes médicos dispersos no interior da província do Rio de Janeiro. Acompanharemos, para isso, a trajetória do médico italiano Carlos Eboli na região e a introdução da prática hidroterápica que exerceu o papel de aglutinador desta relação entre médicos, grandes proprietários e melhoria da saúde dos escravos, objetivando o trabalho nos cafezais.

---

<sup>151</sup> BARBOSA. Escravidão saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense. *Op. Cit.* p. 130.

<sup>152</sup> BARBOSA. Escravidão saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense. *Op. Cit.*.

<sup>153</sup> *Ibidem.*

<sup>154</sup> *Ibidem.* p. 172.

Para tal, dividimos este capítulo em três tópicos. No primeiro, faremos um pequeno esboço biográfico sobre Carlos Eboli, o começo da sua atuação na vila de Cantagalo, dos atendimentos nas fazendas ao começo da sua iniciativa com o tratamento hidroterápico, através do qual produziu sua memória<sup>155</sup>, denominada *Hydrotherapia* (1871). Este trabalho também foi publicado pelo periódico médico brasileiro *Annaes Brasilienses de Medicina*, um dos “principais veículos de divulgação da produção intelectual”.<sup>156</sup>

Para entender um pouco mais sobre esta modalidade de tratamento, utilizaremos o segundo tópico. Nele, apresentaremos no que consista a ciência da hidroterapia, sua história, seu desenvolvimento no Brasil, assim como seus principais nomes. Construímos, a partir das informações apresentadas em *Hydrotherapia* (1871), uma tabela mostrando os diversos efeitos da utilização da água fria e esclareceremos também a diferença entre a hidroterapia e o tratamento através das águas minerais. Ainda desenvolvemos um sub tópico, no qual utilizaremos também estas informações para a construção de uma tabela que nos revela os dados dos principais atendimentos realizados na Fazenda Gavião, no período de 1868 a 1870. Esta tabela também será o ponto de partida para conhecer a sua rede de sociabilidade desenvolvida nesta época.

O terceiro tópico traz a construção desta rede na qual Carlos Eboli se inseria, durante seu período de atuação em Cantagalo. Nela, estão os nomes dos médicos citados em *Hydrotherapia* (1871) e as instituições em comum entre eles. Além de uma atenção especial a relação entre Eboli e a família Clemente Pinto, que consideramos decisiva para o sucesso de suas iniciativas na região. Destacamos que, mais do que compartilhar as mesmas instituições, desvendar esta rede teve como principal objetivo apresentar a trajetória de Carlos Eboli como parte de um ambiente, no qual a profissão era a principal aglutinadora. E que esta trajetória moldava e era moldada também a partir destas relações.

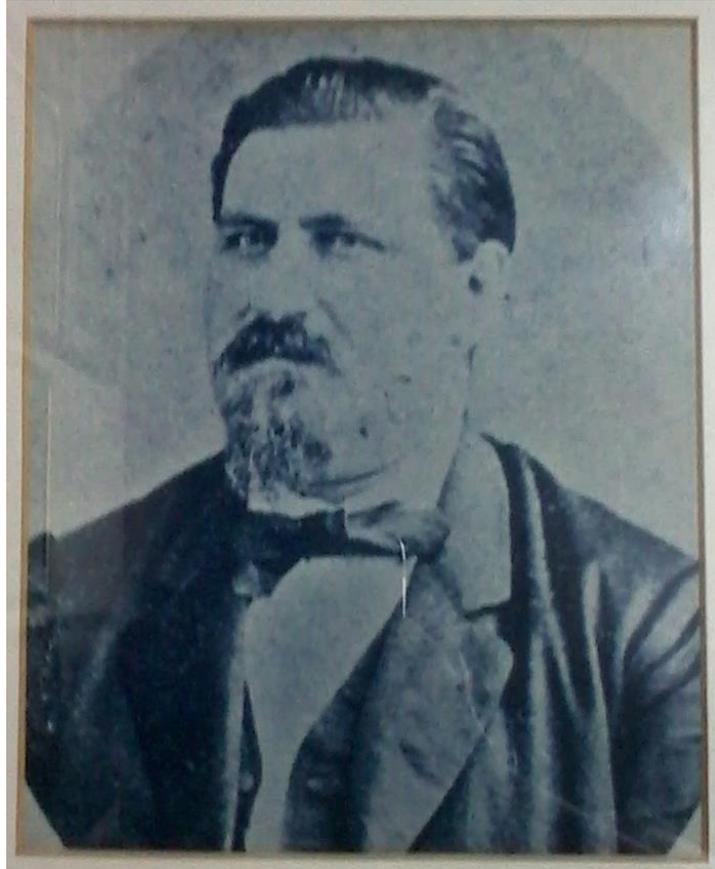
---

<sup>155</sup> Segundo Luiz Otávio Ferreira (1994), as memórias constituíam as produções intelectuais mais comuns à época e “destacam-se não só pela quantidade como pelo conteúdo, normalmente de interesse clínico” (FERREIRA, Luiz Otávio. João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica do século XIX. *Physis* [online]. 1994, vol. 4, n. 1, pp. 57 a 78. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v4n1/04.pdf> - Acessado em 15 de fevereiro de 2017. 65).

<sup>156</sup> *Ibidem*.

## 2.1 Carlos Eboli: O começo em Cantagalo.

**Figura 2.1:** Carlos Eboli (década de 1870)



(Fonte: Acervo iconográfico da Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense).

Autores como Luiz Fernando Folly<sup>157</sup>, Maria Janaína Botelho Corrêa<sup>158</sup> e Sérgio Bittencourt-Sampaio<sup>159</sup> apresentam em seus trabalhos aspectos da vida deste médico, enfatizando sua atuação em Nova Friburgo, a partir do *Instituto Sanitário Hidroterápico* e da sua atuação política na Câmara da vila. Apesar das lacunas encontradas durante a construção desta trajetória, pretendemos aprofundar mais o conhecimento sobre este personagem,

<sup>157</sup> FOLLY, Luiz Fernando Dutra. A história da Praça Princesa Izabel em Nova Friburgo: o projeto esquecido de Glaziou. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU-UFRJ. 2007.

<sup>158</sup> CORRÊA, Maria Janaína Botelho. Histórias da História de Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Editora Primitif, 2012. pp. 163-170.

<sup>159</sup> BITTENCOURT-SAMPAIO, Sérgio. O Hotel Salusse em Nova Friburgo: núcleo familiar, político e social. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2009. pp. 81a 86.

acompanhando sua atuação na área médica desde a validação de seu diploma no Império, considerando também o contexto no qual estava inserido. Escolhemos como base pequenas biografias deste médico publicadas, após seu falecimento, nos jornais *Almanak Gazeta de Notícias*<sup>160</sup> e *Annaes Brasilienses de Medicina*.<sup>161</sup>

“Filho de Tommaso Eboli e Anna Peluso”,<sup>162</sup> Carlos Eboli nasceu em 1832 e se formou em 1856 na Faculdade de Medicina da Universidade de Nápoles. Mudou-se para o Brasil, “e redigiu uma sucinta monografia intitulada *Do diagnóstico, prognóstico e tratamento das moléstias em geral*, apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com a finalidade de exercer a profissão no país”,<sup>163</sup> sendo habilitado por esta instituição, em 1863. A primeira aparição do seu nome como médico residente em Cantagalo, porém, é registrada no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro* do ano de 1862, dentro da possível estratégia de interiorização, realizada principalmente por médicos estrangeiros, que descrevemos no capítulo anterior. E, assim como outros profissionais estrangeiros contemporâneos, atuou como médico nas fazendas de café de grandes proprietários, com destaque para o começo de seu trabalho com duchas na Fazenda Gavião.

Porém, antes deste registro em 1862, o seguinte voto de agradecimento foi escrito em 1861 e posteriormente publicado no *Jornal do Commercio*:

Eu abaixo assinado, possuído do mais vivo prazer, faltaria ao mais sagrado dever se por meio da tribuna universal de um jornal deixasse de manifestar os mais sinceros agradecimentos aos ilustres cavalheiros os Illms. Srs. Drs. Carlos Eboli (médico italiano) e Garcia Neves de Macedo Forjaz, pelos serviços médicos e sublimes maneiras com que se dignaram tratar-me na moléstia ascite (barriga d’água), que há mais de dois anos atormentava-me, a ponto de ser necessário os ditos Srs. doutores fazerem-me operação e justamente injeção de tintura de iodo na barriga, depois da qual desenvolveu-se uma intensa peritonite, que foi combatida com os meios filhos da alta ciência do mesmo Sr. Dr. Carlos Eboli, com o que, graças a Deus e aos cuidados do mesmo Sr. Dr. Carlos Eboli (médico assistente), acho-me perfeitamente estabelecido.

Aproveito a oportunidade para fazer chegar ao conhecimento do respeitável público de Cantagalo que, além do feliz resultado que colhi dos sublimes Srs. doutores, nada quis levar-me o digníssimo Sr. Dr. Eboli pelas duas

<sup>160</sup> ESTABELECEMENTO Hidroterápico do Dr. Eboli. Nova Friburgo. Almanak Gazeta de Notícias. Oitavo ano, 1887. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

<sup>161</sup> CASTRO, Francisco. Elogio Histórico dos Acadêmicos Falecidos Durante o Ano Acadêmico de 1884-1885, Sessão Aniversária em 30 de Junho de 1885. Annaes da Academia Imperial de Medicina, Índice de TOMO I (VI Série), 1885-1886. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 19 de maio de 2014.

<sup>162</sup> BITTENCOURT-SAMPAIO. O Hotel Salusse em Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 81.

<sup>163</sup> *Ibidem*.

operações e mais de dez visitas que fez de sua residência à minha casa, que dista não menos de três léguas ida e volta. Aceitem os mesmos senhores, sem ofensa à sua modéstia, os mais puros sentimentos e eterno reconhecimento de quem é humilde criado.

João Silvério de Souza Caldas.

Cantagalo, 4 de novembro de 1861.<sup>164</sup>

Podemos considerar, portanto, que Carlos Eboli já realizava atendimentos na região, mas como médico assistente. Seguindo as características comuns dos clínicos livres no interior à época, apresentadas no capítulo anterior, podemos sugerir que estas primeiras experiências tivessem como principal objetivo a formação de sua clientela, assim como a acumulação de recursos financeiros para seguir com seu projeto hidroterápico, antes de se fixar em alguma fazenda. Assim, com uma clientela já formada, seu reconhecimento profissional auxiliaria para que os pacientes se interessassem e confiassem quando começasse a fornecer o tratamento hidroterápico. O começo dos seus atendimentos, percorrendo a vila de Cantagalo pode ter auxiliado a aproximação com a família Clemente Pinto, que consideramos determinante para ter conseguido implantar seus projetos na região. E, como foi apresentado no primeiro capítulo, as questões da etiqueta cortesã e do clientelismo, que pautavam a relação com estes grandes proprietários, também podem ser consideradas aliadas de Carlos Eboli nesta aproximação.

Keith Barbosa (2014) ainda aponta o médico italiano, entre 1864 e 1866, como aquele “que mais forneceu receitas para a Fazenda Passos”,<sup>165</sup> de propriedade do comendador Manoel Teixeira e Souza Júnior, confirmando que sua atuação médica não esteve sempre ligada ao tratamento hidroterápico. A Fazenda Passos possuía uma grande quantidade de mão-de-obra, somando duzentos e quarenta escravos.<sup>166</sup> Seu proprietário também era dono das fazendas Olaria, Lavrinhas e Retiro, participava da política na vila de Cantagalo e possuía negócios com Antônio Clemente Pinto. A presença de Carlos Eboli nesta propriedade foi observada por Keith Barbosa (2014) através de recibos de compras de remédio e das consultas realizadas, anexados ao inventário post-mortem de Manoel Teixeira.

O periódico *O Voto Livre* (22/02/1885), produzido em Cantagalo, apresenta uma descrição da presença de Eboli na localidade: sua atuação médica esteve ligada a clínica livre ou ao que eles denominavam médico de partido que, como visto no capítulo anterior, era o

<sup>164</sup> CALDAS, João Silvério de Souza. Cantagalo: Voto de gratidão. *Jornal do Commercio*, 20 de dezembro de 1864. Página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 30 de setembro de 2016.

<sup>165</sup> BARBOSA. Escravidão saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense. *Op. Cit.* p. 185.

<sup>166</sup> BARBOSA. Escravidão saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense. *Op. Cit.*

profissional que recebia uma remuneração para assistência clínica daqueles que não possuíam recursos. No caso de Carlos Eboli, como apresenta-nos o periódico, esta remuneração era oferecida pela família Clemente Pinto.<sup>167</sup> Então, antes mesmo de abrir sua fazenda para receber o projeto hidroterápico de Carlos Eboli, este já era funcionário do Barão de Nova Friburgo. O que reforça nossa hipótese de que este projeto, assim como o futuro estabelecimento hidroterápico friburguense, contou com a ajuda financeira e com prestígio destas importantes figuras da região.

Assim, entre as diversas propriedades da família Clemente Pinto, foi a Fazenda Gavião o palco dos primeiros passos de Eboli na introdução do tratamento hidroterápico na região. Em 1869, seu tratamento através da aplicação de duchas, mesmo que ainda realizado em uma casa adaptada da Fazenda, com poucos equipamentos, já era procurado e indicado aos enfermos da região. Seus discursos a favor da prática hidroterápica e sua atuação médica fizeram dele uma figura conhecida e reconhecida na localidade, sendo suas palavras reforçadas por Antônio Clemente Pinto: “O velho Barão confirmava sempre, com o prestígio do seu testemunho, as palavras eloquentes do fogoso propagandista”.<sup>168</sup> A influência do Barão, portanto, confirmava e reforçava os êxitos declarados por Carlos Eboli através do seu tratamento. E foi durante esta experiência que Carlos Eboli colheu suas observações clínicas utilizadas na memória que apresentou à Academia Imperial de Medicina, visando se tornar membro correspondente, denominada *Hydrotherapia*.<sup>169</sup>

Neste trabalho, publicado pelo *Annaes Brasilienses de Medicina* entre os anos de 1871 e 1873, Carlos Eboli afirma que trabalha com o tratamento hidroterápico no Brasil desde 1867, considerando-se o primeiro especialista na área, que aplicou corretamente o método, de acordo com o objetivo que se queria alcançar, e que propagou, assim, a hidroterapia científica no país. *Hydrotherapia* proporcionou a Carlos Eboli o título de membro correspondente da Academia Imperial de Medicina, após obter o parecer favorável do médico José Pereira Rego Filho.

Esta memória foi dividida em quatro partes: a primeira, denominada *Origem, progresso e estado actual da hydrotherapia relativamente à medicina e à cirurgia, tanto na Europa como no Brasil*, destaca a origem e o desenvolvimento da prática hidroterápica, desde

---

<sup>167</sup> DR. CARLOS EBOLY. O Voto Livre. Cantagalo, 22 de fevereiro de 1885. p. 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 10 de janeiro de 2016

<sup>168</sup> ESTABELECIMENTO Hidroterápico do Dr. Eboli. Nova Friburgo. Almanak Gazeta de Notícias. Oitavo ano, 1887. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

<sup>169</sup> EBOLI. *Hydrotherapia*. *Op. Cit.*

a antiguidade até os estudiosos e médicos contemporâneos a ele, que a transformaram em científica, retirando o caráter empirista do tratamento; a segunda, *Bases e propriedades fisiologico-therapeuticas da hydrotherapia*, abrange as diversas faces que podiam caracterizar o tratamento pela água, a partir da mudança na temperatura, na pressão e na duração do tratamento, de acordo com o efeito que se desejava obter, o que consistia a ciência hidroterápica; na terceira parte, *Utilidade e importância da hydrotherapia*, destaca, a partir da comparação com outros tratamentos, a eficácia, se bem aplicada, da hidroterapia, que poderia ser tanto utilizada como protagonista ou coadjuvante; e a última, *Observações clínicas sobre as moléstias mais importantes, que tem sido e devem ser tratadas pela hydrotherapia*, reservou às observações clínicas colhidas ao longo de experiência com as duchas. Além de suas próprias observações, produzidas na sua estadia na Fazenda Gavião, citou também observações de outros médicos que produziram estudos sobre a hidroterapia.

## 2.2 “Águas que curam”.<sup>170</sup>

A Hidroterapia, palavra de origem grega, significa tratamento pela água. A prática “consiste na administração da água fria em abundância, quer interna quer externamente, combinada com um meio sudorífico enérgico, fricções prolongadas, exercício quase incessante, regime simples e ar vivo e puro”.<sup>171</sup> Quando utilizada externamente, a água, que deve ser de boa qualidade e livre de impurezas e outros elementos químicos, é usada em diversos tipos de banhos ou aplicações, dependendo do resultado desejado pelo tratamento.<sup>172</sup>

Este tratamento hidroterápico realiza-se sobre três pilares: utilização da água fria, provocação de suores e a preferência por um local montanhoso, para a realização das recomendadas caminhadas íngremes, de tempo frio e seco. Esta preferência acompanha o discurso higienista, descrito no primeiro capítulo. Outros métodos auxiliares, utilizados juntamente ao emprego das duchas, são o exercício muscular, massagem e o regime alimentar. O inverno era a estação recomendada para que o tratamento obtivesse melhores resultados.<sup>173</sup>

<sup>170</sup> A frase remete ao título da tese desenvolvida por Maria Manuel Quintela, na qual desenvolve uma relação entre o processo de formação sócio-histórica das estâncias termais e o uso destas águas como tratamento nos séculos XIX e XX (QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op.Cit.*)

<sup>171</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Formulário e Guia Médico. 18ª edição. Paris: Typografia de Roger e F. Chernoviz, 1908. p. 699.

<sup>172</sup> CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.*

<sup>173</sup> *Ibidem.*

Carlos Eboli descreve, em *Hydrotherapia*, a ciência da hidroterapia: consistia na escolha do modo de tratamento correto dentre os diferentes instrumentos para regular a temperatura, a pressão da água, determinar o tempo correto para duração do tratamento, de acordo com o efeito que se desejava obter, e se havia a necessidade de utilização de métodos auxiliares. A observação do estado clínico do paciente também seria investigado, para procurar alternativas de tratamento caso estivesse muito debilitado para aquele que lhe era recomendado.

De acordo com o *Formulário e Guia Médico* de Pedro Napoleão Chernoviz (1908), este método foi introduzido em 1829, pelo médico veterinário Vicente Priessnitz, na Áustria. Porém, como apresentaremos a seguir, há discordâncias quanto este pioneirismo. O *Formulário e Guia Médico*, de Chernoviz, descreve este método introduzido em Graefenberg, aldeia da Silésia, Áustria, onde Priessnitz atuava:

Às 5 horas da manhã vinha um servente embrulhar o doente n'um cobertor de lã. Depois de suar por duas horas, entrava o doente no banho. Ao sair do banho, ia ao passeio, onde bebia uma porção d'água, e assim ficava até o almoço, que tinha lugar às oito horas. Meia hora era suficiente para esta refeição, depois da qual principiava de novo o passeio e a bebida de água. Às 11 horas, o doente metia-se debaixo de uma bica d'água frigidíssima, de 3 a 4 metros de altura, e demorava-se n'esta *ducha* dois a cinco minutos. Quando havia uma parte do corpo enferma, dirigia-se para ali a queda da água. Jantava ao meio dia, e depois passeava de novo. Um pouco antes das quatro horas dava o último passeio chamado sudorífico, porque consistia em descer uma montanha, que era preciso subir depois para provocar a transpiração com a qual se entrava de novo no envoltório. Depois de suar, tomava o doente o banho; em seguida fazia um pequeno exercício, e ceava às oito horas. Depois da ceia, alguns iam passear, outros ficavam na sala para assistirem a um pequeno concerto ou a dança. Antes de deitar-se, tomava o doente um semicúpio<sup>174</sup> frio.<sup>175</sup>

Logo após esta descrição, Chernoviz (1908) cita que Priessnitz modificou este tratamento ao longo de suas experiências, sendo uma das principais mudanças a diminuição da administração da água em bebida. Como veremos a seguir, mesmo considerando o austríaco como pioneiro, Chernoviz (1908) também considera que seu método era empírico e enfatizava que a hidroterapia deveria ser aplicada por aqueles que possuíam prática e experiência.<sup>176</sup>

<sup>174</sup> Banho de imersão da parte inferior do corpo. O chamado banho de assento.

<sup>175</sup> CHERNOVIZ. *Formulário e Guia Médico*. *Op. Cit.* p. 699.

<sup>176</sup> CHERNOVIZ. *Formulário e Guia Médico*. *Op. Cit.*

Em *Hydrotherapia*, Carlos Eboli apresenta várias experiências de médicos em relação ao tratamento pela água desde a Antiguidade. Suas descrições, inclusive, acompanham as fases do banho, a partir do olhar sobre o corpo, apresentadas no primeiro capítulo:

Os médicos empregaram na antiga Roma a medicação da água fria, e, no fim da república, este tratamento adquiriu tão grande reputação, que mesmo alguns particulares tinham banhos para exercício de natação, sendo os de Cícero e Seneca considerados como os mais afamados.

O imperador Augusto, acometido de grave afecção hepática, foi tratado por Antônio Musa, médico de origem grega, pela aplicação interna e externa de água fria. Esta notável cura, operada na antiguidade pela hidroterapia, não só grangeou celebridade e honras para o médico, como ganhou renome para este agente terapêutico.

(...)

Com a invasão dos bárbaros em Roma, as artes e as ciências declinaram. (...) A essa terrível catástrofe deve-se o ter sido esquecido o emprego da hidroterapia, medicina essa que um dia não terá rival, e que será conhecida por todos de um bem sem igual para a humanidade.<sup>177</sup>

Diferentemente de Chernoviz (1908), Carlos Eboli atribui a James Currie, inglês, as primeiras bases científicas deste tratamento. Já no final do século XVIII, no hospital de Liverpool, o médico inglês tratou de forma eficaz, pela primeira vez através das duchas frias, sete casos de tifo. Eboli ainda destaca que o trabalho de James Currie era bastante apreciado na Itália e também na França, despertando o interesse de Louis Fleury, que viria a se tornar grande personagem da prática hidroterápica. E também baseou o trabalho do italiano Giannini, que apresentou primeiramente um estudo sobre a imersão de água fria contra as febres perniciosas, estendendo suas observações a outras enfermidades.

De acordo com o médico J. Z. M. Brum,<sup>178</sup> Vicente Priessnitz fora guiado por tradições populares de seu país e pela experiência pessoal com o tratamento de ferimentos, consequentes a queda de cavalo, a partir da água fria, construindo um método empírico, apresentado anteriormente. E a cura destes ferimentos fez com que a fama do tratamento se espalhasse pela região onde atuava. Eboli afirma, em *Hydrotherapia*, que, entre 1829 e 1842, a prática hidroterápica manteve seu caráter empírico, período que engloba o emprego desta terapêutica por Priessnitz, concordando, portanto, com Brum.

Apesar de Eboli não considera-lo um especialista na prática, e por não ser médico e desconhecer as contra indicações da hidroterapia, ter transformado a água fria em um recurso

<sup>177</sup> EBOLI. *Hydrotherapia*. *Op. Cit.* s/p.

<sup>178</sup> BRUM, J. Z. M. Parecer sobre a estatística do Instituto Sanitário Hidroterápico de Nova Friburgo apresentada pelo Sr. Dr. Carlos Eboli. *Annaes Brasilienses de Medicina*, TOMO XXIX, Junho de 1877, N. 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014.

para todas as enfermidades, comprometendo sua eficácia, presta louvores à iniciativa deste aldeão. Priessnitz considerou as várias faces terapêuticas da água e, principalmente, foi de encontro ao senso popular de que a aplicação de água fria sobre o corpo suado provocaria enfermidade, sendo esta a base do seu tratamento. Apresenta também que foi este aldeão que tornou conhecida a verdadeira hidroterapia, através da propagação do uso externo e interno da água.

O caráter científico da hidroterapia, segundo Carlos Eboli, só fora desenvolvido posteriormente, por médicos estudiosos do assunto, enfatizando o trabalho de Louis Fleury. Professor da Universidade de Paris e diretor do instituto hidroterápico de Plessis-Lalande, entre as décadas de 1860 e 1870, Fleury é recorrentemente citado ao longo de *Hydrotherapia*, caracterizado como aquele que consolida os alicerces da prática hidroterápica. Começou sua relação com água no estabelecimento de Bellevue, em 1846, chegando ao cargo de diretoria, onde permaneceu por cerca de vinte anos. Mesmo com todos os louvores a Fleury, Carlos Eboli também apresentou críticas em relação ao seu trabalho, apontando lacunas sobre a descrição de alguns tipos de duchas e temperatura da água. A França tornou-se o berço da introdução da hidroterapia nas práticas médicas, e teve seu primeiro estabelecimento hidroterápico no Château de l'Arcade, fundado por Baldu, segundo Eboli.

Na França, era competência da Academia Real de Medicina promover o estudo das águas e regulamentar sua utilização, enquanto no Brasil, coube à Academia Imperial de Medicina esta tarefa.<sup>179</sup> Em 1841, a Academia brasileira nomeou, a pedido, o médico Domingos Marinho de Azevedo Americano para uma viagem científica pela Europa, visando acumular conhecimento sobre os principais progressos que se fazia a medicina, como é apresentado pelo jornal *Annaes Brasilienses de Medicina* (março/1868). Segundo Eboli, em *Hydrotherapia*, o médico também acompanhou os êxitos hidroterápicos, observando os resultados de estabelecimentos hidroterápicos na França.

As primeiras notícias sobre esta prática no Brasil foram publicadas no periódico da Academia Imperial de Medicina, em 1839, que “referem-se às fontes termas de Goiás e à utilização da sua água no tratamento da morfeia”.<sup>180</sup> Maria Manuel Quintela (2008) afirma que a primeira tese sobre o assunto é escrita por Antônio Maria de Miranda Castro, datada de 1841.

---

<sup>179</sup> QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op.Cit.*

<sup>180</sup> *Ibidem.* p. 61.

É citada por alguns autores da época como a mais completa. Nesta tese, o autor fala das potencialidades destas águas e da necessidade de o Brasil investir neste campo, visto como parte do desenvolvimento da própria medicina, à semelhança do que se passava na Europa, onde as águas minerais serviram de “meio sanitário” e “fundo precioso de interesse de prosperidade”, enriquecendo e civilizando “estéreis vilas”.<sup>181</sup>

Carlos Eboli, em *Hydrotherapia*, rende comentários sobre duas teses que abordam o tema da hidroterapia: os esforços realizados pelo médico Antônio Idelfonso Gomes, a partir de 1851, de introduzir a hidroterapia no Brasil e a tese do médico Cândido Ladisláo Japi-Assú de Figueiredo de Mello, apresentada à escola médica baiana.

Ao primeiro, designa elogios a Antônio Idelfonso Gomes por ter sido o primeiro entre os médicos brasileiros a percorrer as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, na tentativa de disseminar o emprego da água fria como forma eficaz de tratamento. Este médico também utilizava as páginas dos jornais como meio de divulgação. Entre tais publicações, destacamos uma, na qual descrevia vários casos de cura através da hidroterapia, principalmente pelo título dado a ela: “Quando Deus quer, água fria é remédio”.<sup>182</sup> Porém, em meio estes elogios, Eboli equipara sua prática hidroterápica ao empirismo de Priessnitz. Faltava-lhe, segundo o médico italiano, um conhecimento sobre estudos produzidos e a direção de um especialista, imperfeições que estariam relacionadas também a época que exerceu e escreveu sobre a prática, mas que se tornaram obstáculo para a disseminação da hidroterapia no Brasil.

O tema da tese do segundo médico citado é a febre amarela. Eboli destaca a relação que o autor estabelece entre a doença e seu tratamento pela hidroterapia. Porém, esta tese não ganhou notabilidade na área hidroterápica por não ser o emprego da água fria o seu tema principal. Nesta tese, Figueiredo e Mello comprova a eficácia do tratamento hidroterápico no caso das febres graves, tais como tifo, tifoide e perniciosas. Ao apresentar esta tese em sua memória, Eboli também rende grandes elogios ao autor, por demonstrar grande conhecimento teóricos e técnicos sobre a hidroterapia, relacionando-os ao de fisiologia e patologia. Afirma que se Figueiredo e Mello tivesse continuado com as práticas hidroterápicas, investindo até em um estabelecimento de duchas, seria mais bem sucedido do que Antônio Idelfonso

---

<sup>181</sup> *Ibidem*. p. 31.

<sup>182</sup> GOMES, Antônio Idelfonso. Quando Deus quer, água fria é remédio. *Correio da Tarde*, 30 de junho de 1848, página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 25 de outubro de 2016.

Gomes, “propagando no Império, devidamente, esta medicação, sem preconceitos e livre de todo o empirismo”.<sup>183</sup>

Seguindo a análise de *Hydrotherapia*, Carlos Eboli ainda critica os poucos tipos de duchas e a falta de conhecimento ao utilizá-las em casas no Rio de Janeiro. “Devo declarar peremptoriamente que a estas duchas falta a completamente a arte e revelam imperfeição nos aparelhos, na força de projeção e temperatura da água e imperícia nos que pretendem aplicá-las”.<sup>184</sup> Defende também que o clima quente da Corte não era adequado ao sucesso do tratamento hidroterápico, sendo o clima de montanha o mais recomendado para o bom êxito da prática. E, segundo o médico italiano, foram os poucos resultados positivos obtidos no Rio de Janeiro acabavam por provocar a descrença de médicos e pacientes na hidroterapia como uma alternativa eficaz de tratamento. “Os doentes incautos não se devem deixar iludir e não devem dar importância alguma à hidroterapia praticada em um clima quente como o do Rio de Janeiro”.<sup>185</sup>

Apesar do grande entusiasmo com que foi recebido o tratamento hidroterápico, esta não deveria ser recomendada para todos os pacientes e para todas as moléstias, como destaca o médico João Vicente Torres Homem.<sup>186</sup> Se mal empregada, a água pode trazer mais malefícios do que benefícios à saúde. E são estes malefícios que provocam a descrença ou desconfiança nesta prática. Por isso, mais do que condições climáticas e geográficas, a direção especializada se fazia necessária. Carlos Eboli confirma esta preocupação por várias vezes ao longo de sua memória, enfatizando que a ciência hidroterápica necessitava, antes de mais nada, ser conduzida por quem soubesse fazer bom uso dela.

E é esta especialização que guiará a escolha pelo tempo de duração, dos tipos de duchas, de acordo com a propriedade da água fria e seu efeito, para que se aplique corretamente o tratamento sobre a doença que se quer combater. A partir das informações colhidas em sua memória construímos a tabela abaixo, na qual o Carlos Eboli explica as diferentes propriedades e seus efeitos, a partir do modo de aplicação das duchas.

---

<sup>183</sup> EBOLI. *Hydrotherapia*. *Op. Cit.* s/p.

<sup>184</sup> *Ibidem*.

<sup>185</sup> *Ibidem*.

<sup>186</sup> HOMEM, João Vicente Torres. Lições sobre as moléstias do sistema nervoso, feitas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Lição XIII. *O Progresso Médico*. Volume III, 1878. pp. 337 a 350. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

**Tabela 2.1:** Propriedades da água fria<sup>187</sup> e seus efeitos.

Propriedade	Duração	Tipo de ducha <sup>188</sup>	Efeito	Doenças
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hemostática,</li> <li>• “Anti-phlogística<sup>189</sup>”</li> <li>• Sedativa</li> </ul>	Longa	Compressas localizadas <sup>190</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Constrição dos vasos capilares</li> <li>• Coagulação do sangue</li> <li>• Efeito calmante, sedativo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tipos de hemorragia</li> <li>• Febre tifoide</li> <li>• Sistema nervoso: histerismo, epilepsia, “chorea<sup>191</sup>”, afecções espasmódicas</li> </ul>
Excitante	Curta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Forma de chuva</li> <li>• Jato móvel</li> <li>• Coluna</li> <li>• Escocesas<sup>192</sup></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ativa a inervação e a circulação</li> <li>• Desperta sensibilidade das fibras musculares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tipos de paralisias</li> <li>• Congestões crônicas dos centros nervosos</li> <li>• Constipações intestinais</li> </ul>
Revulsiva	Curta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Localizadas<sup>193</sup></li> <li>• Forma de chuva</li> <li>• Jato</li> <li>• Círculo<sup>194</sup></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Água como ventosa</li> <li>• Hiperemias ativas e passivas dos órgãos internos</li> </ul>	Congestão dos órgãos
Resolutiva	Curta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transudações</li> <li>• Duchas gerais e locais</li> <li>• Exercícios</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior atividade na circulação</li> <li>• Mais energia</li> <li>• Maior absorção molecular</li> </ul>	Obesidade
Reconstituente ou tônica	Curta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duchas em chuva</li> <li>• Jato</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimulação e ativação da ação dos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Moléstias crônicas</li> <li>• Fraqueza</li> </ul>

<sup>187</sup> A água fria deveria estar entre 10°C e 15°C. Para garantir o êxito do tratamento, a temperatura baixa também era recomendada, por isso a preferência do tratamento no inverno.

<sup>188</sup> “Dá-se o nome de ducha a queda de uma coluna d’água, de altura e diâmetro determinados, sobre qualquer parte do corpo. Na aplicação d’este meio hidroterápico, a água fria pode ser lançada vertical ou horizontalmente; a percussão pode ser mais ou menos forte e a água mais ou menos dividida” (CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p. 702).

<sup>189</sup> Anti-inflamatório.

<sup>190</sup> Indicação da aplicação da água fria apenas nos casos das febres.

<sup>191</sup> “Chorea ou Doença de S. Vito. Movimentos irregulares e involuntários parciais ou gerais, do sistema muscular, e mais especialmente dos músculos dos membros e do rosto” (*Ibidem.* p. 1536).

<sup>192</sup> A ducha escocesa caracterizava-se pela alternância entre a utilização de água fria e quente.

<sup>193</sup> “São duchas que se aplicam a uma região determinada do corpo; aplicam-se por meio de aparelhos móveis” (*Ibidem.* p. 702).

<sup>194</sup> “Compõem-se de uma série de arcos ocios de cobre [...] Cada arco tem a sua torneira. Para administrar a ducha, o doente coloca-se entre os arcos, e depois de aberta a torneira que se deve empregar, vira-se brandamente sobre si mesmo afim de molhar igualmente toda a superfície do corpo” (*Ibidem.*).

		• Círculo	nervos e do sangue • Melhoramento das qualidades do sangue	• Empobrecimento do sangue
• Sudorífica • Alternante • Depurativa	Curta	Forte e rápida	Provocação de suores para eliminação de princípios nocivos do sangue	• Bronquite • Anemia • Nevralgias • Reumatismos
• “Anti-periódica”	Curta Longa	Duchas piréticas	• Modificação, tonificação e retificação das funções da pele • Alternação entre efeitos calmantes e tônicos	• Doenças de caráter periódico <sup>195</sup> • Infecções por “miasmas paludosos”

(Fonte: EBOLI, Carlos. Hydrotherapia: Memória Apresentada á Academia Imperial de Medicina para Obter o Título de Membro Correspondente. Annaes Brasilienses de Medicina, TOMO XXII, Abril de 1871, N. 11. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014).

Carlos Eboli, com a descrição dos diferentes modos de aplicação das duchas, demonstra que a água fria, principal elemento da hidroterapia, não deveria ser aplicada da mesma forma a todos os casos, sendo conhecido cada efeito que produzirá a partir da escolha do método. “A hidroterapia, pela sensação de frialdade e pela percussão, exerce uma ação dinâmica sobre a periferia dos nervos, ação que se transmite aos centros nervosos, se reflete sobre os órgãos internos e sobre a pele mesma”.<sup>196</sup> Estas informações, portanto, respondiam a principal crítica voltada para a prática hidroterápica: que a água fria era usada do mesmo modo para toda enfermidade.

Através da Tabela 2.1, observamos a diferença do efeito da água sobre o corpo a partir do tempo de aplicação das duchas. Enquanto a longa duração produz um efeito anestésico, calmante; a curta duração faz o efeito oposto, tonificante e excitante. Assim, Eboli justifica o motivo de, ao longo de toda sua memória, afirmar que a hidroterapia deve ser ministrada por um especialista, já que, se mal aplicada, pode causar o efeito oposto ao desejado e contribuir para a descrença do tratamento.

Fleury diz: Graças à multiplicidade de seus processos, à variedade e à especialidade de suas indicações, a hidroterapia científica pode satisfazer as indicações mais acidentais, as mais imprevistas, como as que nos apresentam

<sup>195</sup> Como as chamadas febres intermitentes.

<sup>196</sup> EBOLI. Hydrotherapia. *Op. Cit.* s/p.

cotidianamente e que se referem à temperatura da água, ao poder e à disposição dos aparelhos; à estação, ao clima, às vicissitudes atmosféricas, às condições locais, à idade, ao sexo, à constituição, ao temperamento do indivíduo; à doença encarada pela sua natureza, pela suas fases, pelas suas transformações e suas complicações. Eis o que interessa não só aos médicos como aos estranhos à arte saberem.<sup>197</sup>

Ele também destaca que poderia ter métodos auxiliares às duchas, como podemos observar na Tabela 2.1, na propriedade resolutive. Neste caso, os exercícios eram realizados juntamente com a aplicação da água. Chernoviz (1908) também indica como principais métodos auxiliares os exercícios físicos moderados e, para aqueles que não podem se locomover, “empregam-se as fricções e, sobretudo, a maçadura<sup>198</sup>”;<sup>199</sup> e o regime alimentar usado como coadjuvante da água era tônico “composto principalmente de carne assada, ovos, peixes, tapioca, vinho”.<sup>200</sup>

Além disso, o estado do paciente é levado em consideração, como foi dito anteriormente. Considerando a especialidade de Carlos Eboli, as moléstias uterinas, o médico cita o exemplo da aplicação de duchas durante a menstruação: “Quando durante as aplicações de água fria sobrevinha a menstruação, podemos francamente continuar o tratamento, que não será interrompido neste período”.<sup>201</sup> A partir desta afirmação, podemos perceber que o assunto era uma fonte de preocupação neste tratamento. Eboli, então, adverte somente que os tipos de duchas devem ser trocados, evitando as duchas diretas, aplicando só as duchas em chuva e em jato. E, as propriedades apresentadas na Tabela 2.1 também são escolhidas, neste caso, a partir do fluxo de cada mulher.

Destacamos também a indicação da hidroterapia para a limpeza do corpo, que teria sido infectado pelos chamados “miasmas paludosos”, denominado assim pelo próprio Eboli. Como foi apresentado no primeiro capítulo, este pensamento acompanhava a teoria do Higienismo, no qual o ar poluído por matérias deterioradas seriam a principal causa das doenças. O clima de montanha, então, juntamente com a hidroterapia auxiliaria no tratamento deste tipo de enfermidade.

---

<sup>197</sup> *Ibidem.*

<sup>198</sup> “Dá-se este nome à compressão metódica e intermitente, produzida por fricções manuais, a princípio brandas, depois fortes, por fim muito enérgicas, feitas de baixo para cima, cujo efeito imediato é a diminuição do volume da parte maçada” (CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p. 793).

<sup>199</sup> *Ibidem.* p. 705.

<sup>200</sup> *Ibidem.*

<sup>201</sup> EBOLI. *Hydroterapia. Op. Cit.* s/p.

**Figura 2.2:** Sala de duchas de um estabelecimento hidroterápico.

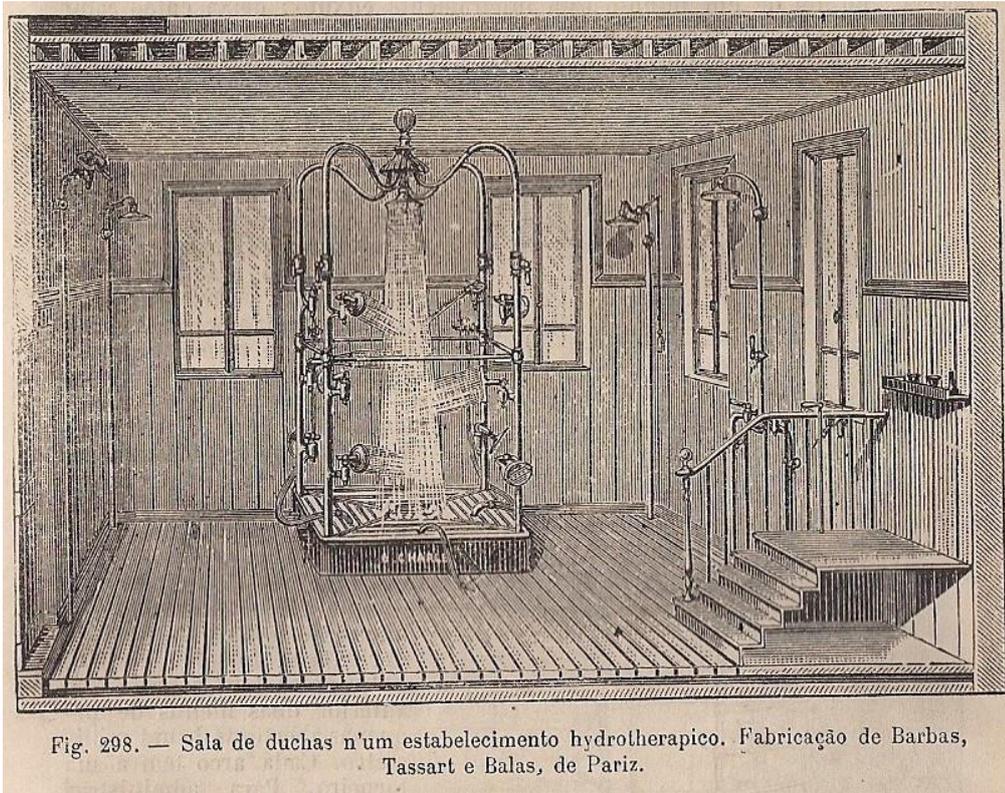


Fig. 298. — Sala de duchas n'um estabelecimento hydrotherapico. Fabricação de Barbas, Tassart e Balas, de Pariz.

(Fonte: CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Formulário e Guia Médico. 18ª edição. Paris: Typografia de Roger e F. Chernoviz, 1908. p.701)

**Figura 2.3:** Ducha dorsal, à esquerda, e aparelho para duchas verticais e laterais, à direita.

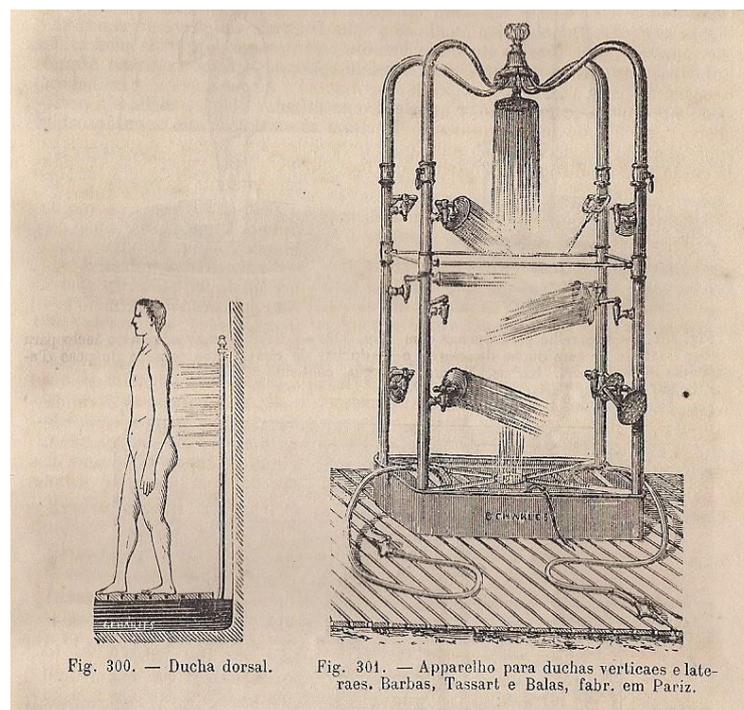


Fig. 300. — Ducha dorsal.

Fig. 301. — Apparelo para duchas verticais e lateraes. Barbas, Tassart e Balas, fabr. em Pariz.

(Fonte: CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p.703)

**Figura 2.4:** Aparelho circular para duchas.

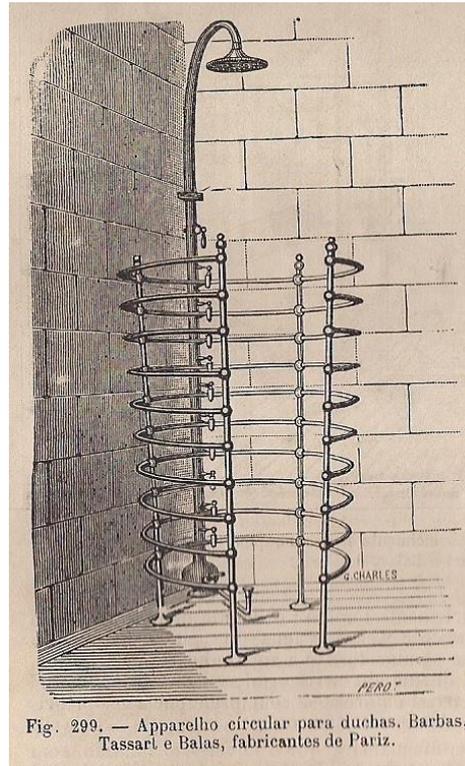


Fig. 299. — Aparelho circular para duchas. Barbas, Tassart e Balas, fabricantes de Pariz.

(Fonte: CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p.702)

**Figura 2.5:** Aparelho para duchas com pressão de ar, ducha de chuva e ducha móvel, à esquerda; e balde que se adapta ao teto para duchas de chuva, com pressão do peso d'água, contendo 30 litros, à direita.

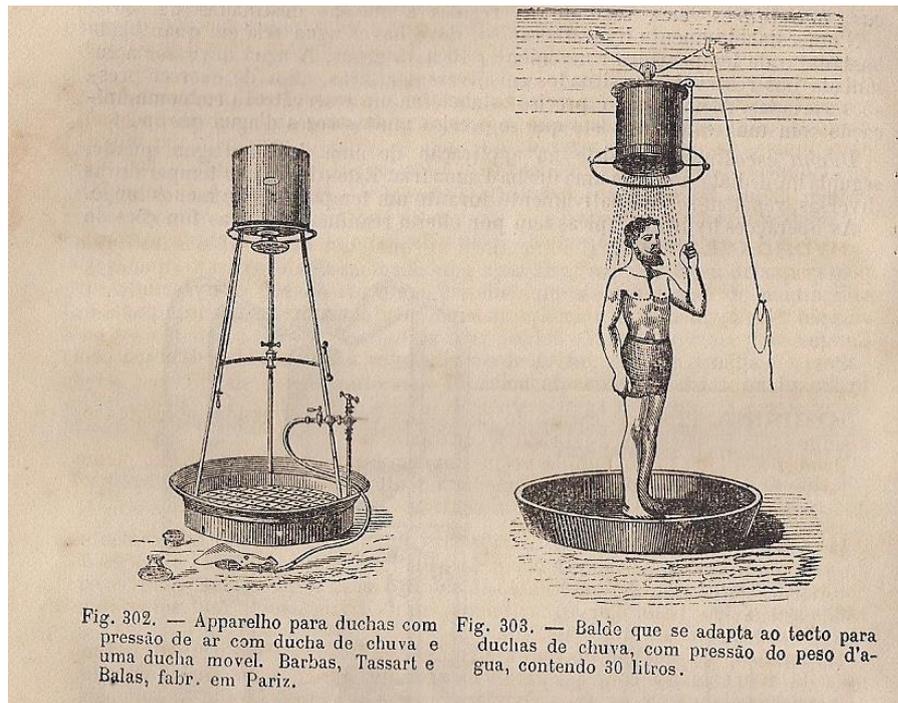
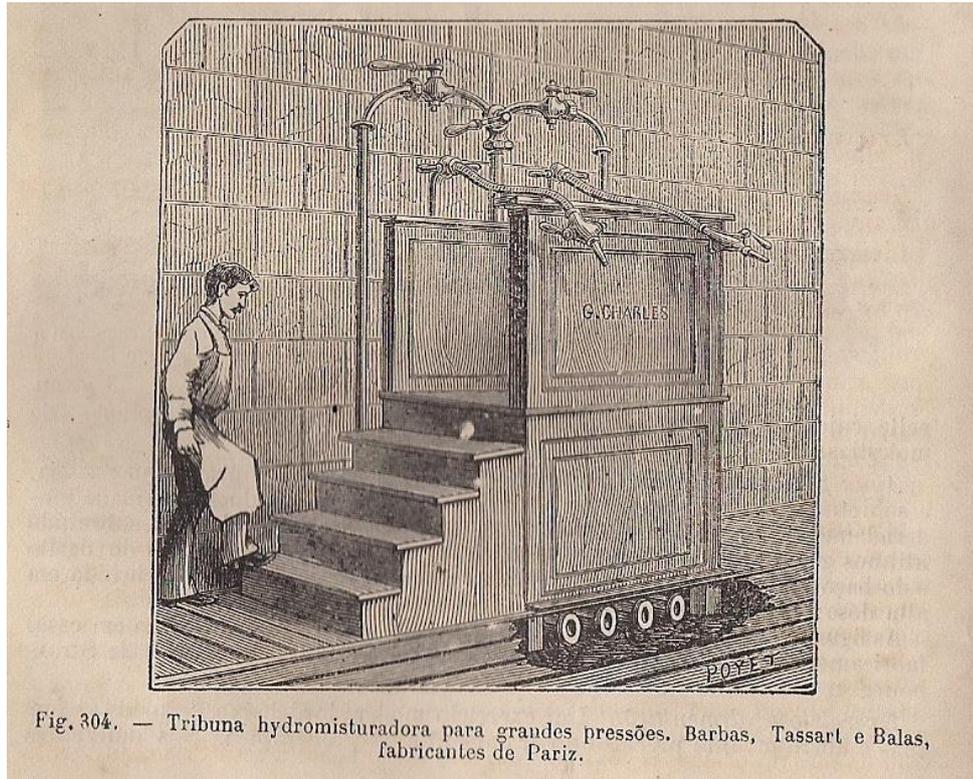


Fig. 302. — Aparelho para duchas com pressão de ar com ducha de chuva e uma ducha movel. Barbas, Tassart e Balas, fabr. em Pariz.

Fig. 303. — Balde que se adapta ao tecto para duchas de chuva, com pressão do peso d'água, contendo 30 litros.

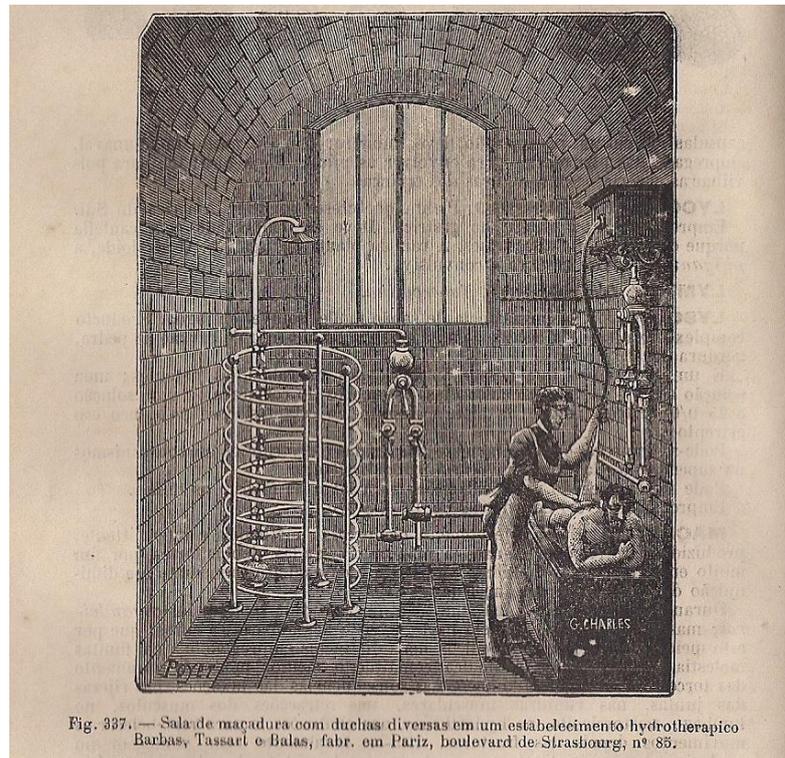
(Fonte: CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p.704)

**Figura 2.6:** Tribuna hidro misturadora para grandes pressões.



(Fonte: CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p.704)

**Figura 2.7:** Sala de maçadura com duchas diversas em um estabelecimento hidroterápico.



(Fonte: CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p.794)

Uma questão que deve ser levantada é sobre o preço elevado do tratamento e a hospedagem em um estabelecimento hidroterápico, ficando os pobres privados dos recursos desta prática. Como é sempre enfatizado ao longo desta análise, o paciente não poderia ser submetido a qualquer tipo de duchas durante o tratamento. O que nos faz questionar “a essência do termalismo europeu: água para todos, para tudo tratar, mas a todos de modos diferentes, cada um em seu lugar”.<sup>202</sup> A hidroterapia, portanto, tinha seus limites traçados, podendo ser a única forma de tratamento ou auxiliada por outras.

Outro inconveniente que podia ser relatado é a longa duração do tratamento hidroterápico. A maioria dos pacientes que procuravam este tratamento era acometida por doenças crônicas. A hidroterapia, nestes casos, como Maria Manuel Quintela (2008) afirma, se torna um recurso importante uma vez que os doentes já haviam tido “uma longa experiência de contato com os sistemas de saúde, muitas vezes frustrante, que os conduz a procurar outros sistemas terapêuticos”.<sup>203</sup>

Como demonstraremos no capítulo 3, antes da grande difusão da prática hidroterápica, o tratamento através das chamadas “águas minerais” já era realizado e estudado no Brasil. E para esclarecer uma possível confusão entre esta prática e a hidroterapia, faremos uma pequena introdução sobre ela.

De acordo como o *Formulário e Guia Médico* (1908), este tipo de água é caracterizada por conter “substâncias estranhas à composição natural deste líquido [...] As águas minerais constituem uma classe importante de medicamentos”.<sup>204</sup> Sigaud (2009), inclusive, reserva o capítulo VI de seu trabalho<sup>205</sup> para apresentar as principais fontes do Brasil na época (1844). Quintela (2008) apresenta o primeiro Código das Águas Minerais Brasileiras, indicando que estas águas são provenientes de fontes naturais, e têm como diferencial a presença de elementos físico-químicos, o que lhes confere uma ação medicamentosa.<sup>206</sup>

A cultura da água como forma de tratamento tem sua “idade do ouro” no século XIX, quando a medicina começa a distanciar essa prática do que era considerado “saber popular” e

---

<sup>202</sup> BASTOS, Cristiana. Banhos de Princesas e Lázarus: Termalismo e Estratificação Social. *Anuário Antropológico*, 2010, vol. II: 107-125. Disponível em [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas%202010%20II/Cap%20V.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202010%20II/Cap%20V.pdf) - Acessado em 12 de abril de 2014. p. 180.

<sup>203</sup> QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op.Cit.* p.46.

<sup>204</sup> CHERNOVIZ. *Formulário e Guia Médico*. *Op. Cit.* p. 258.

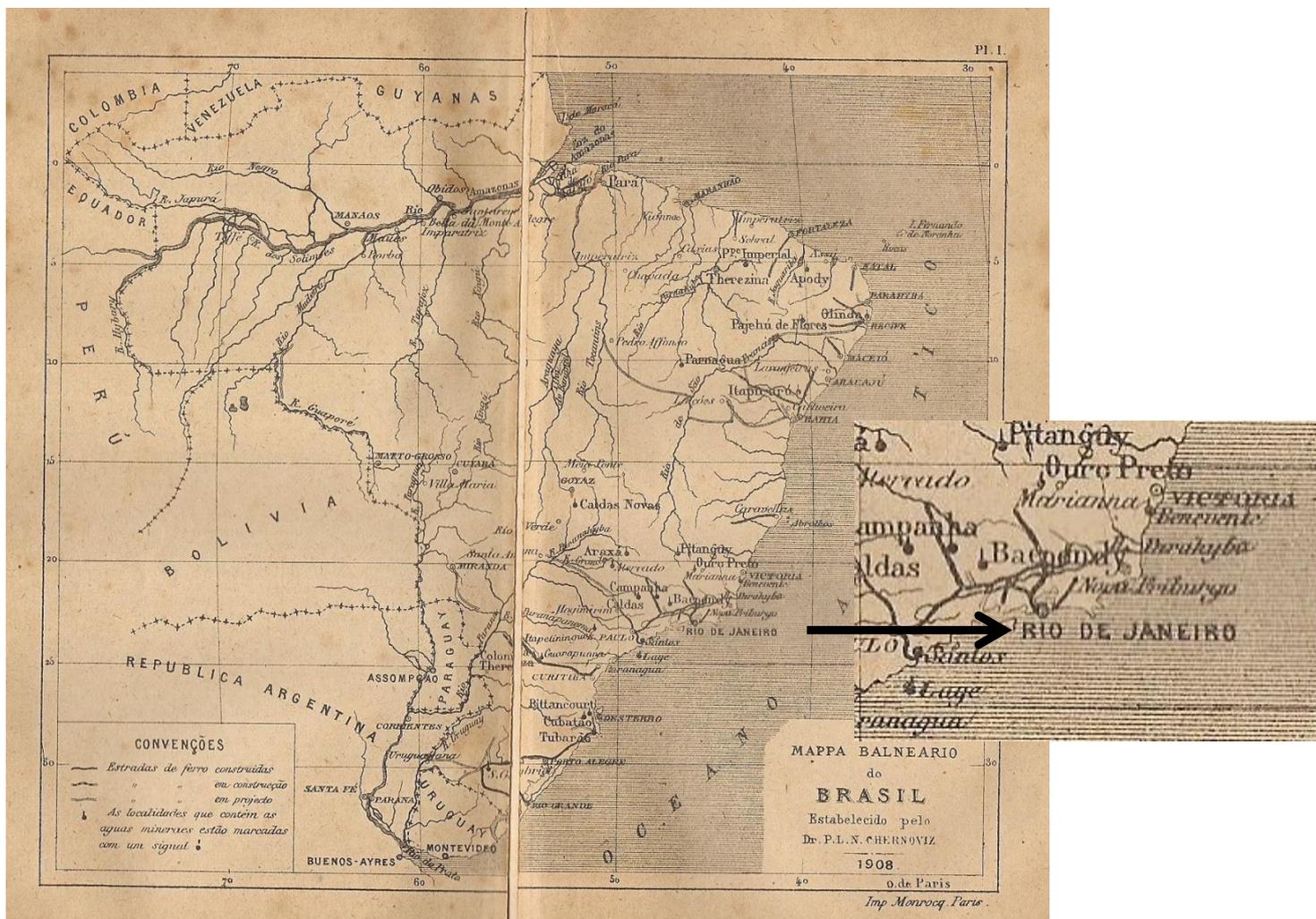
<sup>205</sup> SIGAUD. *Do Clima e das Doenças do Brasil*. *Op. Cit.*

<sup>206</sup> QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op.Cit.*

aproximá-la do campo científico.<sup>207</sup> E “durante o século XIX, as práticas termiais afirmam-se na sua dimensão de atividade terapêutica e lúdica, o que, por seu turno, fomentou o desenvolvimento de novas cidades e o aparecimento de novos estabelecimentos balneares”.  
208

Em *Hydrotherapia*, Carlos Eboli defende a superioridade do tratamento hidroterápico em relação às águas minerais, por estas atenderem de forma eficaz um número menor de enfermidades. Outro obstáculo apontado é que estas devem ser utilizadas, de preferência, em locais determinados, como nascentes, o que dificulta sua acessibilidade.

**Figura 2.8:** Mapa das cidades balneárias no Brasil. Destaca-se a indicação de Nova Friburgo, sede do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, como veremos no próximo capítulo.



(Fonte: CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Formulário e Guia Médico. 18ª edição. Paris: Typografia de Roger e F. Chernoviz, 1908. P 1.1.)

<sup>207</sup> *Ibidem.*

<sup>208</sup> *Ibidem.* p. 37.

### 2.2.1 Hidroterapia em Cantagalo.

Voltando à Fazenda Gavião, primeira iniciativa de Carlos Eboli com a hidroterapia na região, podemos encontrar em sua tese informações sobre os resultados desta experiência e dos atores que também participaram deste momento junto com o médico italiano. Então, a partir da seção denominada *Observações Clínicas*, de sua memória *Hydrotherapia*, construímos a tabela a seguir, que apresenta os atendimentos realizados em Cantagalo:

**Tabela 2.2:** Observações clínicas colhidas na Fazenda Gavião (1868-1870)

Nome	Idade	Origem	Ocupação	Doença <sup>209</sup>	Tempo de tratamento	Médicos citados	Resultado
J.C. d'O.	25 anos	Niterói	Maquinista	Tísica Pulmonar	Dois meses	Avellar e Lemos	Melhora durante o tratamento
Catharina	47 anos	Cantagalo (Fazenda d'Aldêa)	Escrava	Reumatismo muscular crônico	Dois meses e meio	-	Curada
Lucas	37 anos	Cantagalo (Fazenda dos Cafés)	Escravo	Reumatismo muscular e articular	Quatro meses	-	Apresentou melhora
Joaquim	50 anos	Cantagalo (Fazenda d'Aldeia)	Escravo	Reumatismo articular crônico	Três meses	-	Curado
Joaquina	45 anos	Cantagalo (Fazenda d'Aldeia)	Escrava	Reumatismo muscular e articular	Dois meses e meio	-	Curada
Eduardo Van Erven	30 anos	Cantagalo	Fazendeiro	Torcicolo	Três dias	-	Curado
Maria	35 anos	Cantagalo (Fazenda Gavião)	Escrava	Diversas moléstias uterinas	Dois meses	-	Apresentou melhora
Lucinda	42 anos	São Fidélis (Fazenda Macapá)	Escrava	Queda do útero	Dois meses	Basílio Messina	Apesentou melhora

<sup>209</sup> Com exceção do “Reumatismo articular agudo”, Torcicolo e “sternalgia reumática”, para as demais doenças citadas por Carlo Eboli, o Formulário e Guia Médico (1908), de Chernoviz, indica o tratamento através do banho, em temperaturas diferentes.

Pedro Celestino da Silva Perez	27 anos	Vassouras	-	Nervosismo <sup>210</sup> hipocondríaco	Três meses e meio	José Maria de Andrade, Antônio Lazzarini, Corrêa Figueiredo, Valadão Pimentel e Felix Martins	Curado
Rosa	50 anos	São Fidélis (Fazenda Macapá)	Escrava	Queda e engurgitamento <sup>211</sup> do útero	Dois meses	Victor de Beauclair	Apresentou melhora
Camila	36 anos	Cantagalo (Fazenda Gavião)	Escrava	Sternalgia <sup>212</sup> reumática	Um mês	-	Curada
Bernardo Mendes Pinto	42 anos	Cantagalo	Administrador de fazenda	Reumatismo muscular e articular	Um mês	-	Curado
Antônio	50 anos	Cantagalo (Fazenda Santa Rita)	Escravo	Artrite no joelho	Três meses	Pedro Antônio Domingues e Fortunato Corrêa de Azevedo	Apresentou melhora
Luciana	45 anos	São Fidélis (Fazenda Pedra Lisa)	Escrava	Reumatismo articular e muscular do braço direito	53 dias	Basílio Messina	Curada
Venâncio	42 anos	Cantagalo (Fazenda Ribeirão Dourado)	Escravo / Tropeiro	Reumatismo articular	Dois meses	Elias Antônio de Moraes	Curado
A. De S. L. J.	22 anos	Cantagalo	-	Tísica pulmonar	Três meses	Fortunato Corrêa de Azevedo, Oliveira Mafra e Belmonte de Andrade	Apresentou melhora
Laudegário	24 anos	Cantagalo (pertencente	Escravo	Gastro-enteralgia <sup>213</sup>	-	Adolpho Beauclair	Curado

<sup>210</sup> “Hyponcondria. Moléstia caracterizada pela perturbação na digestão, sem febre nem lesão local; por flatulência, exaltação extrema da sensibilidade, espasmos, palpitações, ilusões dos sentidos, sucessão de fenômenos mórbidos que simulam a maior parte das doenças, terrores, pânico, inquietações exageradas, principalmente sobre o que respeita à saúde” (CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p. 1737).

<sup>211</sup> Sinônimo de Enfarte, segundo Chernoviz. “Enfarte. Obstrução de um órgão ou parte d’ele, com aumento de volume e de densidade” (*Ibidem.* p. 1605).

<sup>212</sup> “Angina do peito: Angina nervosa, esternalgia, angor pectoris. Doença que tem por caráter principal um aperto doloroso no peito com ansiedade e sentimento de sufocação, voltando por acessos com intervalos mais ou menos afastados” (*Ibidem.* p.1427).

<sup>213</sup> “Cólica nervosa. Cólica espasmódica ou gastro-enteralgia. Cólica sem nenhum sintoma inflamatório, e que é devida a uma lesão particular dos nervos dos intestinos” (*Ibidem.* p. 1542).

		a Manoel Francisco Marques Guimarães)					
João Van Erven	24 anos	Cantagalo	-	Reumatismo articular agudo	Seis dias	-	Curado
Marcellina	25 anos	Nova Friburgo (pertencente à Baronesa de São Clemente)	Escrava	Tremor choreico <sup>214</sup>	Dois meses	Ferreira de Abreu, Torres Homem, Saboia, Pereira Rego e Costa Ferraz	Curada
Maria	22 anos	Nova Friburgo (Mucama da Baronesa de Nova Friburgo)	Escrava	Histerismo <sup>215</sup>	Dois Meses	Saboia, Pereira Rego e Fortunato Corrêa de Azevedo	Curada

(Fonte: EBOLI, Carlos. *Hydrotherapia: Memória Apresentada á Academia Imperial de Medicina para Obter o Título de Membro Correspondente*. *Annaes Brasilienses de Medicina*, TOMO XXII, Abril de 1871, N. 11. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014.)

Ao analisarmos esta tabela, organizada a partir da data de chegada dos enfermos à Fazenda Gavião, primeiramente observamos a descrição majoritária de casos de escravos enfermos (70%) comparadas a outras ocupações relacionadas por Carlos Eboli. Em suas observações clínicas, publicadas em *Hydrotherapia*, ele registra o fato de que antes de serem encaminhados para o tratamento hidroterápico, os escravos estavam reclusos nos hospitais de suas fazendas, em alguns casos por meses, o que os impossibilitava de realizar suas funções. Assim, leva-los às duchas consistia em um último recurso para o tratamento das doenças, que não encontravam solução nas medidas alopáticas e que influenciavam diretamente na manutenção da produtividade das fazendas, como apresentamos no capítulo anterior.

A idade dos escravos tratados na Fazenda Gavião neste período também nos revela uma característica importante após a lei Eusébio de Queiroz: o envelhecimento da mão de obra cativa das primeiras levas que chegaram à região, como também aponta Ricardo Salles (2008) para o caso de Vassouras.<sup>216</sup> É possível observar nesta tabela que a maioria dos escravos relacionados tem acima de 30 anos. Os proprietários, portanto, recorrem ao

<sup>214</sup> “Chorea ou Doença de S. Vito. Movimentos irregulares e involuntários parciais ou gerais, do sistema muscular, e mais especialmente dos músculos dos membros e do rosto” (*Ibidem*. p. 1536).

<sup>215</sup> “Hysterismo: Nevrose própria sobretudo as mulheres, que compreende os *ataques de nervos*; aparece por acessos e manifesta-se, na sua maior intensidade, por gritos, convulsões, opressão, com ou sem a sensação de uma bola no pescoço” (*Ibidem*. p. 1737).

<sup>216</sup> SALLES. E o Vale era o escravo. *Op. Cit.*

tratamento deles como forma de não anulá-los para o trabalho, num contexto de escassez de disponibilidade de renovação. Porém, este envelhecimento não significava uma derrocada desta forma de mão de obra, mas que “aos poucos, o padrão de desenvolvimento demográfico da população escrava da região adquiria um ritmo mais ‘natural’, ditado fundamentalmente pela proporção entre nascimentos e mortes”.<sup>217</sup>

Outro ponto que é necessário ressaltar, enfatizado inclusive pelo próprio Eboli, é a interrupção do tratamento, a partir de setembro. Por ainda não possuir equipamentos completos e recomendados para esta prática, não era possível resfriar a água, condição indispensável para a realização da hidroterapia, como veremos a seguir. Os tratamentos, portanto, eram realizados prioritariamente em meses mais frios, e interrompidos quando a água começava a atingir uma temperatura elevada. Assim, grande quantidade de atendimentos era realizada no mês de junho.

O tratamento, portanto, era interrompido por este motivo ou fatores vindos dos próprios enfermos, como desistência do paciente, como foi o caso de J. C. d’O., que faleceu pouco tempo depois, apesar de uma primeira melhora; ou porque o proprietário permitia que seu escravo ficasse na Fazenda Gavião somente o tempo necessário para amenizar os sintomas, como foi o caso do escravo Laudegário. Tanto um fator quanto o outro gerava impacto direto no resultado obtido. Um exemplo digno de ser descrito é o caso do escravo Antônio, da Fazenda Santa Rita, de quem Carlos Eboli continuou a cuidar após a interrupção do tratamento com as duchas, devido ao aumento de temperatura. Ao realizar outro procedimento, visando a melhora de sua artrite, foi desenvolvida outra enfermidade, que o levou a óbito.

A Tabela 2.2 também reflete que a maioria dos atendimentos tinha alguma relação com a família Clemente Pinto (70%). Seja pelos escravos, provenientes das suas fazendas espalhadas por Cantagalo, São Fidélis e Nova Friburgo, ou pelo tratamento de dois indivíduos pertencentes à família Van Erven, sócios e administradores de várias destas propriedades.

---

<sup>217</sup> *Ibidem.* p. 232.

### 2.3 Construção de sua rede de sociabilidade.

Começaremos, portanto, a tratar da questão da rede de sociabilidade a partir da possível relação entre Carlos Eboli e a família Clemente Pinto. De acordo com João Fragoso (2013), a fortuna destes grandes proprietários tem limites determinados por sua rede de relações, e que ele chama de “hierarquia econômico social”:

Trocando em miúdos: a partir de um certo patamar de fortuna que garantisse aos grandes senhores escravistas o domínio político e social sobre a região, não haveria razões para eles continuarem a investir na produção.<sup>218</sup>

Então, outra opção para este investimento seriam as apólices públicas, imóveis<sup>219</sup> e o que Mariana Muaze (2008) chamou de “bens de prestígio”, cujo objetivo principal era aproximar cada vez mais “os códigos de comportamento das províncias enriquecidas àqueles das capitais, não só do Império, mas de todo mundo ‘civilizado’”.<sup>220</sup>

Na análise desta proximidade entre Carlos Eboli e a família Clemente Pinto, por exemplo, podemos considerar duas questões pertinentes à sociedade da época: a profissionalização e o aumento da influência do saber médico e científico, trazendo estes profissionais para dentro das dinâmicas familiares e sociais,<sup>221</sup> e os códigos da boa sociedade, nos quais o lucro proveniente do café poderia ter este investimento.

Podemos considerar, portanto, que, ao permitir a instalação de um primeiro estabelecimento de duchas da região na sua principal fazenda em Cantagalo, Antônio Clemente Pinto mostrava-se o quão próximo estava das novidades de tratamento médico europeu. Com berço na França, país de maior influência desta sociedade no século XIX, a medicina começa a distanciar a cultura da água como forma de tratamento do que era considerado “saber popular” e aproximá-la do campo científico, abrindo espaço para o reconhecimento do tratamento eficaz de enfermidades através da Hidroterapia.

A fazenda Gavião, portanto, tornava-se um local de representação social, além da produção e de grande concentração de mão de obra cativa.<sup>222</sup> A importação dos hábitos, mentalidades e até bens materiais por estes grandes proprietários iam de acordo com o interesse em ostentar sua riqueza e afirmar sua posição social. E, através de sua influência,

<sup>218</sup> FRAGOSO. Barões do café e sistema agrário escravista. *Op.Cit.* p. 44.

<sup>219</sup> FRAGOSO. Barões do café e sistema agrário escravista. *Op.Cit.*

<sup>220</sup> MUAZE, Mariana. As memórias da Viscondessa: Família e Poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 107.

<sup>221</sup> MAUAD e MUAZE. A escrita de intimidade. *Op. Cit.*

<sup>222</sup> MUAZE. O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial. *Op. Cit.*

desciam a serra para afrancesar os costumes cariocas.<sup>223</sup> A família Clemente Pinto destacava-se, então, de outros produtores e confirmava seu papel social pertencente à boa sociedade fluminense, condizente com sua fortuna.

O papel de Carlos Eboli, podemos fazer uma analogia ao que é apresentado por Mário Biagioli (2006) em relação à condução por Galilei Galilei de suas descobertas e do papel do mecenato dos Médici.<sup>224</sup> Eboli introduz este novo conhecimento dentro de um contexto de afirmação do discurso médico, atraindo a atenção de uma família reconhecida socialmente e abastada. A partir de então, conquista seu espaço profissional, assim como, possivelmente, um financiamento para seu empreendimento. Os interesses de ambos estavam, portanto, articulados, o que construiu um contexto favorável para o sucesso da sua iniciativa.

É então, a partir da dimensão sociológica das redes, que entendemos o indivíduo como pertencente a um conjunto de relações de interdependência, a qual modela seu espaço de atuação, de decisão e lhe atribui valor, considerando a formação desta rede, sua posição e a forma como lida com as questões de convivência com outras pessoas, sendo elas de mesma formação profissional ou de outros setores importantes para o desenvolvimento da sociedade no qual se insere.<sup>225</sup>

Através desta rede também são construídas estratégias individuais e o modo de comportamento do indivíduo, como podemos observar na relação entre Eboli e a família Clemente Pinto, citada anteriormente, que acompanham as mudanças sociais, já que “os círculos sociais são relativamente permutáveis para os homens singulares”.<sup>226</sup> Aprofundar o conhecimento sobre esta rede permite, portanto, uma compreensão maior do contexto histórico das trajetórias, além de fornecer uma visão ampla sobre estas individualidades, “que se desenvolvem nas e pelas relações com outros homens”.<sup>227</sup>

Assim, outra rede de relações possível de perceber através das *Observações Clínicas* é constituída pelos médicos, que indicavam o tratamento hidroterápico aos enfermos no período em que Eboli atuou em Cantagalo ou que tinham fornecido atendimento anterior. Eram, em sua maioria, médicos que atuavam na região, responsáveis pelo atendimento em outras fazendas, inclusive Fortunato Corrêa de Azevedo, que viria a se tornar sócio de Carlos Eboli em seu empreendimento em Nova Friburgo; e nomes que são encontrados também nos

<sup>223</sup> LAMEGO. O Homem e a Serra. *Op. Cit.*

<sup>224</sup> BIAGIOLI, Mário. Galileu, Cortesão: a prática da Ciência na cultura do Absolutismo. Porto/Portugal: Porto Editora, 2006. Capítulo 2.

<sup>225</sup> ELIAS, Norbert. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>226</sup> *Ibidem.* p. 111.

<sup>227</sup> *Ibidem.* p. 49.

registros da Academia Imperial de Medicina, como os médicos Pereira Rego<sup>228</sup> e Torres Homem<sup>229</sup>.

Voltando ao início deste capítulo, apresentamos a relação pessoal e profissional entre João Vicente Torres Homem e Manuel Valladão Pimentel, médico particular de Antônio Clemente Pinto. Observando a Tabela 2.2, que revela sua ligação profissional também com Carlos Eboli, os dados também indicam que os escravos da casa da família Clemente Pinto estavam sob seus cuidados e também aos do médico Pereira Rego. Mais uma vez, podemos considerar que a relação de Carlos Eboli com a família do Barão de Nova Friburgo tenha construído esta ponte entre o médico residente em Cantagalo e dois nomes de grande credibilidade na Corte.

Na tabela a seguir, apresentamos os médicos<sup>230</sup> citados em *Hydrotherapia* (1871) que também atuavam em instituições similares ao campo profissional de Carlos Eboli no Brasil. Estes dados também apontam que Eboli seguia um modo de atuação comum aos profissionais da região.

---

<sup>228</sup> José Pereira Rego (1816-1874) – Barão do Lavradio: formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1838. Foi inspetor geral do Instituto Vacínico do Império, diretor interino da seção de serviço sanitário do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Foi médico também de diversas casas de saúde particulares na cidade do Rio de Janeiro. Foi redator em vários periódicos especializados. Ocupou o lugar de membro titular da Academia Imperial de Medicina, na qual foi aclamado presidente perpétuo e membro correspondente de sociedades estrangeiras. Participou do Conselho de Sua Majestade e médico honorário da Imperial Câmara (FONSECA, Maria Rachel Frões e MONTEIRO, Rodrigo Borges. João Vicente Torres Homem. IN Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências e da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simonil.htm> - Acessado em 12 de janeiro de 2016.).

<sup>229</sup> João Vicente Torres Homem (1837-1887): formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi discípulo de Manoel de Valladão Pimentel (Barão de Petrópolis). Foi praticante de cirurgia no Hospital Militar da Guarnição da Corte, médico adjunto no Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Clinicou também na Casa de Saúde de Nossa Senhora da Ajuda e também foi médico consultante, ao lado de José Pereira Rego (Barão do Lavradio), da Casa de Saúde de Santa Teresa. Tornou-se membro titular da Academia Imperial de Medicina (FONSECA e MONTEIRO. João Vicente Torres Homem. *Op. Cit.*).

<sup>230</sup> Em alguns casos, Carlos Eboli apresentava o sobrenome. O nome completo do médico foi descoberto a partir de cruzamentos de dados realizados.

**Tabela 2.3:** Rede de sociabilidade de Carlos Eboli.

<b>Médicos</b>	<b>Atuação</b>
Adolpho de Beauclair	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assistência em fazenda (Fazenda Tanques)</li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Cantagalo)</li> </ul>
Antônio Félix Martins	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> <li>• Câmara Municipal (Imperial Câmara)</li> </ul>
Antônio Lazzarini	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assistência em fazenda (Fazenda Cachoeira Grande)<sup>231</sup></li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Vassouras)</li> </ul>
Basílio Messina	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assistência em fazenda (Fazenda Macapá)</li> </ul>
Fernando Francisco da Costa Ferraz	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Corte e Casas de Saúde particulares)</li> <li>• Câmara Municipal (Corte)</li> </ul>
Fortunato Corrêa de Azevedo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento em fazenda (Fazenda Paraíba)</li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Cantagalo e Nova Friburgo)</li> <li>• Câmara Municipal (Nova Friburgo)</li> <li>• Instituto Sanitário Hidroterápico</li> </ul>
Francisco Ferreira de Abreu	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> <li>• Câmara Municipal (Imperial Câmara)</li> </ul>
Herculano José de Oliveira Mafra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Cantagalo)</li> <li>• Câmara Municipal (Cantagalo)</li> </ul>
João Ribeiro de Almeida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Barra Mansa)</li> <li>• Câmara Municipal (Barra Mansa)</li> <li>• Instituto Sanitário Hidroterápico<sup>232</sup></li> </ul>
João Vicente Torres Homem	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Corte e Casas de Saúde particulares)</li> </ul>
Joaquim Corrêa de Figueiredo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Vassouras)</li> <li>• Caixa de Socorros D. Pedro V<sup>233</sup></li> </ul>

<sup>231</sup> É possível afirmar que se trata da fazenda Cachoeira Grande devido ao nome da proprietária, Dona Maria Esméria, esposa do Barão de Vassouras, fornecido pelo jornal *Diário do Rio de Janeiro* (21/12/1855).

<sup>232</sup> Tanto ele, quanto o Luiz Corrêa de Azevedo atuavam no escritório do Instituto Hidroterápico localizado na Corte.

<sup>233</sup> “Fundada em 1863, no centro da então capital do império, a Real e Benemerita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V surgiu a partir da ideia de alguns membros da comunidade portuguesa do Rio de Janeiro de homenagear a figura do monarca português D. Pedro V. Dentre os objetivos de seus fundadores, destacam-se os principais que eram: Perpetuar a memória do rei D. Pedro V também no Brasil; Socorrer portugueses na

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Câmara Municipal (Vassouras)</li> </ul>
José Maria de Andrade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Vassouras)</li> <li>• Câmara Municipal (Vassouras)</li> </ul>
José Pereira Rego	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Corte e Casas de Saúde particulares)</li> <li>• Câmara Municipal (Imperial Câmara)</li> </ul>
José Severino Avellar e Lemos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caixa de Socorros D. Pedro V</li> </ul>
Luiz Corrêa de Azevedo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> <li>• Assistência em fazenda (Fazenda União)<sup>234</sup></li> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Cantagalo e Nova Friburgo)</li> <li>• Caixa de Socorros D. Pedro V</li> </ul>
Manuel de Valadão Pimentel	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> </ul>
Pedro Antônio Domingues	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Cantagalo e Nova Friburgo)</li> <li>• Câmara Municipal (Cantagalo e Nova Friburgo)</li> </ul>
Vicente Cândido Figueira de Sabóia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academia Imperial de Medicina</li> </ul>
Victor de Beauclair	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento na Província do Rio de Janeiro (Cantagalo e Corte)</li> </ul>

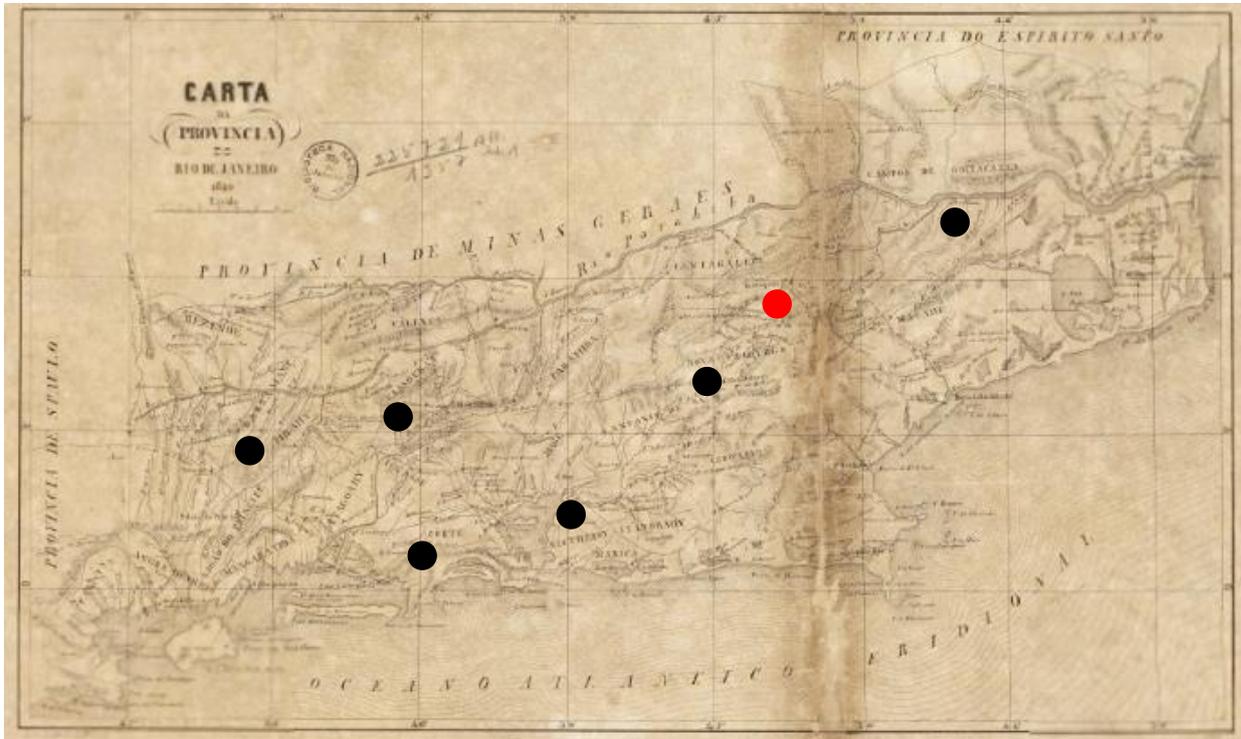
(Fonte: Tabela construída a partir dos dados apresentados em EBOLI, Carlos. *Hydrotherapia: Memória Apresentada á Academia Imperial de Medicina para Obter o Título de Membro Correspondente. Annaes Brasilienses de Medicina*, TOMO XXII, Abril de 1871, N. 11. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014.)<sup>235</sup>

indigência, prisão ou enfermidade; Subsidiar passagens para Portugal de compatriotas cujas moléstias somente lá poderiam ser sanadas ou simplesmente repatriar quem lá sonhasse passar o resto dos dias; Socorrer viúvas e órfãos desamparados; Constituir um elo fraterno entre a corte imperial brasileira e o reino português; e contribuir para um melhor clima de amizade entre brasileiros e portugueses em geral”. Disponível em <http://alemdemacondo.blogspot.com.br/2012/07/a-caixa-de-socorros-d-pedro-v.html> - Acessado em 16 de setembro de 2016.

<sup>234</sup> Localizada no Carmo/RJ.

<sup>235</sup> A partir dos nomes apresentados por Carlos Eboli nas *Observações Clínicas* de sua tese, foi feita uma pesquisa nos jornais, com destaque para *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro*, o *Annaes Brasilienses de Medicina*, o *Brasil. Ministério do Império*, o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio*, disponíveis na plataforma da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, que possibilitou o desenvolvimento desta tabela.

**Figura 2.9:** Exemplo do alcance físico da rede de sociabilidade de Carlos Eboli na Província do Rio de Janeiro. Em destaque, a localização do médico italiano.<sup>236</sup>



(Fonte: Informações apresentadas na Tabela 2.3)

Além da primeira ligação entre eles, referente aos atendimentos, é possível observar outras instituições as quais pertenciam, permitindo reconstruir os espaços de sociabilidade nos quais estes indivíduos atuavam. A Academia Imperial de Medicina se destaca como lugar comum entre muitos dos médicos citados, expondo a relação de Eboli com os seus membros, mesmo antes de tornar-se sócio correspondente. A grande maioria dos médicos atuava, contudo, no interior da Província fluminense, ressaltando as cidades de Cantagalo, Nova Friburgo e Vassouras, região do Vale do Paraíba.

Dentre os médicos da Corte nota-se aqueles que eram proprietários ou trabalhavam em casas particulares, mas sobretudo destacamos aqueles que atuavam no Hospício Pedro II e no

<sup>236</sup> Mapa disponível em

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart225721/cart225721.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart225721/cart225721.html) - Acessado em 5 de agosto de 2016. Destacamos neste mapa as cidades de Barra Mansa, Vassouras, Nova Friburgo, Cantagalo e São Fidélis. Observamos também que além de uma área de forte poder econômico, o Vale do Paraíba possibilitava a comunicação entre pares e a formação de uma ampla rede, que espacialmente abrange grande parte da área que correspondia à região.

Hospital da Santa Casa de Misericórdia. E, entre as instituições de auxílio, destacamos a participação na Caixa de Socorros Dom Pedro V, da qual Eboli também era membro.

Além de atendimentos “livres”, as atividades na política e a assistência nas fazendas, em áreas voltadas principalmente para a economia do café, também estavam no currículo profissional destes médicos. Todos os médicos que atuavam nas fazendas também realizavam atendimentos na localidade. Observamos que a maioria dos nomes que realizavam atendimentos no interior também ocupavam cargos nas Câmaras. Isto demonstra que os médicos tinham um papel importante nas dinâmicas sociais, ultrapassando os limites da área de assistência à saúde, fortalecendo o reconhecimento deles e da prática médica nas localidades onde residiam.

Seguindo esta análise de atuação em áreas semelhantes, destacamos também o nome de outros dois médicos italianos que participavam de debates sobre água como forma de tratamento: Luiz Vicente de Simoni e Vincenzo Moretti Foggia. O primeiro foi criador da Sociedade Médica do Rio de Janeiro, juntamente com José Francisco Xavier Sigaud, José Martins da Cruz Jobim, João Maurício Faivre e Joaquim Cândido de Meirelles, em 1829, como nos apresenta Maria Rachel Fróes da Fonseca.<sup>237</sup> De acordo com Sigaud (2009), Simoni utilizava “com sucesso os banhos frios de mar e as duchas de água fria na cabeça”<sup>238</sup> para o tratamento dos enfermos da ala dos alienados, recolhidos de forma inadequada na Santa Casa de Misericórdia, do Rio de Janeiro, na qual era médico, em 1839.

Já Vincenzo Foggia escreveu uma memória sobre o auxílio das águas termais, provenientes das chamadas Caldas de Goiás no tratamento de enfermidades, com destaque para a morfeia (denominação dada a doenças que provocavam lesões cutâneas), solicitada pelo presidente daquela província, José de Assis Mascarenhas e apresentada também à Academia Imperial de Medicina. Trabalho que, segundo o jornal *O Correio Oficial* (27/12/1839), mesmo sendo de grande importância dentro do assunto que aborda, ainda deixava a desejar.

A Tabela 2.3 também apresenta nome de Antônio Lazzarini e Basílio Messina, outros dois médicos italianos que atuavam na província. O primeiro, cuja atuação se deu principalmente em Vassouras, enviava considerações sanitárias voltadas para a prevenção de doenças como a cólera. É publicado também por Lazzarini, no *Jornal do Commercio*

---

<sup>237</sup> FONSECA, Maria Rachel Fróes. Luiz Vicente de Simoni. IN Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências e da Saúde no Brasil (1832-1930).

Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simoniil.htm> - Acessado em 12 de janeiro de 2016.

<sup>238</sup> SIGAUD. Do Clima e das Doenças do Brasil. *Op. Cit.* p. 252.

(27/10/1855), métodos para manter esta mão de obra longe do perigo da cólera, tais como a melhora no regime alimentar, tempo de descanso e limpeza do corpo e do ambiente da senzala, como visto no capítulo anterior. E Basílio Messina, além da atuação na fazenda Macapá, da família Clemente Pinto, em São Fidélis, tinha como palco de atuação a cidade de Paraíba do Sul, onde era proprietário, junto com o também médico italiano Giovanni Sangirard, uma farmácia denominada Italiana, cuja propaganda é publicada no *Jornal do Commercio* (03/05/1874). Sua especialidade eram as moléstias dos olhos, pele, peito e genito-urinário.

Na rede de sociabilidade de Carlos Eboli também encontramos aquele que será seu sócio no *Instituto Sanitário Hidroterápico*, Fortunato Corrêa de Azevedo, que teve uma trajetória profissional muito parecida com a de nossa personagem – tendo sido médico em fazendas, atuado em Nova Friburgo e Cantagalo, além de ter sido vereador também em Nova Friburgo.<sup>239</sup>

Observamos também que a grande maioria dos médicos com os quais ele se relacionava atuava nas cidades do Vale do Paraíba fluminense, tais como Antônio Lazzarini<sup>240</sup>, Adolpho de Beauclair<sup>241</sup>, Basílio Messina<sup>242</sup>, Luiz Corrêa de Azevedo<sup>243</sup>, Fortunato Corrêa de Azevedo<sup>244</sup>, Herculano José de Oliveira Mafra, citado aqui anteriormente

---

<sup>239</sup> Fortunato Corrêa de Azevedo era natural da Ilha da Madeira. Filho do também médico Luiz Corrêa de Azevedo, nasceu em 4 de junho de 1825 e veio com a família para o Brasil em 1834. Estabeleceram-se no Rio de Janeiro e, depois de formado em medicina em 1850, mudou-se para Cantagalo, onde começou a clinicar. Também foi provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Faleceu em Nova Friburgo no dia 17 de setembro de 1879 (MÁXIMO, João e DIDIER, Carlos. Noel Rosa: uma biografia. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990. pp. 11 e 12).

<sup>240</sup> Além das informações já ditas sobre Lazzarini ao longo deste capítulo, ele também foi médico da Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro, segundo o Almanak Laemmert, em 1850, cuja especialidade era medicina operatória, moléstias sífilíticas e da pele. Estabeleceu-se em Vassouras em 1856, atuando tanto nas fazendas como em consultório próprio.

<sup>241</sup> Beauclair fora listado como Médico em Cantagalo em 1855, pelo Almanak Laemmert. Era médico da Fazenda dos Tanques e também sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

<sup>242</sup> Italiano, formado também pela Universidade de Nápoles, tinha como especialidade as moléstias dos olhos, pele, peito e genito-urinário. Trabalho na Fazenda Macapá, em São Fidélis, propriedade da família Clemente Pinto.

<sup>243</sup> Pai de Fortunato Corrêa de Azevedo, sócio de Eboli. Era membro da Academia Imperial de Medicina e maçom, pertencente à loja Grande Oriente do Brasil. Atuou como médico na no Hospital Marítimo de Santa Isabel na Jurujuba (1859), na Inspeção de Saúde e Visita da Polícia do Porto da Capital (1860) e no Hospício Pedro II (1854). No interior, atuava na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer, pertencente a Nova Friburgo (1861), médico consultante gratuito da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmo (1869) e da Caixa de Socorros de D. Pedro V (1870), da qual Carlos Eboli também fazia parte. Fornecia de consultas na Corte para pacientes que procuravam o tratamento hidroterápico no Instituto Sanitário Hidroterápico, em Nova Friburgo.

<sup>244</sup> Sócio de Carlos Eboli no estabelecimento hidroterápico friburguense. Foi médico interno da classe cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia (1850), tenente cirurgião do 18º Batalhão de Infantaria do Serviço Ativo da Província em Nova Friburgo (1858) e médico da Fazenda Paraíba na freguesia de Santa Rita do Rio Negro, em Cantagalo (1861). Em Nova Friburgo, foi membro da Câmara (1871), provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1877) e médico vacinador da Câmara (1879).

e Joaquim Corrêa de Figueiredo<sup>245</sup>. Além de realizar atendimentos em domicílios ou em consultórios, a atuação nas fazendas também estava no currículo profissional da maioria destes médicos<sup>246</sup>. Outro ponto que deve ser enfatizado é que parte dos nomes daqueles que realizavam atendimentos no interior também ocupavam cargos nas Câmaras. Isto demonstra que os médicos tinham um papel importante nas dinâmicas sociais, ultrapassando os limites da área de assistência à saúde, fortalecendo o reconhecimento deles e da prática médica nas localidades onde residiam e atuavam.

Porém, mais do que pertencer a instituições em comum, que tornam-se espaços de sociabilidade e discussão entre os pares, “a esfera profissional é a área em que as coerções sociais e a modelagem social dos homens se exercem com mais força”.<sup>247</sup> A profissão acaba instruindo o modo como o indivíduo deve se comportar dentro de seu espaço entre pares. Em relação à medicina, o século XIX foi um período de afirmação de suas práticas, como apresentamos no capítulo anterior, o que dirigia os médicos para um objetivo comum de ampliação de sua área de atuação, construindo esta rede de relações, “formada por indivíduos interligados, e que não é planejada, desejada ou almejada por nenhum indivíduo particular, nem por um grupo particular”.<sup>248</sup> Portanto, é possível compreender o papel deste grupo para a formação das redes, cuja profissão constituía o principal elemento agregador, devido aos interesses, habilidades e valores semelhantes.<sup>249</sup> Redes que também apontam suas interdependências, baseadas nas negociações para fortalecer o campo medicina, ao mesmo tempo em que competiam entre si e com outros profissionais da saúde pela clientela,<sup>250</sup> e a margem de ação, que moldava suas ações dentro das alternativas proporcionadas pelo contexto social.<sup>251</sup>

Vale destacar também outra relação, fora das linhas de *Hydrotherapia*, entre os médicos Carlos Eboli e João Eboli, por exemplo, que ultrapassava a esfera profissional.

---

<sup>245</sup> Pensionista externo do Hospício Pedro II (1854) e foi comissionado pela presidência da província para socorro aos pobres de Vassouras (1856). Atuava também numa das enfermarias provisórias do Hospital de Jurujuba, em Niterói (1856). Foi membro da comissão médica de Vassouras e também vereador da Câmara Municipal. Também prestava serviços a Caixa de Socorros Pedro V (1873) e era secretário da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, também em Vassouras (1884).

<sup>246</sup> Estas pequenas biografias foram produzidas a partir da análise dos nomes apresentados pro Carlos Eboli em sua memória e cruzamento de dados colhidos nos jornais referentes ao recorte temporal definido para a pesquisa e disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>247</sup> ELIAS. A sociedade de corte. *Op. Cit.* p. 130.

<sup>248</sup> *Ibidem.* p. 61.

<sup>249</sup> CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>250</sup> PEREIRA NETO, André de Faria. Ser médico no Brasil: o presente no passado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2001.

<sup>251</sup> ELIAS. A sociedade de corte. *Op. Cit.*

Sobrinho<sup>252</sup> de nosso personagem principal, João Eboli também foi formado em medicina pela Universidade de Nápoles e chegou ao Rio de Janeiro em 1878, segundo o jornal *O Cruzeiro* (06/06/1878). Antes de se mudar para São Paulo, residiu e clinicou junto ao tio paterno no *Instituto Sanitário Hidroterápico*. A credibilidade e reconhecimento profissional de Carlos possivelmente abriam-lhe as portas dentro da carreira médica, na qual escolheu a área da clínica geral e da oftalmologia.<sup>253</sup> Tornou-se irmão benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Santos e foi presidente da Sociedade Italiana de Beneficência, fornecendo atendimento gratuito na enfermaria dos imigrantes internados em São Paulo, segundo o jornal *Brasil. Ministério do Império* (1888: 159).

Voltando ao início deste tópico, outra rede de interdependências que podemos enfatizar é a dos grandes proprietários localizados no Vale do Paraíba fluminense. A grande influência desta classe senhorial aconteceu, como vimos, a partir do aumento de seu poder econômico dentro da sociedade imperial. Controlando essa força social, como denomina José Murilo de Carvalho (2014), esta classe se consolida, se afirma e controla a direção desta sociedade a partir de seus interesses. Apesar de conflitos intra-classe em relação ao método usado nesta direção, como visto no capítulo 1, o projeto comum de fortalecimento, de produtividade e de civilização tornava-a, de certa forma, homogênea, “o que lhe dá enormes vantagens sobre as elites rivais”<sup>254</sup> e ponto aglutinador de outros profissionais liberais, inclusive dos médicos que chegavam à região. A relação entre estas duas redes é constante e marcante para o desenvolvimento desta pesquisa, pois auxilia na compreensão das condições que tornaram possível a construção da área da saúde dentro do contexto de ascensão econômica e política do Vale do Paraíba fluminense.

Assim, após este período de experiências e observações na Fazenda Gavião, em 1870, Carlos Eboli apresentou a Fortunato de Azevedo a ideia da fundação de um estabelecimento hidroterápico na vila de Nova Friburgo. A escolha pela localidade, vizinha a Cantagalo, estava relacionada ao clima, considerado o mais ameno e salubre de toda província, o qual auxiliaria o bom êxito do tratamento, e que se assemelha aos melhores climas europeus. A superioridade do clima friburguense em relação a outros da província já tinha sido estudada pelo Dr. Teixeira da Costa, cirurgião brasileiro<sup>255</sup>. Os dois médicos foram, então, à vila

<sup>252</sup> Informação retirada da nota de falecimento de Carlos Eboli, publicada no jornal *Estado de São Paulo*, de 22/02/1885.

<sup>253</sup> WILLIANS, Sérgio. Uma breve história sobre o médico João (Giovanni) Éboli, um mega empreendedor. Disponível em <http://memoriasantista.com.br/?p=2247> – Acessado em 19 de janeiro de 2016.

<sup>254</sup> CARVALHO. A construção da ordem. *Op. Cit.* p. 34.

<sup>255</sup> Estudo citado pelo *Annaes Brasilienses de Medicina* por ocasião da criação do Instituto Sanitário Hidroterápico. Trabalho não foi concluído pelo cirurgião devido sua morte premature (FERRAZ, Costa.

friburguense escolher o lugar em que implantariam este projeto: o prédio do antigo Colégio Freese, no qual muitos rapazes da Corte iam realizar seus estudos. E este grandioso estabelecimento de duchas será um dos assuntos abordados no próximo capítulo.

## 2.4 Considerações finais.

Ao longo deste capítulo, apresentamos o início da trajetória do médico Carlos Eboli para identificar as características referentes a questão da assistência médica nas fazendas do interior da Província do Rio de Janeiro, com ênfase na então vila de São Pedro de Cantagalo. Destacamos, com isso, a recorrente presença de profissionais nas fazendas cafeeiras, inclusive estrangeiros, voltados, principalmente, para garantir a saúde dos escravos, dentro de um contexto de diminuição da disponibilidade desta mão-de-obra, seguindo a estratégia de produtividade da mais lucrativa atividade da época.

Após este período como médico de partido, realizando atendimentos nas fazendas de Cantagalo e depois sendo contratado por Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo, Carlos Eboli fixou-se em sua principal fazenda, a Gavião, onde iniciou os tratamentos através das duchas. E a partir desta primeira iniciativa com a prática hidroterápica, de onde colheu as informações para desenvolver sua memória *Hydrotherapia*, podemos encontrar informações sobre o a construção das bases científicas desta prática, os atendimentos realizados e o perfil dos pacientes.

Além disso, as *Observações Clínicas* nos possibilitaram construir a rede de sociabilidade, através da qual Eboli apresenta nomes de colegas nos quais ele se inspirava e com os quais ele interagiu durante sua atuação profissional na região. Incluímos nesta rede também a família Clemente Pinto, por consideramos pessoas decisivas no desenrolar da trajetória profissional de Eboli.

Conhecer esta rede, portanto, possibilita uma maior compreensão sobre o desenvolvimento da trajetória de Carlos Eboli, a partir das análises relações formadas com importantes figuras sociais de sua época. Além de inseri-la e entendê-la como fruto destas relações, sem deixar de considerar seu valor individual. E também possibilita a apresentação dos modos semelhantes de atuação entre estes médicos, construindo um panorama das áreas

de saúde e da assistência não institucionalizada no interior fluminense da segunda metade do século XIX.

O capítulo seguinte terá ênfase nas iniciativas individuais de Carlos Eboli, que o destacará dentro destas redes e também na sociedade de Nova Friburgo, local de sua nova residência, o que também possibilitará ao médico atuar fora dos limites de sua profissão, ganhando espaço na política da vila.

### CAPÍTULO 3

## ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A ATUAÇÃO DE CARLOS EBOLI EM NOVA FRIBURGO.

Ao chegar a Nova Friburgo, Carlos Eboli encontra um ambiente diferente do que estava acostumado em Cantagalo. A vila de São João Batista de Nova Friburgo teve uma formação diferente do restante da região, que apresentamos no primeiro capítulo, voltando a maioria das suas atividades para a zona urbana.

Petrópolis e Nova Friburgo são as únicas cidades fluminenses nascidas por decretos, em contraste com as demais surtas de inter-relações naturais do homem com a terra, do cultivo e da economia de cada zona evoluída com o trabalho agrícola a criar e a desenvolver um centro de intercâmbio.<sup>256</sup>

Consideramos importante, portanto, apresentar a criação desta vila e o desenvolvimento de sua área médica antes de enfatizar as ações que caracterizaram a presença do médico italiano nesta localidade.

O atual município friburguense, situado da região serrana do estado do Rio de Janeiro, foi fundado através de um Decreto Real, assinado em 16 de maio de 1818. Instituiu a colonização suíça na área da Fazenda do Morro Queimado, subordinada à vila de São Pedro de Cantagalo. A colonização suíça em Nova Friburgo atendia a proposta que Sébastien-Nicolas Gachet fez a Dom João VI, visando formar uma colônia de habitantes oriundos do cantão Fribourg, que atravessavam uma grande crise econômica. O contrato de imigração determinava a vinda de cem famílias católicas e de língua francesa. Tal proposta acompanhava os interesses políticos da Coroa: “ao mesmo tempo que promovia o povoamento, minimizava a insegurança, pois aumentava a presença quantitativa do elemento branco nas imediações da Corte”.<sup>257</sup>

Destacaremos então, nestes primeiros anos, a formação da área de saúde da vila recém-colonizada. Começando pelo tratado que apresentava as condições para a vinda dos colonos suíços, entre as quais apresentava a necessidade da presença de um médico e de um

---

<sup>256</sup> LAMEGO. O Homem e a Serra. *Op. Cit.* p. 192.

<sup>257</sup> SANGLARD, Gisele. De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes. *Revista História, Ciências, Saúde: Manguinhos* – vol 10, janeiro-abril/2003. pp. 173 a 202. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n1/17835.pdf>. Acessado em 30 de setembro de 2015. p. 176.

boticário para realizar os atendimentos e o fornecimento dos medicamentos. Além deste corpo assistencial, também estava previsto neste projeto inicial a construção de um hospital. Porém, tal realização só foi efetivamente realizada no século seguinte, em 1921, com a inauguração da Santa Casa de Misericórdia. A sede da antiga fazenda do Morro Queimado, denominada *Château*, então, foi escolhida pela administração da colônia para que suas várias salas fossem utilizadas como enfermaria, devido a falta da unidade de assistência na colônia.<sup>258</sup>

De acordo com Martin Nicolin (1995),<sup>259</sup> aquele que virá a ser o principal médico da colônia, Jean Julien Bazet, foi contratado na França, como falaremos a seguir. Porém, o cantão de Fribourg, de onde saiu a maioria das famílias para colonização, ofereceu dois médicos: Jacques Moosbrugger, 27 anos, que foi aluno da Faculdade de Medicina de Estrasburgo. Chegou a integrar a emigração, mas faleceu durante a travessia; e Pierre-Louis de Porcelet, nascido em 1776 e formado na França, era forte defensor dos ideais monárquicos e foi designado pelo governo de Fribourg para ser “comissário junto aos colonos para exercer o policiamento e manter a ordem”.<sup>260</sup> Segundo Henrique Bon (2004), assumiu, a contragosto, o papel de médico durante a vinda dos colonos, atividade que passou a exercer depois que Moosbrugger, contratado para tal fim, adoeceu. Já nas terras no Morro Queimado, envolvido em conflitos políticos, Porcelet sofreu um atentado a bala, que, segundo ele, seria uma repercussão da Revolução Liberal do Porto (1820). E este episódio teria sido crucial para que ele abandonasse sua casa 3, lote 25, na vila de Nova Friburgo.

Para assumir o lugar de boticário desta vila, foi contratado Leopold Boelle. Natural de Baden, Boelle fez a emigração para o Brasil no navio *Heureux Voyage*. De acordo com Henrique Bon (2004), “Boelle teria em sua botica no ano de 1820, um criado de nome Cretton, o qual por vezes era encarregado de adquirir no Rio de Janeiro, os medicamentos”.<sup>261</sup> Exerceu sua atividade em Nova Friburgo desde sua chegada ao Brasil até sua precoce morte em 1824.<sup>262</sup> Na crônica *Sangue de dragão, espírito de seis onças e resina de pau santo*, Maria Janaína Botelho Corrêa (2011) apresenta alguns itens listados no inventário da botica, tais como óleos de canela, amêndoa doce, de linhaça, de lavanda, de rícino, de hortelã, de cravo, éter, pomada mercurial, ácido sulfúrico, pedra pomes, enxofre, sal amoníaco, sal

<sup>258</sup> LAFORÉ, Maria Regina Capdeville. A colônia de Nova Friburgo. IN ARAÚJO, João Raimundo de e MAYER, Jorge Miguel. Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

<sup>259</sup> NICOLIN, Martin. A Gênese de Nova Friburgo: emigração e colonização (1817-1827). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

<sup>260</sup> BON, Henrique. Imigrantes: a saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência. Nova Friburgo/RJ: Imagem Virtual, 2004. p. 754.

<sup>261</sup> *Ibidem*. p. 288.

<sup>262</sup> BON. Imigrantes. *Op. Cit.*

amargo, raízes diversas, além de “58 livros de farmacêutico ‘de grandes qualidades’ em língua estrangeira”.<sup>263</sup>

O primeiro médico de atuação efetiva na colônia suíça de Nova Friburgo foi, então, o francês Jean Bazet. Este médico foi contratado através do tratado de colonização de 1818 e torna-se o segundo funcionário mais bem pago pelo Rei Dom João VI na colônia, com um salário de 900\$000 réis, menor apenas que o pagamento destinado ao pároco Jacob Joye, e também foi agraciado com “o título de médico honorário da família real”.<sup>264</sup> Percebemos, portanto, que o principal investimento assistencial era no cuidado espiritual e dos corpos. Bazet também chegou a vila no ano de 1820, aos 28 anos.<sup>265</sup>

Já no começo de sua atuação profissional, Bazet teve que lidar com a maioria dos colonos enfermos. “Há famílias de 16 pessoas com 16 doentes. A casa inteira torna-se um hospital”.<sup>266</sup> Segundo o próprio médico, as diversas provações que passaram durante a viagem até Nova Friburgo agravaram o estado de saúde, inclusive psicológica. Bazet considera que doenças como diarreias, disenterias, febres intermitentes, causas da grande mortalidade entre os colonos, seriam conseqüências da estada na Holanda e das más condições durante a viagem. Declara, também, que o clima do Morro Queimado não teria influência negativa nos quadros de saúde.<sup>267</sup>

Acompanhando os enfermos nos leitos domiciliares, o médico chegado em 1820, Dr. Jean Bazet, tentava suprir a carência de profissionais de saúde, generalizada no interior do país. Ele percorria até 12 léguas na extensa Freguesia atendendo imigrantes, sitiante, escravos e todos aqueles que necessitavam de cuidados. Não raras vezes foi requisitado a prestar serviço em locais mais distantes, como Cantagalo e regiões vizinhas.<sup>268</sup>

Em 3 de janeiro de 1820, a colônia recebeu o predicado de vila, tornando-se independente de Cantagalo. Sua Câmara Municipal foi implantada, conforme ata, em 17 de junho de 1820. A gestão da vila passou para a competência da Câmara após o término do sistema de administração especial da colônia, em 1831. E foi o médico Jean Bazet quem ocupou por três vezes a presidência desta Câmara (1829-1833, 1838-1845 e 1846-1849), e

<sup>263</sup> CORRÊA, Maria Janaína Botelho. Sangue de dragão, espírito de seis onças e resina de pau santo. Disponível em <http://avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/sangue-de-dragao-espírito-de-seis-onças-e-resina-de-pau-santo-28-de-julho-2011>. Acessado em 19 de fevereiro de 2017.

<sup>264</sup> NICOULIN. A Gênese de Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 190.

<sup>265</sup> BON. Imigrantes. *Op. Cit.*

<sup>266</sup> NICOULIN. A Gênese de Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 183.

<sup>267</sup> NICOULIN. A Gênese de Nova Friburgo. *Op. Cit.*

<sup>268</sup> LAFORET. A colônia de Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 71.

também presente no quadro de vereadores entre os anos de 1851 e 1852.<sup>269</sup> Foi a partir desta posição política que Bazet procurou formas para complementar o quadro da área médica de Nova Friburgo, para também fortalecer o espaço do conhecimento médico científico na região:

Verificando a unidade de formulação local de medicamentos contra sintomas mais frequentes, o Dr. Jean Bazet intercedeu, em 1831, em favor da instalação de uma botica de manipulação em Nova Friburgo, já que com o falecimento do farmacêutico Boelle, muitos anos antes, a cura dos doentes dependia cada vez mais da utilização de ervas e outros procedimentos nativos. Na condição de presidente da Câmara, reivindicou também ao governo imperial o envio de um cirurgião para as intervenções de urgência que não estava habilitado a fazer.<sup>270</sup>

Na década de 1850, “três profissionais estrangeiros atuavam no atendimento médico: o francês Jean Bazet e os alemães Johann Heinrich Braune e Ferdinand H. Braune<sup>271</sup>”,<sup>272</sup> sendo estes dois últimos representantes da colonização alemã, que chegou a vila de Nova Friburgo em 1824. Assim como o médico francês, além de atuarem na área da saúde, João Henrique Braune também atuou politicamente na vila, característica que acompanhou outros médicos da vila, inclusive o próprio Carlos Eboli, como veremos a seguir. O nome deste médico alemão ganhou maior espaço nas atas da Câmara de Nova Friburgo a partir da década de 1850 e na década seguinte, assumiu o cargo de vacinador do município, como apresentamos no primeiro capítulo.

Outra característica que devemos destacar desta colonização é a escolha de sua localização, que não abrangeria uma região destinada às plantações de café, como aquelas que enfatizamos no primeiro capítulo. Esta estaria ligada a uma organização baseada na pequena propriedade, que proveria, assim, maior variedade dos gêneros alimentícios que abasteceriam a própria colônia e a Corte. A expansão do café, descrita no Capítulo 1, também influenciou a dinâmica da vila friburguense, já que intensificou a localização estratégica de Nova Friburgo como caminho para a circulação de mercadorias entre esta região e a Corte. Também era ponto de parada para os tropeiros que faziam este transporte, através da Estrada da Boa Vista, estimulando cada vez mais as casas de negócios e hospedarias.

---

<sup>269</sup> BON. Imigrantes. *Op. Cit.*

<sup>270</sup> LAFORET. A colônia de Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 71.

<sup>271</sup> Seus nomes foram “aportuguesados”, aparecendo nos registros da Câmara de Nova Friburgo e no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro* como João Henrique Braune e Ferdinando Henrique Braune.

<sup>272</sup> BITTENCOURT-SAMPAIO. O Hotel Salusse em Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 18.

Dentre as iniciativas vinculadas aos suíços, destacamos aquela promovida por Marianne Salusse que, além de possuir uma casa de secos e molhados, inaugurou, em 1837, uma hospedaria para doentes, principalmente aqueles acometidos de tuberculose, que depositavam a esperança de cura no clima de Nova Friburgo,<sup>273</sup> devido a “presença da natureza em seus arredores, a vida pacata de seus moradores, a temperatura amena nos verões”.<sup>274</sup> O Hotel Salusse, inclusive, também se tornaria de grande importância para a história do Instituto Sanitário Hidroterápico, como apresentaremos a seguir. A reforma Estrada da Boa Vista também se torna pauta no plenário da Câmara Municipal friburguense, para promover uma viagem mais cômoda aos que procuravam as vantagens que o clima de Nova Friburgo poderia oferecer.<sup>275</sup>

Assim, Nova Friburgo atraía enfermos por ser considerada uma região salubre, devido, principalmente, ao seu clima e geografia. A natureza, durante este século, era considerada por si só um sanatório, representada socialmente como um conjunto de elementos necessários ao tratamento de doenças, como enfatizamos ao longo dos capítulos. Os elementos naturais são valorizados, construindo a concepção higienista de doença e cura.<sup>276</sup> E esta foi a imagem que se consolidou da vila nas décadas seguintes.

A valorização do clima de Nova Friburgo, citado recorrentemente nas descrições sobre a cidade, seguia as premissas do pensamento predominante na forma de prevenção contra doenças do século XIX: o higienismo. Como apresentamos anteriormente, “A higiene descendia do chamando neo-hipocratismo, uma concepção ambientalista da medicina baseada na hipótese da relação intrínseca entre saúde-doença, ambiente e sociedade”.<sup>277</sup> Assim, a classificação de salubridade ou insalubridade de uma região dependia do potencial da sua topografia médica, na qual seu ambiente, inclusive social, teria influência direta no aparecimento ou não de determinadas doenças.<sup>278</sup> Apesar desta teoria, de cunho infeccionista, não ser a única presente na sociedade, era a predominante e ocupava os debates nas principais instituições médicas do Império: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Academia Imperial de Medicina. Cabe também destacar que o ensino médico brasileiro teve como principal referência a medicina clínica francesa, o que também será importante para entender que a área médica estava aberta às novidades vindas do velho continente, como foi o caso da

<sup>273</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. *Histórias de família: casamentos, alianças e fortunas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

<sup>274</sup> LAFORET. A colônia de Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 71

<sup>275</sup> LAFORET. A colônia de Nova Friburgo. *Op. Cit.*

<sup>276</sup> QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op. Cit.*

<sup>277</sup> FERREIRA, Luiz Otávio. João Vicente Torres Homem. *Op. Cit.*

<sup>278</sup> *Ibidem.*

hidroterapia. E foi a partir desta base de conhecimentos e de comportamentos europeus, que a elite médica construiu-se na Corte, estabelecendo “sua autoridade e controle relativos ao exercício profissional da medicina, ensino médico, produção e validação do conhecimento médico e a organização da saúde pública”.<sup>279</sup> Nova Friburgo, portanto, ganhou visibilidade no campo da medicina graças a este pensamento higienista.

As regiões consideradas salubres para os médicos oitocentistas tinham como principais referências serem locais elevados, com maior ventilação, cuja água seja “corrente e abundante” e com baixa umidade.<sup>280</sup> Para ilustrar esta diferença entre localidades, o autor utiliza o exemplo do tratamento da tuberculose em Nova Friburgo e em outros pontos da Província do Rio de Janeiro:

Os doentes enviados do Rio de Janeiro à colônia suíça do Morro Queimado respiram o ar puro das montanhas e experimentam uma melhoria na intensidade do mal [...] Os tísicos enviados para morar nas localidades pantanosas da lagoa de Freitas, ao fundo da baía, em Iguaçú ou Suruí não experimentam um efeito salutar com seu deslocamento.<sup>281</sup>

As medidas higienistas, como foram apresentadas no Capítulo 1, também foram ferramentas para que o país atingisse o patamar do que seria considerado civilizado. Os médicos, então, passaram transitar em diversos setores sociais e ocupar lugares de destaques no cotidiano das cidades. E isto acontecia dentro de um momento de consolidação deste discurso médico científico e do fortalecimento destes profissionais como uma classe, que exerceria grande influência sobre a sociedade. Estes clínicos procuravam conquistar seu espaço em sociedades nas quais seus conhecimentos científicos ainda tinham como obstáculos crenças e outras formas de práticas de cura, através de terapeutas populares, como os curandeiros com suas ervas, barbeiros-sangradores com a arte da sangria<sup>282</sup>, e tradições orais de tratamentos caseiros transmitidas por gerações. Para se aproximar desta população, transformaram este ambiente hostil e cheio de desconfianças a sua volta, adaptando-se a

<sup>279</sup> FERREIRA, Luiz Otávio. João Vicente Torres Homem. *Op. Cit.* p.62.

<sup>280</sup> SIGAUD. Do Clima e das Doenças do Brasil. *Op. Cit.* P. 105.

<sup>281</sup> *Ibidem.* p. 213.

<sup>282</sup> Esta prática “envolvia sarjar, aplicar bichas, ventosas e sanguessugas” (PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, Ciências, Saúde Manguinhos.* pp. 349-372, jul-out, 1998. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701998000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000200005) – Acessado em 17 de fevereiro de 2017.), com o objetivo de retirar sangue do doente para alívio e cura de suas enfermidades.

realidade da região na qual atuavam e incorporando as influências desta cultura popular ao seu discurso, para que ele alcançasse maior número de adeptos.<sup>283</sup>

A chamada “identidade salubre” de Nova Friburgo continuou sendo consolidada pelos constantes visitantes ao longo do século XIX, que buscavam nesta cidade serrana a cura para suas enfermidades mais graves.<sup>284</sup> A salubridade da vila também foi destaque nas observações feitas pelo médico e naturalista suíço Johann Jakob Von Tschudi que, durante sua viagem como ministro do governo de seu país, apontou que a “longevidade a que tantos os habitantes do lugar atingem é um atestado do bom clima da colônia, único louvor<sup>285</sup> que se pode fazer dela”.<sup>286</sup>

Na década de 1870, pouco depois da chegada de Carlos Eboli, a vila vivia novo momento para receber estes visitantes e um dos principais acontecimentos de sua história: a inauguração da segunda seção da Estrada de Ferro Cantagalo. A viagem entre Nova Friburgo e a capital da província do Rio de Janeiro, Niterói, que antes durava quatro dias, passou a ser feita em seis horas, viabilizando a chegada de um maior número de visitantes.<sup>287</sup> Isto também seria um ponto favorável ao sucesso do *Instituto Sanitário Hidroterápico* entre os moradores da Corte e para o fortalecimento de Nova Friburgo como destino daqueles que necessitavam reestabelecer sua saúde.

Ao ali chegar a Estrada de Ferro Cantagalo em 1875<sup>288</sup>, as primeiras casas comerciais começaram a aparecer em torno da estação. E desde que no ano seguinte foi inaugurado o tráfego ferroviário de Nova Friburgo a Macuco, poder-se-ia conjecturar a suplantação da cidade de Cantagalo, por um novo centro que em breve surgiria.<sup>289</sup>

A partir do panorama que foi apresentado, pretendemos destacar como a atuação de Carlos Eboli em Nova Friburgo inseriu-se, aproveitou-se e ainda auxiliou na consolidação da imagem da vila como sanatório natural. Atuação esta que ganha características bem diferentes e promove uma notabilidade bem maior do que quando residia e trabalhava em Cantagalo. Dividiremos, então, o capítulo em quatro tópicos: O primeiro apresentará a ida aos balneários

<sup>283</sup> CORBIN. Bastidores. *Op. Cit.*

<sup>284</sup> CORRÊA, Maria Janafina Botelho. O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social. Rio de Janeiro: Educam, 2008.

<sup>285</sup> J.J. Tschudi considerou que a implantação da colônia não foi bem sucedida, devido à falta de organização e divergência entre o contrato de imigração e a realidade, principalmente em relação às más condições para agricultura.

<sup>286</sup> TSCHUDI, Johann Jakob Von. Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Belo Horizonte/MG: Itatiaia, 1980. p. 111.

<sup>287</sup> CORRÊA. O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX. *Op. Cit.*

<sup>288</sup> Correção: a segunda seção da Estrada de Ferro, que ligava Cachoeiras de Macacu a Nova Friburgo, foi inaugurada em 1873.

<sup>289</sup> LAMEGO. O Homem e a Serra. *Op. Cit.* p. 247.

como uma prática que já ganhava espaço nos hábitos das classes mais enriquecidas e sua relação com as cidades que eram sedes de grandes estabelecimentos. A utilização das águas como prática econômica também contribuiu para o aparecimento da indústria do turismo ligado a saúde e lazer, na virada entre os séculos XIX e XX.<sup>290</sup>

No tópico seguinte, entraremos na dinâmica do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, para conhecer suas características, entender seu funcionamento, as importantes figuras sociais da época que frequentavam suas duchas e a importância dele para a cidade, assim como para a trajetória profissional de Carlos Eboli. Entre os pacientes atendidos pela hidroterapia, destacaremos, ao final do tópico, a utilização deste tratamento por marinheiros em busca da cura do beribéri, doença que até então os médicos não conheciam as verdadeiras causas. O desenvolvimento desta parceria também mostrará como a população friburguense via o *Instituto Sanitário Hidroterápico*.

Ainda relacionado a este estabelecimento, o terceiro tópico trará o papel da imprensa, principalmente dos periódicos que circulavam na Corte, para a divulgação da prática hidroterápica em Nova Friburgo. Divulgação esta que encontramos sob diversas formas, de depoimentos à crônicas. E, fazendo um contraponto ao final tópico anterior, será através das páginas destes jornais que entenderemos como o *Instituto* era caracterizado fora da vila.

E, para fechar o capítulo, o quinto tópico será destinado para o que denominamos de face pública de Carlos Eboli: sua atuação como vereador e membro da comissão de obras públicas da Câmara de Nova Friburgo. Analisando principalmente o conjunto de Atas desta instituição, conheceremos seus focos de intervenção, que seguiam um movimento de saneamento dos logradouros públicos envolvendo toda província fluminense à época, assim como seus principais adversários e aliados políticos. Através desta documentação também é possível observar como esta face pública, muitas vezes, se aliou aos interesses de Carlos Eboli como empresário.

---

<sup>290</sup> QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op.Cit.*

### 3.1 Os balneários conquistam e constroem espaços.

Como destacamos anteriormente, a influência da ciência médica francesa na formação do pensamento médico brasileiro, através de suas principais instituições, tornou possível que este campo se colocasse como favorável para a introdução da hidroterapia que, como foi apresentado no capítulo anterior, teve suas raízes científicas na França.

Na área da saúde, podemos considerar a própria ciência hidroterápica uma das novas práticas de consumo desejadas pelas elites locais disseminadas no século XIX, um dos denominados “bens de prestígio”<sup>291</sup> descritos no capítulo anterior. A água foi transformada em medicamento e deveria, portanto, ser ministrada por um médico.<sup>292</sup> E assim como apresentaremos no tópico sobre o *Instituto Hidroterápico*, tornou-se uma prática cada vez mais restrita ao grupo que poderia pagar o alto custo de frequentar um bom e completo estabelecimento como aqueles já tão difundidos na Europa.

Devido ao sucesso que esta prática começava a ter na região, Carlos Eboli chegou a requerer à Academia Imperial de Medicina e à Comissão de Comércio, Indústria e Artes do Parlamento Brasileiro o privilégio do emprego da hidroterapia no Brasil, mas não obteve sucesso. Teve como principal adversário, na Corte, o médico Manoel Joaquim Fernandes Eiras, diretor de uma casa de duchas no bairro de Botafogo, que apresentou uma defesa aos poderes públicos contra esta pretensão. Porém, também em Nova Friburgo teve quem se posicionasse contra este possível monopólio. O empresário alemão Gustavo Leuenroth foi contra tal requerimento, por já possuir uma pequena casa de banhos na vila, próximo a sua hospedaria, na denominada Vilagem de Cima<sup>293 294</sup>.

A comissão de comércio, indústria e artes, tendo examinado o requerimento de Gustavo Leuenroth, em que reclama contra o privilégio pedido pelo Dr. Carlos Eboli, na parte em que possa prejudicar o idêntico estabelecimento seu em construção na vila de Nova Friburgo.<sup>295</sup>

Mesmo que o principal foco dos banhos fosse tratamento médico, como foi apresentado no primeiro capítulo, o hábito de frequentar estâncias termais já era observado e conhecido também na própria aristocracia brasileira. Como um exemplo aristocrático regional, Ana

<sup>291</sup> MUAZE. As memórias da Viscondessa. *Op. Cit.*

<sup>292</sup> QUINTELA. Águas que curam, águas que “energizam”. *Op. Cit.*

<sup>293</sup> Região que atualmente corresponde ao bairro Paissandu.

<sup>294</sup> FUNDO de Administração Municipal de Nova Friburgo, Caixa 12, documento 3823.

<sup>295</sup> PRETENSÃO de C. Leuenroth. Annaes do Parlamento Brasileiro, 1 de julho de 1870, página 4. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de dezembro de 2016.

Maria Mauad e Mariana Muaze (2004) apontam as visitas feitas pela Viscondessa do Arcozelo, juntamente com a família e amigos, às fontes minerais de Caxambu, em Minas Gerais.<sup>296</sup> Também no estado mineiro, as termas de Poços de Caldas, por exemplo, já recebiam a visita da Família Imperial. Marras (2004) descreve a presença da Princesa Isabel e de seu marido Conde D’Eu, em 1868, buscando nas águas o tratamento para sua possível esterilidade.

A ideia sobre estâncias de águas não era, portanto, alheia ao governo brasileiro. Os membros da família imperial bem as conheciam em França, ou ainda mais no próprio torrão lusitano, como em Caldas da Rainha, sua mais formosa expressão de curas milagrosas e secular recanto aristocrático e de vilegiatura da nobreza portuguesa.<sup>297</sup>

A influência destes hábitos vindo da aristocracia fortalece a ideia de relacionar esta prática aos cobiçados “bens de prestígio”, já que a presença destes balneários contribuía para a caracterização dos lugares que queriam se mostrar civilizados. E em meio a esta valorização da água, devemos enfatizar que poucos tinham o privilégio de possuir água encanada em suas residências.

A água encanada era um luxo numa época em que a maioria deveria busca-la em poços ou chafarizes comuns, por isso começou uma grande preocupação com as nascentes e percurso destas águas públicas, para que sua qualidade e pureza fossem preservadas ao máximo. Ilustramos esta preocupação com os dois primeiros artigos do Título 5º (*Sobre águas de consumo, esgotos, despejos e limpezas, e diferentes objetos que corrompem a atmosfera e danificam a salubridade pública*) das Posturas Municipais de Nova Friburgo (1848):

39ª Em todos os terrenos que estão nas vertentes e em volta das nascentes d’águas que servem para o consumo da vila e povoações, e para toda a extensão do curso das mesmas águas, desde as cabeceiras até a bica ou depósito que ficam contadas 20 braças d’um e outro lado, e o mesmo a respeito de todas as águas confluentes na grande nascente ou no seu respectivo aqueduto: é proibido dentro destas braças contadas cortar árvores, lenha, mato, fazer carvão, fogo e roçadas, ou qualquer espécie de cultura: os contraventores serão obrigados a reparar todo o dano causado, e serão punidos com 8 dias de prisão e 30\$ réis de multa, e nas reincidências com 30 dias de prisão e a multa dobrada.

40º Os que lançarem imundícies nas fontes públicas e canos ou valas que conduzem as águas de consumo, abrirem buracos nos aquedutos cobertos, alterarem de qualquer modo a pureza das águas, fizerem beber animais nas bicas públicas, canos ou balas d’aqueduto, ou os fizerem lavar em tais

<sup>296</sup> MAUAD e MUAZE. A escrita de intimidade. *Op. Cit.*

<sup>297</sup> MARRAS. A propósito de águas virtuosas. *Op. Cit.* p. 58.

lugares, e bem assim nos tanques destinados para eles beberem, serão presos até pagarem 6\$ réis de multa, além de repararem todo o dano e prejuízo causado: os animais achados em contravenção serão apreendidos e depositados até satisfação da multa e danos.<sup>298</sup>

Em relação ao hábito de banhar-se, não era diferente. Apesar de não seguir uma cronologia linear e progressiva, como aponta a autora Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2007) e como foi apresentado no primeiro capítulo, este hábito não era uma experiência comum no século XIX, sendo inclusive associado a valores morais nada recomendáveis. Sem a água encanada nas residências, as limpezas dos corpos da elite dispunham das chamadas casas de banhos, enquanto as classes populares continuavam com seus banhos de rio. Porém, para a maioria da população, os banhos, neste período, eram relacionados a tratamentos médicos e realizados em estâncias termais e estabelecimentos hidroterápicos.<sup>299</sup>

Entre as principais cidades que possuíam tais termas curativas, podemos destacar Poços de Caldas e o estudo de sua criação e desenvolvimento a partir da utilização de suas águas, feito por Stelio Marras (2004). Além disso, é possível observar entre esta cidade mineira e Nova Friburgo vários pontos comuns da relação entre sociedade e o tratamento pela água. O deslocamento de pacientes e de novos habitantes atraídos pelas possibilidades econômicas fez com que novas demandas surgissem na organização urbana para acomodá-los. Esta organização, caracterizada também pela preocupação com o caminho das águas para serventia pública e a manutenção e sua pureza, que torna-se uma das principais ações de Carlos Eboli na Câmara friburguense, como apresentaremos ao final deste capítulo. Observamos também o crescente número de habitações das cidades sede destes estabelecimentos balneários, devido ao longo tempo que os visitantes permaneciam nestas localidades, e mudanças na paisagem natural, que era realizada em diálogo com o discurso médico higienista, uma vez que a modernidade definia-se pela Higiene, que garantia o sucesso da estação balneária”.<sup>300</sup>

A discussão levantada por Stelio Marras (2004) também pode ser aproveitada para entender o motivo da instalação do *Instituto Sanitário Hidroterápico* de Carlos Eboli em Nova Friburgo. Além do clima, considerado ideal pelo próprio médico no discurso de inauguração do estabelecimento hidroterápico, a vila apresentava-se como lugar que melhor receberia este empreendimento, devido seu foco no desenvolvimento das atividades urbanas e

<sup>298</sup> POSTURAS Municipais, 1848. Artigos 39 e 40.

<sup>299</sup> SANT’ANNA, Denise B. A cidade das águas – uso de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Ed. SENAC; 2007.

<sup>300</sup> MARRAS. A propósito de águas virtuosas. *Op. Cit.* p. 121.

da reorganização do seu espaço público que começava a ser feita em pontos estratégicos, como veremos ao final deste capítulo. Cabe também ressaltar que a influência e investimento da família Clemente Pinto também eram recorrentes em Nova Friburgo e, seguindo a ideia da proximidade com Carlos Eboli defendida no Capítulo 2, podemos considerar que também seria um ponto favorável para a escolha da vila para sede deste grandioso empreendimento.

Assim, o estabelecimento e sua prática hidroterápica encontraram em Nova Friburgo um local que abria grandes possibilidades para conquistar seu espaço no interior da província fluminense. E, como consequência, o *Instituto* também viria a auxiliar os interesses políticos e sociais de transformação do espaço público, atraindo um grupo de poder aquisitivo elevado, disposto a investir na vila durante sua longa estada para o tratamento ou durante a estação de verão intenso, desenvolvendo setores como hospedarias, comércios e outros serviços que estavam acostumados a exercer em seus locais de origens.

Além das benfeitorias para a cidade que o abrigava, o *Instituto Sanitário Hidroterápico* também seria responsável pela consolidação da trajetória profissional de Carlos Eboli, colocando-o em posição de destaque tanto na região como na Corte.

### **3.2 Instituto Sanitário Hidroterápico: Nova Friburgo como palco desta prática no Brasil.**

O estabelecimento de duchas, intitulado de *Instituto Sanitário Hidroterápico*, foi inaugurado em 1º de junho de 1871. Após a cerimônia religiosa, um jantar foi oferecido aos grandes nomes locais e da Corte, fazendeiros da região e representantes da Academia Imperial de Medicina. Durante a festa, apresentou-se a banda Campesina Friburguense e os convidados puderam visitar as instalações do estabelecimento. Segundo o jornal *Diário do Rio de Janeiro* (13/07/1871), um “bem servido” copo de água também foi oferecido aos convidados.<sup>301</sup>

Era equipado com os aparelhos de duchas e mecanismos para regular a temperatura da água considerados os mais modernos à época, podendo ser equiparado aos mais conceituados da Europa. O estabelecimento, de maio a setembro, meses mais frios, era frequentado por enfermos e convalescentes, por ser a época mais adequada à terapia. Nos demais meses, o

---

<sup>301</sup> INAUGURAÇÃO. Diário de Notícias do Rio de Janeiro. Ano 54. N.192. 13 de julho de 1871. p.3. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

*Instituto* recebia os veranistas, principalmente da capital da província do Rio de Janeiro, que fugiam das altas temperaturas e epidemias que assolavam a Corte.<sup>302</sup>

Possuía um escritório/consultório na Rua Primeiro de Março, nº 29, no Rio de Janeiro, no qual o médico Ribeiro de Almeida, e até mesmo o próprio Carlos Eboli, forneciam consultas, divulgavam informações sobre a hidroterapia e encaminhavam pacientes para o tratamento em Nova Friburgo.<sup>303</sup> Era uma forma de aproximar o estabelecimento localizado na serra aos moradores da Corte, além da publicidade através dos jornais, que ganhavam espaço em periódicos até fora da província fluminense, como apresentaremos no tópico a seguir.

Em seu *Formulário e Guia Médico* (1908), o médico Pedro Chernoviz descreve o *Instituto Sanitário Hidroterápico* como

um vasto edifício cuja fachada principal à rua General Câmara mede 97 metros e a lateral, à rua 2<sup>304</sup> de Janeiro, 69 metros.

Nesta última é que está a casa dos aparelhos hidroterápicos com 35 metros 20 cent. de comprimento e 9 metros e 90 cent. de largura, ladeada de dois grandes portões de ferro dando acesso fácil à espaçosa varanda que circunda internamente todas as construções. Compreende duas salas de recepção, dois consultórios, dez quartos vestiários, dois *water closet*, um mictório e um *bidet* sendo de um lado exclusivamente para senhoras e do outro para homens. No centro fica uma grande sala no meio da qual se acha a tribuna da administração das duchas e lateralmente oito quartos contendo os mais modernos aparelhos hidroterápicos, providos de água em todas as temperaturas.

A água fria que alimenta o Estabelecimento é encanada desde sua nascente e atravessa grande número de pequenos depósitos defecadores e um filtro, e a quente vem de um reservatório de ferro de capacidade de 4 mil litros de líquido aquecido a vapor.<sup>305</sup>

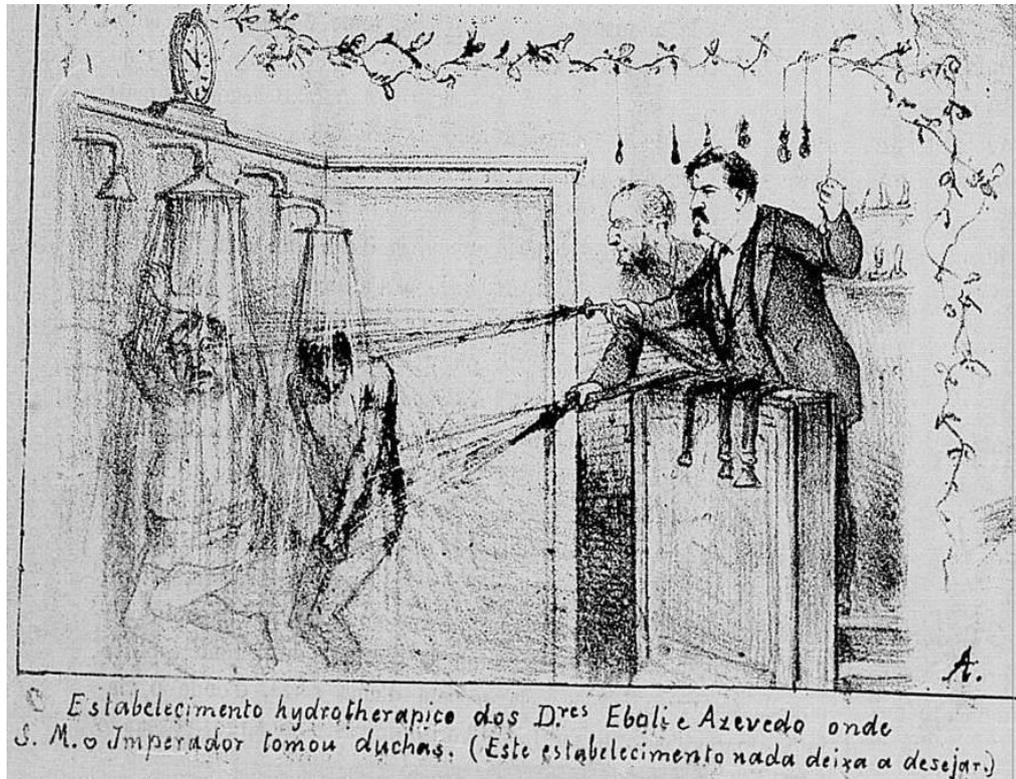
<sup>302</sup> CORRÊA. O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX. *Op. Cit.*

<sup>303</sup> BITTENCOURT-SAMPAIO. O Hotel Salusse em Nova Friburgo. *Op. Cit.*

<sup>304</sup> Correção: o estabelecimento localizava-se na Rua 3 de Janeiro, atualmente denominada Rua Monsenhor Miranda, transversal à Praça Getúlio Vargas, principal da cidade.

<sup>305</sup> CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p. 700.

**Figura 3.1:** Aplicação de uma ducha por Carlos Eboli e Fortunato Corrêa de Azevedo no Instituto Sanitário Hidroterápico.



(Fonte: INAUGURAÇÃO da Estrada de Ferro Cantagalo [Ilustração]. O Mosquito. 27 de dezembro de 1873. pp. 4 e 5. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de março de 2015)

Assim como a estância termal de Poços de Caldas, o estabelecimento de duchas de Carlos Eboli foi frequentado pela família Imperial, sendo a primeira visita à época da inauguração da segunda seção da Estrada de Ferro Cantagalo, projeto concluído por Bernardo Clemente Pinto Sobrinho em sociedade com o Imperador.

Em cartas enviadas por Luísa Margarida Portugal de Barros, a Condessa de Barral<sup>306</sup>, a primeira menção da família imperial em visita ao estabelecimento de duchas de Carlos Eboli aparece em 1875. A carta descreve localidades de Nova Friburgo, bastante conhecidas e frequentadas à época: “Hoje visitamos a Fazenda do Cônego, o Chalet do Barão de São Clemente e a fonte dos Suspiros e o estabelecimento hidroterápico onde rimos até não poder mais com as explicações do Dr. Eboli”.<sup>307</sup> Ainda é indicado que o papel da carta era timbrado do Hotel Leuenroth, propriedade de Carl Engert. A outra carta, escrita em Petrópolis, pela

<sup>306</sup> BARROS, Luísa Margarida Portugal de. Cartas a suas majestades (1859-1890). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

<sup>307</sup> *Ibidem.* p. 110.

Condessa, que também data do ano de 1875, revela a presença da Imperatriz no estabelecimento: “Tomara que Sua M. a Imperatriz tire muito proveito da hidroterapia em Friburgo. O estabelecimento do Dr. Eboli é muito bom”.<sup>308</sup> O prestígio do estabelecimento hidroterápico junto à família imperial pode ser registado também pela nota publicada no jornal *Gazeta de Notícias* (30/03/1876), na qual noticia a oferta de dois anéis de brilhantes, destinados a Carlos Eboli e a Fortunato Correa de Azevedo, por parte do Imperador e da Imperatriz.

Outro conjunto de cartas também revela a presença da família de Rui Barbosa, que se tornaria importante para a história do *Instituto*, como será apresentado ao final deste tópico. Na época, 1876, ele ainda era um jovem advogado que se mudou para o Rio de Janeiro em busca de uma melhor situação financeira. Conheceu o estabelecimento de duchas friburguenses ao acompanhar o tratamento de Adelaide Dobbert, irmã de sua noiva, Maria Augusta Viana Bandeira. Seguindo as orientações de seu médico particular, Conselheiro Salustiano Ferreira Souto<sup>309</sup>, Adelaide deslocou-se da Bahia para a serra fluminense em busca da cura para sua fraqueza e paralisia. Através das suas cartas, Rui Barbosa descrevia à Maria Augusta o estado de saúde da futura cunhada, assim como a dinâmica do *Instituto* de Carlos Eboli.<sup>310</sup>

Entre as cartas disponíveis no Acervo RB Digital, da Fundação Casa de Rui Barbosa, selecionei 15 cartas escritas por Rui Barbosa e endereçadas para sua noiva que abordavam a chegada de Adelaide ao Rio de Janeiro, seu tratamento e sua estadia em Nova Friburgo. Apresentaremos, primeiramente, o trecho que mostra o motivo da escolha pelo *Instituto Sanitário Hidroterápico* e a existência de outro estabelecimento que começava a ganhar fama em Botafogo. Provavelmente, aquele sob a direção de Manoel Fernandes Eiras, que citamos durante as pretensões do monopólio da hidroterapia por Carlos Eboli.

Ela vai principiar em Friburgo o tratamento hidroterápico, e continua-lo ali, até que tenha melhoras seguras. Então, provavelmente virá termina-lo nesta cidade, onde, há oito dias, fundou-se um estabelecimento de hidropatia muito superior àquele, mas que lhe não convinha para principiar, já porque o

---

<sup>308</sup> *Ibidem.* p. 124.

<sup>309</sup> Médico baiano, nascido em 1814. Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1840. Era líder abolicionista e participou da Guerra do Paraguai. Também foi deputado geral pela Bahia. Foi ele quem ajudou financeiramente a ida de Rui Barbosa ao Rio de Janeiro. Faleceu em 1887 (SALUSTIANO Ferreira Souto. Disponível em <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/303-salustiano-ferreira-souto.html> – Acessado em 17 de fevereiro de 2017).

<sup>310</sup> BORGES, Dain Edward. *The Family in Bahia, Brazil*. 1985. Página 93. Disponível em <https://books.google.com.br> – Acessado em 19 de fevereiro de 2017.

clima de lá, diferente deste, deve concorrer também para o curativo, já porque no começo era preciso evitar as distrações que a corte oferece.<sup>311</sup>

O clima de Nova Friburgo é novamente elogiado por Rui Barbosa como ideal para o sucesso do tratamento da sua futura cunhada juntamente com a aplicação das duchas. Durante esta passagem, a questão do beribéri também é mencionada. Doença que marcará, mais tarde, outra ligação entre o estabelecimento hidroterápico e Rui Barbosa.

A localidade onde ela está (Nova Friburgo) é um delicioso clima, frio à europeia e perfeitamente seco, sem umidade nenhuma, como na Europa mesma é raro encontrar; a tal ponto que o cons. Souto protesta não mandar mais senão para lá os seus beribéricos. Sob a influência daquela temperatura restauradora e das duchas frias no estabelecimento hidroterápico, Adelaide principiou a melhorar, desde que lá chegou, bem que lenta e suavemente. No começo houve - é verdade, suas alternativas, acontecendo que a cada dois dias de melhoramento se seguisse sempre uma pequena crise. (Já vêes que não te escondo nada e que podes confiar tranquilamente nos meus boletins.) Essas alternativas, porém, agora parece que desapareceram de todo; as melhoras vão crescendo gradualmente e os progressos do curativo têm-se firmado. É o que, na sua última carta, me participa o cons. Souto, que agora está cheio de esperanças, o que eu fervorosamente acompanho, porque de dia em dia quero mais bem à nossa querida Irmãzinha.<sup>312</sup>

O Conselheiro Souto também sugeriu a Rui Barbosa que utilizasse as duchas e se afastasse do ambiente movimentado da Corte como forma de fortalecimento de seu organismo. Ele aceita o conselho do amigo médico e sobe a serra rumo a Nova Friburgo com a intenção de ficar por duas semanas, sem descuidar dos seus afazeres.

o Conselheiro exige, como medida higiênica em relação à minha saúde, que eu tome algum tempo aqueles ares e use os banhos frios. Não creias que este fato seja indício de estar eu doente: afirmo-te que não. Estou apenas um pouco debilitado pelo trabalho exagerado, que tenho tido; e o nosso bom médico e paternal amigo entende necessário que eu recomponha as forças um pouco alteradas, evitando por alguns dias a vida pesada e o péssimo clima da corte.<sup>313</sup>

A família de Rui Barbosa também ficou hospedada no Hotel Leuenroth, como aponta o papel timbrado usado para o envio das cartas, e segundo a localização que o Conselheiro

<sup>311</sup> BARBOSA, Rui. Conjunto de cartas enviadas à sua noiva Maria Augusta Viana Bandeira. Disponível no Arquivo RB Digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, acessado em 7 de março de 2017. Carta de 28 de agosto de 1876.

<sup>312</sup> *Ibidem*. Carta de 8 de setembro de 1876.

<sup>313</sup> *Ibidem*. Carta de 15 de setembro 1876.

Souto fornece na propaganda sobre o exercício de sua clínica<sup>314</sup> também na vila serrana. No trecho a seguir, podemos conhecer mais sobre os hóspedes deste estabelecimento, em sua maioria também em tratamento.

A querida Adelaide, que parece não pode ser feliz sem ver felizes também quantos a rodeiam, quis que dela participassem os poucos e bons companheiros nossos de hotel. Os principais tipos dentre esses são: um português maciço, homem de fortuna, mas de bom coração, que nos tem enchido de obséquios, que vivia aqui no mais profundo abatimento, mas a quem a nossa companhia e os cuidados médicos do Conselheiro vão ressuscitando, - retratos dizem do Manuel da Maria José, que com ele tem, não sei se por isso, longas palestras; um velho comendador, doente de falta dos santos carinhos da família, hipocondríaco, que, entretanto, se tomou de singular simpatia pela nossa irmãzinha, ao ponto de ter ido buscar a filha para com ela passar aqui algum tempo (a menina não quis vir, não, - devo dizer-te); e um rapaz, muitíssimo ratão, cuja figura e pilhérias nos dão muito que rir.<sup>315</sup>

As cartas não apresentam com clareza como foi o desfecho desta história. Mas, com base nas últimas encontradas sobre o assunto, é provável que o tratamento tenha gradativamente melhorado o estado de saúde de Adelaide. Rui Barbosa continuou com uma relação próxima com a vila e cruzaria com o destino do estabelecimento hidroterápico novamente ao final da década de 1880, como apresentaremos no final deste tópico.

Além destas duas marcantes presenças entre os frequentadores das duchas, podemos incluir a de Maria Florisbella Bastos, filha de um renomado advogado de Campos. Ela foi uma das primeiras pacientes acometidas de tísica pulmonar que recorreu ao tratamento hidroterápico no estabelecimento de duchas friburguense. Sua presença torna-se diferente das demais, porque, em 23 de maio de 1873, de acordo com o jornal *O Apóstolo*, casou-se com Carlos Eboli seis meses após o restabelecimento de sua saúde. Tiveram cinco filhos: “João Batista (médico), Maria José, Maria das Dores, Galiano e Henrique”.<sup>316</sup>

Mesmo diante do crescimento e reconhecimento da qualidade do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, foi noticiado pelo jornal *Gazeta de Notícias* (10/10/1877) o desligamento do seu sócio, Fortunato Corrêa de Azevedo, indicando que Carlos Eboli passava a ser o único dono do estabelecimento a partir de 1º de outubro de 1877. Tal desligamento também foi acompanhado de uma disputa de interesses, intermediada na Câmara, como apresentaremos

<sup>314</sup> O Conselheiro também aproveita a estadia em Nova Friburgo para exercer sua clínica, aplicando uma técnica para cura de tumores sem cirurgias, como apresenta uma propaganda vinculada pelo jornal *O Espírito-Satense*, de 10 de outubro 1878.

<sup>315</sup> BARBOSA. Conjunto de cartas. *Op. Cit.* Carta de 18 de setembro de 1876.

<sup>316</sup> BITTENCOURT-SAMPAIO. O Hotel Salusse em Nova Friburgo. *Op. Cit.* p. 85.

ao final do capítulo. Carlos Eboli, mesmo sozinho, continuou investindo no estabelecimento e como, principal iniciativa, aconteceu a construção do Hotel Central.

Para completar o pacote que daria eficiência ao tratamento hidroterápico estaria o lugar de repouso, no qual os hóspedes usufruiriam também de uma alimentação regrada. Antes, os hotéis que recebiam aqueles que procuravam as duchas, inclusive os enfermos, eram principalmente o Hotel Leuenroth, próximo à estação de trem de passageiros, e o Hotel Salusse, localizado na Praça Princesa Isabel, mais próximo ao estabelecimento hidroterápico. Assim, junto ao complexo de duchas do *Instituto*, foi construído edifício do Hotel, que acabava por relacionar saúde, descanso e lazer. Porém, um empreendimento deste grande porte requeria altos preços para manutenção. Assim, o doente, por meio de uma pensão razoável, tinha a sua disposição o tratamento, hospedagem e uma alimentação apropriada.

O Hotel Central também é descrito por Chernoviz (1908):

A fachada principal à Rua General Câmara<sup>317</sup> e o resto do grande edifício é ocupado pelo Hotel Central ligado à casa das duchas por 250 metros de alegres varandas.

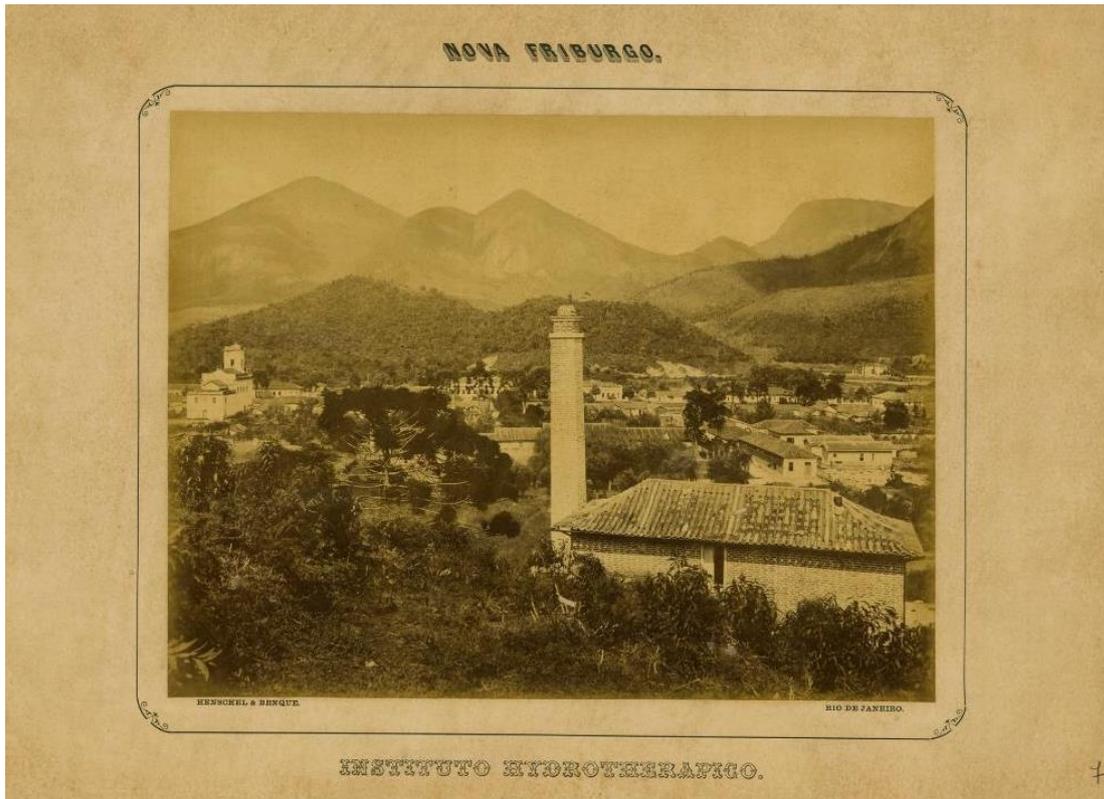
Contêm cômodos para 180 hóspedes, além de salas especiais para visitas, música, leitura, jogos lícitos, bilhares, fumantes, etc.<sup>318</sup>

---

<sup>317</sup> Corresponde atualmente a Rua Augusto Spinelli. O prédio do Hotel Central, tombado pelo INEPAC, tornou-se sede do Colégio Nossa Senhora das Dores, ainda em funcionamento neste mesmo local.

<sup>318</sup> CHERNOVIZ. Formulário e Guia Médico. *Op. Cit.* p. 700.

**Figura 3.2:** Instituto Sanitário Hidroterápico, sem o Hotel Central<sup>319</sup>.



(Fonte: Henschel & Benque, 1875. Disponível em [Brasiliana Fotográfica Digital – Fundação Biblioteca Nacional](#))

**Figura 3.3:** Complexo de duchas e Hotel Central.



(Fonte: CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Formulário e Guia Médico. 18ª edição. Paris: Typografia de Roger e F. Chernoviz, 1908. p.700)

<sup>319</sup> Em primeiro plano, vemos a chaminé do Instituto Sanitário Hidroterápico. Foto que revela a localização central do estabelecimento na vila de Nova Friburgo, próximo a praça principal, onde está a Igreja Matriz de São João Batista. No centro, ao fundo, também é possível observar a grande edificação do Solar do Barão de Nova Friburgo.

A primeira década do *Instituto* mostrava uma grande atividade, reconhecimento e grandiosidade, recebendo grandes nomes da região e da Corte que buscavam alívio para suas enfermidades ou apenas desfrutar deste hábito civilizado, com raízes europeias. Os preços do estabelecimento já faziam a seleção de quem teria o privilégio de ter acesso às famosas duchas. E aqui podemos destacar a grande mudança de estrutura e, conseqüentemente, do público atendido entre Cantagalo e Nova Friburgo. Mesmo sem ter acesso a alguma lista de pacientes, podemos considerar que em Friburgo, a hidroterapia passou a ser frequentada por uma maioria branca, elitizada, que teriam condições de pagar tanto pelas duchas, quanto pelo deslocamento até o estabelecimento. Entendemos que manter um estabelecimento hidroterápico, do porte que se mostrava ser, era caro e isto refletia nos preços pelos serviços oferecidos por ele e no público que frequentava este espaço.

O período final da administração de Eboli pareceu ser de grandes dificuldades financeiras para o estabelecimento, sendo por diversas vezes solicitado uma diminuição dos impostos cobrados para o funcionamento do *Instituto*, tanto por Eboli quanto pelas direções seguintes. Mas sem uma resposta positiva em relação aos impostos, os preços, que eram mantidos desde sua fundação, foram reduzidos no intuito de abranger mais pessoas ao recurso hidroterápico. Foi concedido para indigentes o tratamento gratuito e para os escravos o desconto de um terço nas pensões.

Antes de se retirar da vila, devido ao seu problema de saúde, Carlos Eboli nomeou o médico Theodoro Gomes como diretor, e este médico também promoveu uma nova diminuição no preço das diárias no estabelecimento:

**Tabela 3.1:** Preços do *Instituto Sanitário Hidroterápico* durante a primeira década da administração de Carlos Eboli (1870).

<b>Instituto Sanitário Hidroterápico</b>	
<b>Diretor: Carlos Eboli</b>	
<b>DIÁRIAS</b>	
Pensionistas	10\$000 a 20\$000
Externos	5\$000
Escravos pensionistas	4\$000
Escravos externos	3\$000

(Fonte: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro, 1875. p. 12 e 13)

**Tabela 3.2:** Preços do *Instituto Sanitário Hidroterápico* durante a administração de Theodoro Gomes (a partir de 1885).

<b>Instituto Sanitário Hidroterápico</b>	
<b>Diretor: Theodoro Gomes</b>	
<b>DIAS</b>	<b>PREÇO</b>
30	75\$000
60	120\$000
90	160\$000
120	200\$000
180	250\$000
360	360\$000
Escravos	- 1/3 nos preços da tabela
Indigentes	Tratamento gratuito

(Fonte: O Paiz (MA), 8/11/1886. p. 4).

Analisando estas duas tabelas, podemos destacar como principais mudanças, que as pensões foram transformadas em assinaturas, com a possibilidade de serem transferidas à familiares e que só compreendiam as duchas frias; e o preço da diária no Instituto caiu 25% (que correspondia a um desconto de 2\$500 na gestão do médico Theodoro Gomes), assim como o preço do tratamento de escravos, que era metade da diária cobrada na administração de Carlos Eboli, e passou a ser de 1/3 da mesma.

As duchas com recurso de eletricidade, de vapor, minerais continuaram sendo cobradas além das diárias. Na gestão do médico Theodoro Gomes, as simples e as escocesas também entram nesta lista<sup>320</sup>:

**Tabela 3.3:** Preços das duchas avulsas na administração de Theodoro Gomes (a partir de 1885).

<b>DUCHAS AVULSAS</b>	
<b>Diretor: Theodoro Gomes</b>	
Simples	3\$500
De vapor (banho russo)	5\$000
Termo-minerais	5\$000
Hidro-eléticas	5\$000
Escocesas	6\$000
Seção de eletricidade	10\$000

(Fonte: O Paiz (MA), 8/11/1886. p. 4)

<sup>320</sup> Não temos informações sobre os valores que eram cobrados na gestão de Carlos Eboli.

Além da diminuição dos preços, a venda de ações do *Instituto* também foi um recurso utilizado pelos então diretores Theodoro Gomes e Ernesto Brasília de Araújo.<sup>321</sup>

**Figura 3.4:** Título para tornar-se acionista do estabelecimento hidroterápico friburguense (1889).



(Fonte: Imagem encontrada no site de leilões [www.conradoleiloeiro.com.br](http://www.conradoleiloeiro.com.br))

Já no início da década de 1890, de acordo com Bittencourt-Sampaio (2009), o uso da hidroterapia torna-se irrestrito e ineficiente, já que passou a ser aplicada de qualquer forma, para qualquer doença, enfraquecendo o prestígio que tinha alcançado até o momento.<sup>322</sup>

A Marinha do Brasil, então, tentou adquirir o *Instituto* por já utilizarem dos serviços do estabelecimento em seus enfermos, como apresentaremos a seguir.<sup>323</sup> A principal preocupação em

<sup>321</sup> Tanto Theodoro Gomes, quanto Ernesto Brasília de Araújo tornaram-se presidentes da Câmara de Nova Friburgo, reforçando este forte laço que unia a área médica com posições políticas, principalmente nestas cidades do interior.

<sup>322</sup> BITTENCOURT-SAMPAIO. O Hotel Salusse em Nova Friburgo. *Op. Cit.*

relação à saúde dos marinheiros era a beribéri, cuja etiologia até então não era conhecida. Devido ao grande contingente de marinheiros portadores desta enfermidade, a Marinha construiu uma enfermaria no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, destinada a este tratamento. Porém, como afirma Mário Ferreira França (1961), o Almirante Carlos Balthazar da Silveira, Ministro da Marinha, indicou que esta enfermaria não produzia os resultados esperados.<sup>324</sup> O clima, mais uma vez, foi colocado como o obstáculo para o sucesso na recuperação da saúde dos pacientes. Era necessário, então, um novo local que estivesse de acordo com a geografia médica.

Por isso, espalhou-se, célere, a fama da cidade salubre, para a qual convergem os doentes esperançosos de uma cura ou alívio aos seus achaques, naquele ambiente de ar leve e puro, em que a vida desabrocha em manifestações sugestivas de pujanças.

Não foi sem razão, pois, que, desde o último quartel do século passado [XIX], cogitasse nossa Marinha de Guerra em eleger essa cidade para sítio de um sanatório naval.<sup>325</sup>

Então, em 25 de junho de 1889, foi inaugurada em Nova Friburgo uma enfermaria provisória para os Praças da Marinha, que, segundo a *Revista Marítima Brasileira* (1889), aproveitaria do tratamento hidroterápico já presente na cidade. Podemos considerar que esta parceria entre a Marinha e o *Instituto Sanitário Hidroterápico* tenha auxiliado também a prolongar o tempo de duração do estabelecimento, por serem uma clientela constante, auxiliando na crise financeira nos últimos anos de funcionamento. Os resultados, consideravelmente melhores do que aqueles obtidos na enfermaria de Copacabana, também contribuíram para que a hidroterapia continuasse a ser considerada uma prática de tratamento eficaz e que o estabelecimento de duchas, mesmo longe do seu auge, ainda fosse uma referência de reestabelecimento da saúde, inclusive na Corte.

O tratamento geralmente adotado tem sido: uma alimentação farta e apropriada ao estado de cada um, vinhos reconstituintes, do Porto, tônicos, passeios ao ar livre, exercícios ginásticos, e, sobretudo, duchas simples e escocesas, o que tudo tempo produzido ótimos resultados.<sup>326</sup>

---

<sup>323</sup> CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *Histórias da História de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Editora Primitif, 2012. pp. 163-170.

<sup>324</sup> FRANÇA, Mário Ferreira. *Notícia histórica do Sanatório Naval em Nova Friburgo*. Imprensa Naval, Rio de Janeiro: 1961.

<sup>325</sup> *Ibidem*. p. 5.

<sup>326</sup> MAGALHÃES, Galdino Cícero de. Algumas observações sobre os mapas das duchas. *Revista Marítima Brasileira*. 1889. Ano IX. Vol. XVII. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 29 de setembro de 2016. p. 440.

A enfermaria friburguense, porém, funcionava em prédios provisórios, como informa a *Revista Marítima Brasileira* (1889). Então, devido aos bons resultados colhidos desta experiência em Nova Friburgo, era interesse de a própria Marinha adquirir um prédio maior e com uma estrutura apropriada para receber estes militares enfermos e convalescentes. Com a conhecida situação do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, a compra do prédio tornou-se uma boa ideia para a Marinha, mas uma situação desconfortável para os moradores da cidade.

A cidade, porém, ficou sobressaltada, temendo a possível indisciplina dos marinheiros e o perigo eminente de contaminação, pois, na opinião geral, um hospital de beribéricos seria um bem organizado centro de irradiação de peste.<sup>327</sup>

E foi através da imprensa, para qual daremos destaque no tópico seguir, que a população friburguense conseguiu evitar a compra do prédio pela Marinha, tendo como principal defensor o jurista Rui Barbosa, que, como apresentamos anteriormente, conhecia e tinha frequentado o *Instituto*. Ele, então, publicou no *Diário de Notícias*, jornal no qual era redator chefe, em 9 de setembro de 1889, uma petição endereçada ao Ministro da Marinha contra tal instalação em Nova Friburgo.

A inserção da enfermaria naval no centro do povoado seria para ele verdadeira calamidade. Alterar-se-iam, com essa inovação deplorável, todas as condições de paz, higiene e recato, que constituem o principal encanto daquela estação de saúde, e fazem dela esse doce abrigo remansoso e abençoado, para que os que carecem de pedir à natureza, em regaços como daquele, restauração das forças do espírito e do corpo. Friburgo despojada do seu instituto público de hidroterapia e habitada pela maruja, não seria mais Friburgo. Toda a população adventícia, que o cobiça seis meses em cada ano, desertaria.<sup>328</sup>

Observa-se, nesta passagem, que a sociedade friburguense não via o Instituto Hidroterápico como um centro de doentes, mas como um lugar de reabilitação da saúde. Reconheciam que as duchas de Carlos Eboli eram um ponto de referência da vila, um grande atrativo para os visitantes, e que conferia autenticidade a “identidade salubre” que fora construída sobre ela.<sup>329</sup> A petição tornava-se também uma forma de proteção do estabelecimento, para que continuasse em funcionamento, mesmo com a crise financeira.

<sup>327</sup> ARÊA, José. Publicação comemorativa do cinquentenário do Sanatório Naval em Nova Friburgo. Publicado pelo Capitão de Mar e Guerra Dr. Victor Jayme Vieira. 1960. s/p.

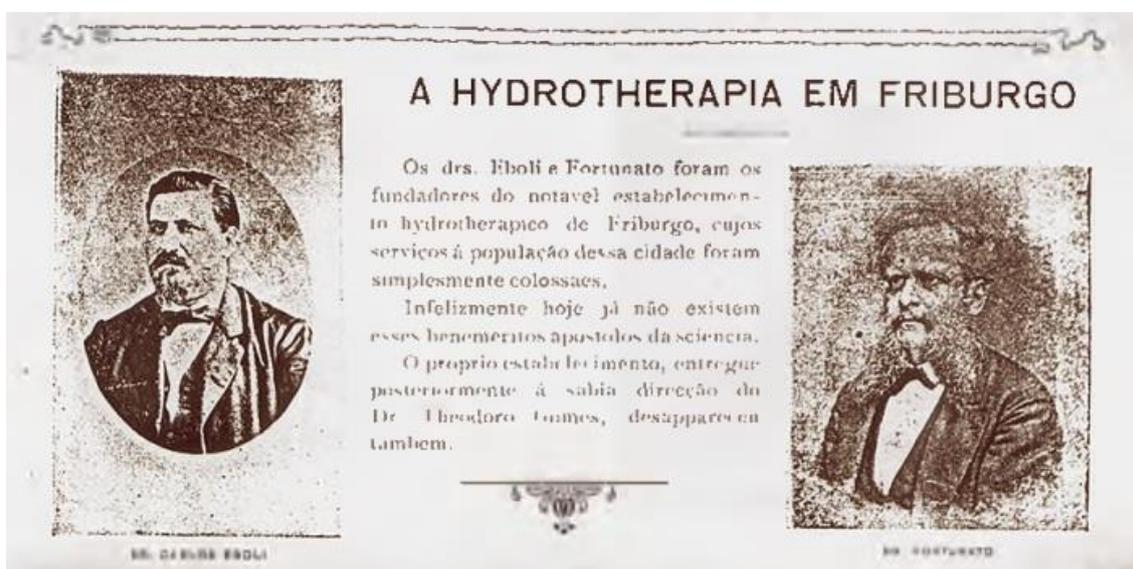
<sup>328</sup> BARBOSA, Rui. O beri-beri em Friburgo. *Diário de Notícias*, 9 de setembro de 1889, página 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 16 de junho de 2016.

<sup>329</sup> CORRÊA. O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX. *Op. Cit.*

A Marinha, entretanto, não conclui a compra do prédio, mas não desiste de instalar em Nova Friburgo um hospital que atendesse seus militares. Em 1910 é instalado, então, no antigo Pavilhão de Caças do Barão de Nova Friburgo, o Sanatório Naval de Nova Friburgo, abrangendo também o tratamento da tuberculose, além do beribéri. Neste hospital, é construída uma ala para a prática hidroterápica, que continuou sendo utilizada durante parte do século XX na recuperação da saúde dos enfermos que eram transferidos para esta unidade.

Assim, a pedido do Banco Comercial do Rio de Janeiro, o estabelecimento hidroterápico teve seus bens leiloados em 1895.<sup>330</sup> Maria Florisbella de Bastos Eboli, viúva do médico italiano, vendeu o prédio do Hotel Central, penhorado devido a esta ação hipotecária, às Irmãs Dorotéias, Maria Alexandrina do Carmo e Silva e Feliciano Amélia Ribeiro de Portugal, em 1897<sup>331</sup> para a instalação do Colégio Nossa Senhora das Dores<sup>332</sup>. O local de saúde foi, então, gradualmente transformado em um espaço de educação, sendo reconhecido assim atualmente.

**Figura 3.5:** Homenagem a Carlos Eboli e a Fortunato Corrêa de Azevedo



(Fonte: A HYDROTHERAPIA em Nova Friburgo. A Lanterna, 1905. Disponível no acervo digital de periódicos da Fundação Dom João VI de Nova Friburgo – [www.djoaovi.com](http://www.djoaovi.com) – Acessado em 14 de outubro de 2015.)

<sup>330</sup> BITTENCOURT-SAMPAIO. O Hotel Salusse em Nova Friburgo. *Op. Cit.*

<sup>331</sup> FUNDO de Administração Municipal de Nova Friburgo, Caixa 19, documento 6340.

<sup>332</sup> A Instituição de ensino funciona até hoje no mesmo local.

**Figura 3.6:** Prédio do Colégio Nossa Senhora das Dores atualmente. Vistas das ruas Monsenhor Miranda e Augusto Spinelli, respectivamente.<sup>333</sup>



(Fonte: Acervo pessoal)

<sup>333</sup> Podemos, inclusive identificar algumas modificações no conjunto arquitetônico ao comparar estas imagens com a Figura 3.3, como um novo andar no local onde se localizavam as duchas, por exemplo.

**Figura 3.7:** Resquício da indicação das duchas ainda presente na escadaria principal da entrada do Colégio Nossa Senhora das Dores.



(Fonte: Acervo pessoal)

### **3.3 Doidos de Frio? As faces da imprensa.**

A imprensa abriu espaços em suas páginas para larga propaganda deste estabelecimento, juntamente com depoimentos pessoais daqueles que frequentaram ou visitaram o estabelecimento, descrevendo suas experiências, assim como o clima e o próprio *Instituto*, enfatizando sua melhora ou cura. Esta intensa propaganda ia além dos jornais que circulavam na província do Rio de Janeiro, alcançando as páginas do *Correio Paulistano*, *Diário de Pernambuco* e a *Gazeta Médica da Bahia*, por exemplo.

Escolhemos a propaganda a seguir como outro exemplo do tipo de publicidade que era utilizada para atrair os visitantes e enfermos para a serra friburguense. Nela observamos as diferentes duchas e tratamentos utilizados, de acordo com a época do ano e o preço cobrado

pelas duchas e pela estadia no estabelecimento. Destacavam também as principais moléstias tratadas pela hidroterapia e o endereço do consultório vinculado ao *Instituto* na Corte.

**Figura 3.8:** Exemplo de propaganda do *Instituto Sanitário Hidroterápico*.

10 NOTABILIDADES

**ESTABELECIMENTO HYDROTHERAPICO**

EM

**Nova-Friburgo**

DIRECTORES

**DRS. FORTUNATO CORRÊA DE AZEVEDO E CARLOS EBOLI**

**PROGRAMMA DE TRATAMENTO**

**ESTAÇÃO DO INVERNO**

**DUCHAS GELADAS E TEMPERADAS:**

- em chuva movel e fixa.
- em jacto.
- em columna de diferentes diametros.
- em dez jactos.
- em dupla corrente.
- em lamina.
- em laminas concentricas.
- em circulo.
- em diluvio.
- filiformes.
- pulverulentas.
- ascendentes.
- dorsaes.
- hepaticas.
- lombares.

**BANHOS THERMO-MINERAES:**

**ESTAÇÃO DO VERÃO**

- Barèges.
- Caldas (Minas-Geras).
- Cauteretz (Source Raillère).
- Challes.
- Enghien.
- Mont-Dore.
- de Mar.
- Plombières.
- Saint-Honoré.
- Spá.
- Vichy.
- da Campanha (Minas-Geraes).

(Continúa.)

## NOTABILIDADES

41

BANHOS RUSSOS.

BANHOS MEDICAMENTOSOS  
E DE VAPOR.

BANHOS TURCOS.

BANHOS HYDRO-ELECTRICOS  
BANHOS ESCOSSEZES.

**Consultas** no escriptorio do estabelecimento, rua do Carmo n. 14, Rio de Janeiro, onde os doentes encontrarão o Dr. Luiz Corrêa de Azevedo para consultas e informações. As senhoras terão no estabelecimento uma enfermeira habilitada para a applicação dos banhos, sob a direcção dos Directores.

Recebem-se no Instituto :

Pensionistas . . . . .	diaria	10\$000
Externos . . . . .	»	5\$000
Escravos pensionistas . . . . .	»	4\$000
Ditos externos. . . . .	»	3\$000

## OBSERVAÇÕES

A hydrotherapia, como se vê, tem-se auxiliado de elementos therapeuticos modernos de grande valor, e portanto torna-se uma medicação complexa.

A Hydrotherapia cura principalmente as molestias que se têm mostrado rebeldes aos outros meios therapeuticos ordinarios, como: as pharyngites e laryngo-bronchites chronicas com predisposição á tísica, os rheumatismos rebeldes, a gotta, o hysticismo, o nevrosismo, a choréa, a hypocondria, a asthma, certas paralyrias e outras molestias nervosas, uterinas e cutaneas, as affecções do figado e baço, as escrophulas, as febres intermittentes rebeldes, a chlorose, a dyspepsia, a gastrite chronica, a diarrhéa e dysenteria chronica.

A Hydrotherapia é mais proveitosa no inverno, não devendo os doentes receiar do frio de Nova-Friburgo, porque em poucos dias se habituarão a elle por meio daquelle tratamento.

Administrar-se-ha no estabelecimento as melhores aguas thermo-mineraes em fórma de banhos para as molestias cutaneas, rheumaticas, gotosas e escrophulosas, o que é realizavel por meio de apparatus modernos. Tambem serão administradas internamente, conforme as prescripções medicas.

No estabelecimento existem as duchas hygienicas, utilissimas para fortalecer as constituições fracas, e para prevenir certas molestias.

As applicações hydrotherapicas serão todas feitas e dirigidas pessoalmente por um dos medicos directores.

Os doentes, cujo estado de molestia não permittir a residencia em hotéis, acharão commodo no mesmo estabelecimento.

## ESPECIALIDADE DO DR. CARLOS EBOLI:

Molestias uterinas, curadas pela HYDROTHERAPIA.

Os quadros estatísticos, publicados por Carlos Eboli, também eram utilizados para divulgar os êxitos obtidos nos tratamentos de diversas enfermidades, através da hidroterapia, indicando o número de curas, falecimento (estes em números ínfimos), a quantidade de homens e mulheres entre seus frequentadores e o tempo que durou o tratamento.

A imagem a seguir é um dos quadros estatísticos publicados a pedido de Carlos Eboli, referente ao período de 25 de junho de 1871 a 30 de junho de 1873.<sup>334</sup> Escolhemos este por revelar um panorama mais amplo sobre as doenças que eram tratadas no *Instituto Sanitário Hidroterápico*, assim como os enfermos e resultados obtidos.

**Figura 3.9:** Quadro estatístico geral dos tratamentos no Instituto Sanitário Hidroterápico.

**Quadro estatístico geral das molestias tratadas no Instituto Hydrotherapico de Nova Friburgo de 25 de Junho de 1871 a 30 de Junho de 1873.**

INDICAÇÃO DAS CLASSES DAS MOLESTIAS.	Numero de doentes.	Mulheres.	Homens.	Curas.	Notaveis melhoras.	Melhoras.	Insucessos.	Insucessos por insuficiência de tempo.	Fallecimentos.	Causas dos fallecimentos.	Higienico.
Molestias dos órgãos genito-urinarios no homem e na mulher.	16	11	5	5	1	2	2	6		{ Perniciosa adynamica. Tísica galopante. { Perniciosa algida. Inanição nervosa. Apoplexia. Hydrocephalo. Meningite.  Vomito e convulsões.	Todos obtiverão resultado.
Nevralgias. . . . .	10	3	7	3	1	1	2	3			
Molestias do systema articular e muscular . . . . .	16	1	15	7	3	2	1	2	1		
Molestias dos órgãos respiratorios. . . . .	33	11	22	11	6	1	5	9	1		
Febres intermittentes antigas e rebeldes. . . . .	7	2	5	3	.....	.....	2	.....	2		
Molestias dos centros nervosos (encephalo e medulla). . . . .	26	5	21	3	.....	.....	13	7	3		
Molestias dos órgãos digestivos e seus annexos. . . . .	11	2	9	7	1	1	2				
Nevrosea. . . . .	25	14	11	10	.....	4	7	5			
Molestias do systema circulatorio e lymphatico. . . . .	11	3	8	3	2	3	.....	2	1		
Molestias cutaneas . . . . .	1	.....	1	.....	.....	.....	.....	1			
	156	52	104	52	14	14	34	35	8		49

N. B. Existe no Estabelecimento hydrotherapico um livro com a relação dos nomes e historia dos doentes, que mais tarde será publicada.

(Fonte: *Annaes Brasilienses de Medicina*, março de 1874)

O quadro estatístico nos permite conhecer os enfermos que mais procuravam a hidroterapia como forma de tratamento. As chamadas “moléstias dos órgãos respiratórios”, por exemplo, agrupavam aproximadamente 21% dos casos, enfermidade com o maior número de doentes. Destacamos a tuberculose, certamente englobada nesta classificação, porque despertava grande preocupação à época, por se tratar uma doença sem um tratamento

<sup>334</sup> QUADRO estatístico geral das moléstias tratadas no Instituto Hydrotherapico de Nova Friburgo de 25 de junho de 1871 e 30 de junho de 1873. *Annaes Brasilienses de Medicina*. TOMO XXV. Março de 1874. N. 10. p. 400. Disponível em Hemeroteca Nacional da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 16 de maio de 2015.

específico e recorrentemente fatal. Grande parte da propaganda do *Instituto*, principalmente aquelas publicadas no *Jornal do Commercio*, indicavam os resultados positivos do tratamento hidroterápico em relação à tuberculose. Este quadro também permite esta estratégia de publicidade, ao indicar apenas um caso de falecimento comparado a 11 casos de cura. Outra doença que ocupava as linhas das publicidades era o beribéri, que, como foi visto anteriormente, atraiu a vinda de marinheiros enfermos para Nova Friburgo.

Continuando neste raciocínio, o número de casos de cura (aproximadamente 33%) mostrava-se bem maior do que os de falecimento (aproximadamente 5%), confirmando a hidroterapia como um meio eficaz de tratamento. Juntamente com esta prática, as características naturais de Nova Friburgo também eram consideradas um ambiente salubre, indispensável para o sucesso de qualquer tratamento, segundo os princípios do higienismo.

Em relação à questão de gênero, o número de homens que frequentavam o estabelecimento de duchas para tratamento se mostra bem maior que o de mulheres. E as enfermidades que tinham maior presença feminina, “moléstias dos órgãos genito-urinários” e “nevroses”, não tiveram casos de falecimento. A primeira, inclusive, engloba a especialidade de Carlos Eboli: moléstias uterinas. De acordo com o *Formulário e Guia Médico* (1908), de Chernoviz, a denominada “nevrose” corresponde ao “Nome genérico das moléstias que tem o assento no sistema nervoso, e que consistem na perturbação das funções, sem lesão evidente na estrutura dos órgãos e sem agente material que as produza”.<sup>335</sup> Dentro deste grupo, como visto anteriormente, está o chamado “histerismo”, que era considerada uma doença prioritariamente feminina.

Em uma comparação com a Tabela 2.2, presente no capítulo anterior, ainda sobre a questão do gênero, observamos que, através das informações fornecidas sobre os atendimentos na Fazenda Gavião, os homens também era maioria entre os pacientes. Porém, a diferença percentual era menor (45% de mulheres e 55% de homens) do que a apresentada neste quadro estatístico do estabelecimento hidroterápico (aproximadamente 33% mulheres e 67% homens).

Observa-se também nesta comparação que os casos de reumatismos e enfermidades das articulações, atendidos na Fazenda Gavião, eram consideravelmente maiores (50%) do que os números aqui apresentados (aproximadamente 10%). Estas doenças faziam com que os escravos, que correspondiam a maioria dos pacientes de Carlos Eboli em Cantagalo, ficassem

---

<sup>335</sup> CHERNOVIZ. *Formulário e Guia Médico*. *Op. Cit.* p. 1822.

muito tempo afastados do seu trabalho. Outra questão que pode ser levantada é a não especificação do número de escravos atendidos no *Instituto* neste quadro estatístico.

Apesar do período que apresenta este quadro, pouco mais de dois anos, podemos observar uma frequência de poucos enfermos. E isto pode ser explicado pelo longo período necessário para a eficácia da prática hidroterápica, pela capacidade de receber pacientes no *Instituto*, que na época ainda não disponibilizava do Hotel Central, dependendo de outros hotéis parceiros na vila e da preferência dos meses de clima frio para a realização do tratamento.

A estatística, então, tornou-se uma ferramenta para demonstrar e tornar visível, em números, a vantagem que teria a hidroterapia em relação a outros tipos de tratamento; assim como as explicações sobre esta terapêutica, para convencer os leitores das vantagens que poderiam alcançar ao frequentar as duchas friburguenses. Os jornais especializados na área médica também contribuíram para esta legitimação do discurso proferido por Carlos Eboli, sobre seu papel como principal propagador da hidroterapia no Brasil, e sobre a importância do país possuir um estabelecimento de duchas que se aproximava dos modelos mais modernos da Europa, mesmo que não fosse acessível a um grande número de pessoas.

Porém, em meio aos elogios e louvores prestados por diversos órgãos, pessoas e periódicos, a iniciativa de Eboli e Azevedo, houve quem usou desta terapia e do *Instituto* para ilustrar denúncias, caricaturas, crônicas humoradas e críticas. Entre eles, podemos destacar, primeiramente, o depoimento de Benedicto Jacques Janot denunciando um tratamento inadequado dentro do estabelecimento.<sup>336</sup>

Neste depoimento, Janot inicia dizendo que seu objetivo é alertar aqueles que desejavam ir às duchas friburguenses, contrariando o que bem-diziam sobre o citado estabelecimento hidroterápico. Relata que teria ido ao Instituto com sua esposa, seu filho e uma escrava, para passar alguns dias. Porém, afirma que Carlos Eboli o convenceu a ficar mais tempo em seu estabelecimento, prometendo-lhe cobrar um preço ameno. Durante sua ausência, sua esposa o alertou sobre o mau tratamento que teria recebido, precisando mandar que fosse realizar a compra de alimentos fora do *Instituto*. E, juntamente com o depoimento, ele publica uma conta, com o preço cobrado pela estadia da família, que estaria, segundo Janot, além do que fora combinado entre ele e Carlos Eboli, mas que ele pagou ao sair do

---

<sup>336</sup> JANOT, Benedicto Jacques. Instituto Hidroterápico – Nova Friburgo. Aviso aos incautos. O Cruzeiro. Ano I. N. 102. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1878. p. 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

estabelecimento. O denunciante ainda afirma que as queixas eram apenas murmuradas por aqueles que sofrem incômodos referentes ao tratamento inadequado que seria oferecido por aquele estabelecimento e que outros indivíduos e suas práticas mereciam mais do que Eboli o reconhecimento e credibilidade que este possuía na sociedade leiga e entre seus pares.

Verá o público como se é tratado no estabelecimento hidroterápico de Friburgo, aliás tão falsamente preconizado nesta Corte e em várias províncias do Império, e qual o procedimento de *cavalheiro* do diretor Dr. Eboli com as pobres vítimas da boa fé e da necessidade, proveniente dos males e sofrimentos que atribulam a humanidade, quando, levados por falazes anúncios, aceitam cair em suas garras, e alimentados pela esperança de colher d'aquela bom clima a saúde que lhes falta.<sup>337</sup>

Este depoimento foi respondido por Eboli, utilizando o mesmo jornal como meio de publicação, afirmando que as palavras de Janot seriam injúrias injustas, com o objetivo de difamá-lo como pessoa e a seu estabelecimento. Negou que tenha o convencido a estender sua permanência e que tenha oferecido um preço mais acessível, afirmando que a conta apresentada por Janot estava de acordo com a tabela do estabelecimento.

Para confirmar sua versão, solicitou aos hóspedes que estiveram no estabelecimento na mesma época de Janot e sua família, por meio de uma carta, que fossem respondidos três questionamentos: se eles teriam alguma queixa em relação ao tratamento recebido no estabelecimento; se teriam percebido algum tratamento inadequado referente a Janot, o que acabava contrariando o sucesso do tratamento da febre puerperal de sua esposa, realizado por Eboli, e se a conta apresentada estava de acordo com o preço cobrado.

As cartas-respostas, porém, tinham como destinatário o próprio Carlos Eboli, o que favoreceria uma escolha entre elas para a publicação n' *O Cruzeiro*. As cartas publicadas, em sua maioria, legitimaram as palavras de Eboli, sendo uma pequena divergência apresentada apenas naquela escrita pelo Barão de Itaóca, publicada no dia 18 de abril de 1878, também n' *O Cruzeiro*. Nela, o Barão qual afirma ter percebido um aumento no preço cobrado, que poderia corresponder a alimentação no quarto da enferma, mas que não contava na tabela. O caso foi a júri, por "injúrias impressas", com ganho de causa para o médico italiano e noticiada também pelo jornal *O Cruzeiro*, em 21 de julho de 1878.

Contrapondo também os recorrentes elogios à prática hidroterápica, destacamos a crônica denominada *Em Petrópolis*, publicada no jornal *O Globo Ilustrado*, de 1º de janeiro

---

<sup>337</sup> *Ibidem*.

de 1882, de autoria de França Júnior, também nos chama atenção pela parte na qual o tratamento pela água e o próprio Carlos Eboli são caracterizados:

O outro Eden, Friburgo, vai se tornando uma espécie de feudo do Dr. Eboli. Os que lá vão pagam aquele distinto Esculápio<sup>338</sup> o tributo da ducha. Logo à entrada, perguntam-lhe:

- O senhor sofre do fígado?
- Um pouco.
- Pois tome duchas.
- Mas o meu mal não é propriamente do fígado...
- É do baço?
- Creio que sim.
- Tome duchas.
- Às vezes quer me parecer que é reumatismo: porque sinto umas dores pelo peito...
- Tome duchas.
- Quem sabe se não tenho alguma coisa no pulmão?
- Duchas.
- Ou no coração?
- Duchas.
- Não durmo bem do lado esquerdo...
- Duchas.
- Tenho insônia às vezes.
- Duchas.

E as duchas são receitadas para todas as moléstias.<sup>339</sup>

Além do autor enquadrar as duchas como remédio que tudo poderia curar, o que foi uma ideia combatida por Eboli, por diversas vezes, tanto em *Hydrotherapia*, quanto em suas publicações em jornais, França Júnior continua sua crônica, logo após este “diálogo”, dizendo que Carlos Eboli receitava tanto os períodos frios como o clima quente como ideais para o tratamento, como se insinuasse que o médico quisesse garantir o estabelecimento ativo e cheio durante todo o ano. Ao final de seu relato sobre Nova Friburgo, apresenta elogios ao estabelecimento de duchas, suas refeições e ao clima da vila, embora o considerasse inferior ao de Teresópolis.

Em outra crônica, cujo título é *Friburgo e Petrópolis*, publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, de 3 de janeiro de 1878, França Júnior afirma que “ir a Friburgo e não tomar as duchas seria o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa”.<sup>340</sup> Nestas crônicas, que apresentam e comparam as cidades serranas, parece ser uma característica do autor render elogios, porém, ainda rodeados de pequenas críticas.

<sup>338</sup> Deus da Medicina, na mitologia greco-romana.

<sup>339</sup> FRANÇA JÚNIOR. Em Petrópolis. O Globo Ilustrado. Rio de Janeiro, 1º de Janeiro de 1882. p. 5. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 5 de outubro de 2015.

<sup>340</sup> *Idem*. Friburgo e Petrópolis. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1878. p. 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 5 de outubro de 2015.

O título que utilizamos para este tópico também refere-se a uma destas críticas humoradas ao tratamento hidroterápico:

Um nosso amigo que esteve ultimamente em Nova Friburgo tratando-se no estabelecimento hidroterápico do Sr. Eboli, veio dali muito impressionado por ver que todos os doentes depois de tomarem as duchas corriam pela vila como doidos.

Não pôde convencer-se que o que eles andavam eram doidos de frio.<sup>341</sup>

A imprensa, portanto, ofereceu a Carlos Eboli, e também aos leitores, suas duas faces. A hidroterapia, por mais que Eboli tentasse caracterizá-la como uma terapia sem igual, com grandes resultados comparados a outras, não era uma unanimidade e isto é revelado nestes espaços de denúncia, de pequenas notas ou em bem-humoradas crônicas. Esta outra face, ao ser analisada, ajuda-nos a entender as visões que foram consolidadas sobre esta forma de tratamento e a problematizar tanto o estabelecimento de duchas, quanto sua prática, ao nos transportar para além dos discursos proferidos por Eboli e seus parceiros.

### **3.4 Além dos limites médicos: a face pública de Carlos Eboli.**

Ao longo destes três capítulos, abordamos a atuação de Carlos Eboli na área médica. Seja como médico de partido nas fazendas, na introdução da hidroterapia em Cantagalo ou ultrapassando os limites da região com a inauguração do seu estabelecimento hidroterápico, a partir de seu reconhecimento profissional. Eboli destacou-se em outras áreas da sociedade friburguense.

Começaremos pelo cargo de presidente do conselho diretor da Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense, nos anos de 1874 e 1875. Esta banda, fundada pelo Major Augusto Marques Braga, em 06 de janeiro de 1870, tinha fortes ligações com o partido Liberal e foi fundada por um grupo de republicanos e abolicionistas.<sup>342</sup> Em contraste com a primeira banda fundada em Nova Friburgo, a Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense, de 1863, que tinha uma essência monarquista e conservadora. Talvez a vertente política tenha sido um dos principais motivos de aproximação entre Eboli e a instituição, já que o médico também compartilhava das ideias liberais. Como apresentamos no segundo

<sup>341</sup> [NOTICIÁRIO]. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1875. p. 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 5 de outubro de 2015.

<sup>342</sup> HISTÓRIA de uma trajetória vitoriosa. Disponível em <http://www.campesinafriburguense.com.br/historia-campesina-friburguense> - Acessado em 20 de janeiro de 2017.

tópico deste capítulo, a banda Campesina, inclusive, foi a atração principal na inauguração do *Instituto Sanitário Hidroterápico*.

Após naturalizar-se brasileiro, Carlos Eboli entrou para política, compondo o quadro da Câmara Municipal de Nova Friburgo após as eleições de 1876.<sup>343</sup> Seguiu, assim, uma tendência comum, e também já abordada nos capítulos anteriores, dos médicos que atuavam no interior. Inclusive do primeiro presidente da Câmara friburguense, o médico francês Jean Bazet, apresentado no início deste capítulo. Estes profissionais conquistavam uma importância social, a partir da sua dedicação ao trabalho, e isto os impulsionava para também apostar na carreira política.

Analisando o conjunto de atas, percebemos que Eboli tornou-se um político presente e atuante. Devido a sua formação médica, era designado a produzir pareceres sobre as questões pontuais da área de saúde da vila. Entre elas, destacamos o caso de seu parecer favorável a um requerimento sobre a instalação de mais uma botica para a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer, atual município de Sumidouro, já que a existente, segundo o que constava, aproveitava das necessidades públicas, cobrando altos preços pelas receitas apresentadas.<sup>344</sup>

Em 1877, devido à morte do vereador João de Souza Pinheiro, Carlos Eboli foi nomeado para a Comissão de Obras Públicas<sup>345</sup>, através da qual pode intervir com mais ênfase na organização e limpeza do espaço público, utilizando o discurso médico e seguindo também o movimento sanitaria presente na província fluminense. Através dos Relatórios dos Presidentes de Província sobre a saúde pública dos municípios, fica claro o quanto higiene pública era considerada “matéria a mais importante da administração, se é possível estabelecer-se preferência nos diversos ramos do serviço”.<sup>346</sup> É enfatizado também a responsabilidade das Câmaras Municipais sobre esta questão e o quanto a prevenção gastaria menos recursos do que a tentativa de controlar as epidemias.

Certamente as câmaras municipais na esfera de sua ação podem muito, regulando tudo quanto concerne à salubrificação das moradas, especialmente as dos pobres, as ruas, praças, edifícios públicos, e águas, e nesta utilíssima esfera sua ação e zelo são tão certos como o seu civismo esclarecido e o seu

<sup>343</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 13 de dezembro de 1876.

<sup>344</sup> *Ibidem*. Ata, 27 de setembro de 1877.

<sup>345</sup> *Ibidem*. Ata, 17 de agosto de 1877.

<sup>346</sup> PEIXOTO, Bernardo Avelino Gavião. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na abertura da segunda sessão da vigésima quarta legislatura em 8 de agosto de 1883. Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1883. Disponível em [http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio\\_de\\_janeiro](http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro) - Acessado em 10 de fevereiro de 2017.

amor pela causa do município da qual são parte enobrecida e escolhida pelo sufrágio dos seus concidadãos.<sup>347</sup>

Vale destacar também que as grandes epidemias de cólera reforçaram ainda mais a importância deste movimento, como apresentamos também do Capítulo 1. Reconhecendo a responsabilidade das administrações municipais na questão do saneamento preventivo, foram enviadas Câmara de Nova Friburgo, em 30 de novembro de 1865, orientações do Governo Provincial do Rio de Janeiro sobre quais medidas seriam necessárias para evitar que a doença se alastrasse:

1ª Fazer exercer a mais severa fiscalização sobre a venda dos gêneros alimentícios de toda a espécie e das bebidas, e promover a punição, na forma de suas posturas, dos que os venderem de má qualidade e em mau estado de conservação, ou falsificadas, exercendo particular vigilância sobre as tavernas, açougues, casas de pasto e mercados públicos.

2º Manter no mais completo estado de limpeza todos os povoados do município, qualquer que seja sua importância, promovendo o aterro dos pântanos e terrenos alagadiços, impedindo a aglomeração de matérias corruptas ou suscetíveis de fácil corrupção, fazendo varrer periodicamente as ruas e praças e, sempre que possível, plantar nelas árvores.

3º Prestar toda atenção e cuidado ao serviço dos cemitérios, quer públicos, quer particulares, promovendo a construção deles nos lugares onde forem necessários, e afastando-os quanto for possível dos centros das povoações.

4º Nomear comissões encarregadas de visitarem frequentemente as habitações das classes pobres, a fim de verificar o estado de limpeza delas e o de saúde de seus moradores, e darem toda a circulação aos conselhos higiênicos e médicos, formulado nos impressos juntos, os quais inspiram toda confiança pela incontestável competência de seus autores.

5º Comunicar a esta Presidência regularmente nos dias 1, 10 e 20 de cada mês, e extraordinariamente, quando for mister, as providências tomadas a bem da saúde pública, as que convierem que portam do Governo, os recursos dos lugares, o resultado das visitas domiciliares e o estado sanitário do município.<sup>348</sup>

Entre estas medidas, é recorrente nas atas da Câmara analisadas (1876-1884) diversas ordens de aterramento de terrenos pantanosos ou do antigo leito do Rio Bengalas, que corta a área principal da cidade e fora retificado. Tal intervenção também já era prevista no artigo 42 das Posturas Municipais friburguenses (1848), enfatizando a necessidade de extinguir estes terrenos pantanosos, em nome da manutenção da salubridade coletiva.

<sup>347</sup> CAMPOS, Martinho Alvares da Silva. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na abertura da segunda sessão da vigésima terceira legislatura, em 8 de agosto de 1881. Rio de Janeiro, Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias, 1881. Disponível em [http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio\\_de\\_janeiro](http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro) - Acessado em 10 de fevereiro de 2017.

<sup>348</sup> FUNDO da Administração Municipal de Nova Friburgo, Caixa 12, documento 3699.

No capítulo 1, apresentamos o ofício de Alexandrino Freire do Amaral justamente sobre essa questão dos males que as águas estagnadas do antigo leito produzem para a salubridade pública. Foi solicitado na mesma ocasião que Carlos Eboli e Ernesto Brasília de Araújo também apresentassem seus pareceres sobre esta situação, que demonstraram preocupações semelhantes, indicando os efeitos nocivos daquelas águas à saúde pública.<sup>349</sup>

Requeru o sr. Vereador Dr. Eboli que se peça ao Governo a execução das leis que consignaram a quantia de 40:000\$000 réis para as obras de desobstrução e canalização do Rio Bengalas, para dessecamento dos terrenos adjuvantes às margens d'aqule rio e de 30:000\$000 réis para auxiliar esta Câmara na obra de um encanamento de água potável nesta vila.<sup>350</sup>

A citação acima ilustra, além da preocupação com os terrenos pantanosos, a intervenção do vereador/médico na questão da água para o consumo público e a importância da engenharia hidráulica. Eboli, inclusive, disponibiliza à Câmara Municipal o reservatório de água potável de seu estabelecimento hidroterápico para que possa ser encanada para onde a instituição considerar melhor ao bem público.<sup>351</sup> A instalação e manutenção de chafarizes para utilização pública também se tornam intervenções constantes ao longo da atuação política de Eboli, principalmente na região da praça principal e da Rua General Osório, área próxima ao matadouro da vila. Era necessária uma atenção maior sobre o trajeto percorrido pela água até chegar ao consumidor, como forma também de prevenção de doenças:

o meio mais eficaz para o saneamento da cidade, além de alguns indicados pela comissão médica, consiste em dotar-se a cidade com um abastecimento d'água suficientemente abundante, acompanhado da indispensável canalização subterrânea do esgoto, que removesse para longe os produtos impuros.<sup>352</sup>

Outro ponto estratégico da vila, a Praça Princesa Izabel, também recebeu uma atenção especial de Carlos Eboli, que promoveu sua limpeza e aterro, já que era uma região pantanosa.<sup>353</sup> Eboli destacava na Câmara a conveniência da arborização das ruas e também da

---

<sup>349</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 14 de maio de 1883.

<sup>350</sup> *Ibidem*. Ata, 11 de setembro de 1877.

<sup>351</sup> *Ibidem*. Ata, 26 de julho de 1877.

<sup>352</sup> GONZAGA, João Marcelino de Souza (Conselheiro). Exposição com que o Conselheiro João Marcelino de Souza Gonzaga passou a administração da Província do Rio de Janeiro ao presidente Dr. Martinho Alvares da Silva Campos, no dia 15 de março de 1881. Rio de Janeiro: Typografia Montenegro, 1881. Disponível em [http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio\\_de\\_janeiro](http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro) - Acessado em 10 de fevereiro de 2017.

<sup>353</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 08 de janeiro de 1879.

praça principal.<sup>354</sup> Esta conveniência, inclusive, também foi tema de um discurso lido na sessão pública da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 30 de junho de 1835, pelo médico Emílio Joaquim da Silva Maia. Segundo ele, “todos os Botânicos reconhecem hoje, como certo, que as árvores, por meio das folhas, e de todas as partes verdes, absorvem, e decompõem no seu interior o ar, água e ácido carbônico, existente na atmosfera”.<sup>355</sup> A arborização, portanto, ajudaria a purificar o ar das impurezas dos miasmas, que, de acordo com o pensamento higienista, eram a principal causa das enfermidades.

A questão da arborização da vila consistia também no artigo 68º das Posturas Municipais (1848), nos quais os moradores da vila eram obrigados a plantar e conservar árvores próximos às suas casas, recebendo, inclusive, um prêmio de 2\$000 por 5 anos para quem assim o fizesse. Então, seguindo tais premissas, Carlos Eboli também “requereu, verbalmente, que se oficiasse ao Dr. August François Marie Glaziou<sup>356</sup> pedindo-lhe que, logo que possa, venha a Nova Friburgo para dar o plano do jardim da Praça Princesa Isabel”,<sup>357</sup> cuja direção deste plantio, assim como o complemento dos custos da obra, ficou a cargo do Barão de Nova Friburgo. E até mesmo depois do final do seu segundo mandato (1881-1884), Eboli se dispôs a continuar a manutenção desta praça, de forma gratuita, juntamente com outros cidadãos:

O abaixo assinado e mais alguns cidadãos, impelidos unicamente pelo zelo e interesse que têm por esta bela vila em que residem, vendo o estado de completo abandono em que se acham, desde longa data, as preciosas plantas dos dois jardins da Praça Princesa Isabel, em detrimento da higiene, da formosura e do progresso deste magnífico torrão, propõe-se a manda-las limpar e podar gratuitamente. Espera, portanto, de V. S. se dignem deferir este requerimento em benefício público.<sup>358</sup>

Entre diversos serviços prestados ao saneamento da vila, para mantê-la dentro dos padrões recomendados pela província e para a manutenção da sua identidade de sanatório natural, cabe também ressaltar o quanto a posição política de Carlos Eboli também o auxiliava na defesa dos interesses de seu estabelecimento hidroterápico. Observa-se também que ele

<sup>354</sup> *Ibidem*. Ata, 11 de fevereiro de 1878.

<sup>355</sup> MAIA, Emílio Joaquim da Silva. Discurso sobre os males que tem produzido no Brasil o corte das matas, e sobre os meios de remediar. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense de Brito & Comp., 1835. Disponível em <https://archive.org/details/8004926.nlm.nih.gov> - Acessado em 12 de setembro de 2015. P. 3.

<sup>356</sup> Como se sabe, Glaziou foi Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e Inspetor dos Jardins Municipais, além de integrar a Associação Brasileira de Aclimação. Prestou serviços ao Imperador e também à família do Barão de Nova Friburgo (GLAZIOU, O Paisagista do Império. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/biografia.htm> - Acessado em 16 de novembro de 2014.).

<sup>357</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 11 de maio de 1880.

<sup>358</sup> *Ibidem*. Ata, 30 de maio de 1884.

tinha grande apoio da maioria dos vereadores na defesa destas questões. Destacaremos, então, duas situações em que essas fusões de interesses são demonstradas nas atas.

Como apresentamos no tópico sobre o *Instituto Sanitário Hidroterápico*, pouco depois de seu desligamento da sociedade do estabelecimento hidroterápico, Fortunato Corrêa de Azevedo, juntamente com outros vizinhos, entraram em uma disputa política com Carlos Eboli. Fato que também pode ter contribuído para abalar a relação entre os dois médicos, inclusive enquanto dividiam a direção do estabelecimento.

No requerimento, Azevedo e outros moradores da Rua General Câmara<sup>359</sup> reclamam contra um alicerce construído em terreno pertencente a Carlos Eboli. Segundo os reclamantes, esta construção não estaria de acordo com o alinhamento da rua, que seria de 60 palmos, em uma antiga determinação da Câmara. Então, é solicitado a demolição e o recuo de tal alicerce.<sup>360</sup> Entrando em votação no plenário da Câmara, o processo foi indeferido. Um dos motivos apresentados foi que, na largura discutida no requerimento, só existia uma pequena casa, que pertencia a Corrêa Azevedo, “o qual não sofre prejuízo algum porque fica exatamente com o número de braças de que paga foros a esta Câmara, podendo colocar uma grade no alinhamento de 45 palmos”<sup>361</sup> e que os outros signatários do requerimento não possuíam casas do lado da rua da qual pedem o alargamento. Podemos entender, a partir desta informação, que se tratava de uma disputa direta entre Carlos Eboli e Fortunato Corrêa de Azevedo sobre a questão do terreno, localizado próximo ao complexo hidroterápico.

Carlos Eboli também se defendeu durante o debate no plenário, afirmando que “os alicerces por ele construídos não vão de encontro ao código vigente de posturas da Câmara, sendo também da mesma opinião diversos advogados aos quais consultou”<sup>362</sup>, mas absteve-se de votar, por estar envolvido no caso. O vereador João Gaspar Meyer foi contra a decisão da maioria, afirmando que o parecer realizado “é de todo favorável a interesses particulares de um vereador e contra o interesse público”<sup>363</sup>.

A segunda situação que podemos destacar é do requerimento feito por Carlos Eboli,<sup>364</sup> no qual solicita uma linha de bonde que ligue ao seu estabelecimento hidroterápico a estação de passageiros, passando por importantes ruas do núcleo central da vila, como a Rua Conde d’Eu<sup>365</sup>, Praça Princesa Izabel<sup>366</sup> e Rua General Argollo<sup>367</sup>. Novamente, foi contra o vereador

<sup>359</sup> Atualmente, Rua Augusto Spinelli.

<sup>360</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 13 de agosto 1878.

<sup>361</sup> *Ibidem*. Ata, 10 de setembro de 1878.

<sup>362</sup> *Ibidem*. Ata, 10 de setembro de 1878.

<sup>363</sup> *Ibidem*. Ata, 10 de setembro de 1878.

<sup>364</sup> *Ibidem*. Ata, 30 de abril de 1881.

<sup>365</sup> Atualmente, Rua Monsenhor Miranda.

João Gaspar Meyer, que, em seu parecer, destaca a solicitação anterior feita por Theodoro de Oliveira de uma concessão para a construção de uma linha fértil que atende a toda vila, e que ainda não teria entrado em discussão pela Câmara. Meyer ressalta também, assim como fez no caso citado anteriormente, que esta linha de bonde é claramente de benefício particular do requerente/vereador, sem que haja uma preocupação geral com a população friburguense. Porém, seu parecer foi rejeitado pela Câmara, que alegou ter chegado ao final o prazo concedido a Theodoro de Oliveira, de acordo com o secretário que cuidava do caso.<sup>368</sup> Assim como no primeiro caso apresentado, a Câmara se mostrou favorável ao Eboli. Entendemos, então, que o médico, talvez por sua posição social e principalmente econômica, teria na Câmara um espaço forte de sociabilidade e cooperação, onde construiu uma rede de auxílio mútuo.

Por parte do médico, o auxílio para a Câmara poderia vir, como já foi apresentado antes, a partir de uma concessão de água potável e, principalmente, de seus serviços como médico. Ofereceu-se como médico vacinador a serviço da Câmara, de forma gratuita, sendo um de seus objetivos a prevenção da chegada da epidemia de varíola no município. Entre suas medidas para tal, propôs a alteração do artigo 11 das posturas municipais, para que a vacinação se torne obrigatória; adquirir uma casa fora do núcleo povoado da vila, para onde deveriam ser enviados os enfermos; e a solicitação para as despesas necessárias com o tratamento de enfermos indigentes.<sup>369</sup>

A Câmara resolveu que se oficiasse ao Diretor da Estrada de Ferro de Cantagalo, no sentido de impedir que os comboios de escravos vindos da Corte estacionem aqui e mandou afixar editais anunciando que o Dr. Carlos Eboli achar-se-á todos os domingos, no Paço da Câmara, a fim de proceder a vacinação.<sup>370</sup>

E, além de trabalhar com o tratamento hidroterápico, Carlos Eboli também fornecia consultas na farmácia Guimarães & Companhia, juntamente com os colegas Fernandes Pereira e Eugenio Rabelo, de acordo com o jornal *Monitor Campista* (1878). Como já foi apresentado no primeiro capítulo, esta farmácia também prestava serviços à Câmara Municipal, recebendo semestralmente para fornecer medicamentos aos considerados pobres e indigentes.

---

<sup>366</sup> Dividida em duas, corresponde atualmente as Praças Demerval Barbosa Moreira e Getúlio Vargas.

<sup>367</sup> Atualmente, Avenida Alberto Braune.

<sup>368</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 28 de julho de 1881.

<sup>369</sup> *Ibidem*. Ata, 1º de outubro de 1878.

<sup>370</sup> *Ibidem*. Ata, 1º de outubro de 1878.

Ainda sobre as situações que apresentamos anteriormente, podemos entender que Carlos Eboli tinha em João Gaspar Meyer o seu principal adversário dentro da Câmara. Ao levantarmos uma pequena biografia deste vereador, destacamos dois pontos principais que poderia ter desencadeado o atrito com o médico italiano e o reverendo. Primeiramente, o reverendo Meyer foi vereador pelo Partido Conservador, enquanto Eboli pertencia ao Partido Liberal. Estavam, portanto, em lados opostos, de acordo com seu posicionamento político. Destacamos também a diferença religiosa entre eles, que remete a um ponto de conflito constante desde as primeiras décadas de colonização de Nova Friburgo entre protestantes e católicos.<sup>371</sup>

Também identificamos um forte aliado: Galiano Emílio das Neves. O “Coronel Galiano”, como era chamado, mudou-se para Friburgo para se tratar da tuberculose, que interrompeu seus estudos em Medicina no quarto ano e esteve em constante atuação pública em Nova Friburgo, seja através de eleição ou por nomeação.<sup>372</sup> A relação entre Eboli e Neves ultrapassava os limites do plenário municipal. Galiano das Neves também era casado com Josephina Salusse,<sup>373</sup> herdeira dos donos do Hotel Salusse, estabelecimento com o qual Eboli também mantinha uma relação de negócios, por receber aos que buscavam suas duchas, antes da construção do Hotel Central. Além disso, tornou-se também padrinho de um dos filhos do médico italiano, que também recebeu o nome de Galiano. Curiosamente, tanto João Gaspar Meyer quanto Galiano das Neves exerceram funções (professor e diretor, respectivamente) no antigo Colégio Freeze, local onde posteriormente foi instalado o *Instituto Sanitário Hidroterápico*.

Retornando aos debates políticos através das atas, podemos ilustrar esta proximidade com Galiano no momento em que Carlos Eboli solicita a diminuição no imposto cobrado para o funcionamento de seu estabelecimento. Entre os motivos apresentados, Carlos Eboli informa à Câmara que arrendou o Hotel Central para Carlos Engert, o que faria desaparecer o caráter de casa de saúde de seu estabelecimento, já que não recebia mais doentes. E como não constava a palavra “hidroterapia” na lei de orçamentos, pede para que seja dispensado do

---

<sup>371</sup> A religião católica era hegemônica na vila friburguesa, porque detinha o monopólio da “oficialidade e a maior facilidade de integração na comunidade” (TEIXEIRA, Mateus Barradas. Conflitos religiosos na Vila de São João Batista de Nova Friburgo – 1824-1872. *Revista Tessituras*. Número 6 – Maio/2015. p. 69. Disponível em <http://revistatessituras.com.br/arquivo/4.pdf> - Acessado em 17 de fevereiro de 2017). Os representantes do protestantismo, portanto, perdiam sua autonomia frente aos líderes católicos, o que gerava tensões entre ambos, sendo os principais focos de conflito “a disputa por fiéis, a questão territorial, simbólica e também ligada às representações” (Idem, *ibidem*, p. 77).

<sup>372</sup> NEVES, Galiano das (coronel). *Cidade de Nova Friburgo*, 20 de novembro de 1915, página 2. [www.djoaovi.com.br](http://www.djoaovi.com.br) – acessado em 17 de janeiro de 2017.

<sup>373</sup> FERREIRA. Histórias de família. *Op. Cit.*

pagamento de impostos.<sup>374</sup> O requerimento foi indeferido pela Câmara, cujo parecer indicou que a lei deve ser aplicada por assimilação e mesmo que não apareça a denominação “hidroterapia”, deve-se cobrar o mesmo valor do que uma “casa de saúde”. Além disso, a Câmara também alegou que, durante o período em que foi vereador, pagou o mesmo valor de impostos, instituído em 140\$000 réis, e que não havia reclamado até então. Diante do cenário desfavorável para o médico italiano, o vereador e aliado Galiano das Neves requereu que, mesmo assim, o imposto que era cobrado fosse reduzido ao mínimo, em “consideração aos serviços prestados a famílias pobres da localidade e, além disso, por atrair grande número de famílias que concorrem para o progresso da vila”.<sup>375</sup>

A partir deste requerimento, é possível observar que a influência de Carlos Eboli sobre as decisões da Câmara foi gradualmente perdendo força. O período também corresponde à crise financeira que atingia seu estabelecimento hidroterápico, assim como o fim de seu segundo mandato em 1884. O que pode confirmar que sua posição social e econômica influenciava diretamente na manutenção de sua posição política.

Como última iniciativa de Galiano das Neves a favor do médico italiano, solicitou que fosse realizado pela Câmara Municipal o voto de pesar pelo falecimento de Carlos Eboli, em fevereiro de 1885<sup>376</sup>. No lugar deixado por Carlos Eboli, como 3º suplente do Juízo Municipal e de Órfãos, foi nomeado o médico Theodoro Gomes Pereira da Silva<sup>377</sup>, que também se tornou diretor do *Instituto Sanitário Hidroterápico*, até seu fechamento, como apresentamos anteriormente.

---

<sup>374</sup> CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885). Ata, 13 de janeiro de 1883.

<sup>375</sup> *Ibidem*. Ata, 12 de fevereiro de 1883.

<sup>376</sup> *Ibidem*. Ata, 25 de fevereiro de 1885.

<sup>377</sup> *Ibidem*. Ata, 20 de março de 1885.

**Figura 3.10:** Principal área de atuação de Carlos Eboli em Nova Friburgo.<sup>378</sup>



(Fonte: Google Maps)

### 3.5 Considerações Finais.

Ao longo deste capítulo, apresentamos como a visão de Nova Friburgo enquanto cidade salubre foi construída desde os primeiros anos da colonização suíça e reforçada ao longo do século XIX, através de várias intervenções em seu espaço público, visando principalmente a salubridade pública desta vila.

Buscamos traçar a história do *Instituto Sanitário Hidroterápico* e como ele consolidou a hidroterapia como hábito civilizado e elitizado na região. Este grande estabelecimento, que, de acordo com suas descrições da época, se equiparava aos de melhor qualidade europeus, encontrou em uma cidade de foco urbanístico, ideais modernos e considerada um sanatório natural, o palco ideal para sua instalação e sucesso. E este cenário foi de suma importância para a transformação da carreira e do reconhecimento profissional de Carlos Eboli, que se tornou conhecido além dos limites friburguenses. Apesar de já trabalhar com o tratamento

<sup>378</sup> Corresponde a área central da cidade, entre a Rua 7 de setembro e a Avenida Alberto Braune. 1- *Instituto Sanitário Hidroterápico*, atualmente Colégio Nossa Senhora das Dores; 2- Câmara Municipal de Nova Friburgo, demolida para a abertura da atual rua Monte Líbano; e 3- Farmácia Guimarães, atualmente o Edifício Braune, nº 29 da Avenida Alberto Braune. Destacamos também a localização do Rio Bengalas e da Praça principal da vila, agora dividida em duas, denominadas Demerval Barbosa Moreira e Getúlio Vargas. Na imagem, também está indicada a rua que leva o nome do médico italiano.

hidroterápico desde Cantagalo, foi o Instituto que fez Eboli ganhar destaque nas instituições que eram os principais espaços das discussões médicas do país.

A análise desta experiência hidroterápica em Nova Friburgo foi feita principalmente através dos jornais que circulavam na Corte. Seja através das propagandas, crônicas, gravuras e, até mesmo, denúncias, observamos o quanto o estabelecimento de duchas de Carlos Eboli ganhava cada vez mais espaço nas páginas da imprensa, nos possibilitando conhecer as visões que foram construídas sobre ele e seu *Instituto*. Foi também pela imprensa que observamos a tentativa de manter o estabelecimento aberto e da rejeição da população friburguense da transformação do que consideravam um espaço de saúde no que consideravam um centro de peste, resultado consequente da possível compra do *Instituto* pela Marinha, através das palavras de Rui Barbosa.

Carlos Eboli foi um dos grandes protagonistas na questão da hidroterapia no Brasil e participou ativamente da difusão desta prática no país. Destacou, assim, ainda mais Nova Friburgo como lugar salubre, para tratamento e veraneio, atraindo visitantes de vários pontos do país, principalmente de toda província do Rio de Janeiro. É neste contexto que apresentamos a face política do médico italiano, na Câmara de Nova Friburgo.

Através da análise das atas, apresentamos suas principais áreas de atuação, em função da organização e manutenção do espaço público, da engenharia hidráulica, tudo de acordo com um movimento que abrangia toda a província fluminense, de acordo com os Relatórios dos Presidentes de Província. O saneamento público era, naquele momento, a principal ação para a prevenção de grandes epidemias e era de responsabilidade das Câmaras Municipais. Observamos também o quanto sua posição política o auxiliou na defesa dos seus interesses pessoais, ligados ao seu estabelecimento hidroterápico, e que a grande influência que exercia nas decisões da Câmara resultou em adversários, como foi o João Gaspar Meyer, e aliados, o seu compadre Galiano Emílio das Neves. Consideramos também que esta grande influência que o médico tinha nos debates políticos era consequência de um auxílio mútuo, no qual Eboli também prestava serviços gratuitos de interesses da Câmara friburguense, e também reflexo de sua posição social e econômica na vila.

Carlos Eboli faleceu no dia 19 de fevereiro de 1885, de uma lesão cardíaca, como denominou o jornal *A Sentinella*, publicado em São Fidélis, oito dias após de ter se retirado de Nova Friburgo à Corte. *O Paiz*, por ocasião de sua morte, destacou a atuação de Eboli na vila:

Brasileiro por opção e casado aqui, Dr. Carlos Eboli interessava-se sinceramente pela prosperidade da localidade onde residia há talvez 20 anos, onde prestou bons serviços nos cargos públicos que exerceu e, no desempenho de suas funções de clínico muito caridoso. A sua morte tem sido muito lamentada em Nova Friburgo.<sup>379</sup>

Segundo a notícia transcrita acima, o trabalho de Carlos Eboli marcou a cidade de Nova Friburgo. Apesar de ser considerado um importante centro de saúde pela população friburguense, seu empreendimento de duchas foi perdendo o lugar de destaque ao longo da década de 1880, chegando à falência na década seguinte. A hidroterapia, porém, continuou a ser aplicada como terapêutica auxiliar a diversos tratamentos. Em Nova Friburgo, em especial, foi empregada ainda em pacientes oriundos da Marinha do Brasil, a partir da instalação do Sanatório Naval na cidade, em 1910.

---

<sup>379</sup> NOTICIÁRIO. O Paiz. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1885. p. 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

## CONCLUSÃO

Ao longo dos três capítulos apresentados, buscamos desenvolver, a partir da trajetória individual de Carlos Eboli, uma compreensão sobre a área de assistência que se apresentava fora das unidades de assistência. Identificamos, então, as estratégias e características comuns a estes médicos ao se interessarem em ingressar pelo interior fluminense, atraídos principalmente pelo papel que o Vale do Paraíba exercia na economia do Império. Este interesse também correspondia à época abordada, em que o discurso médico buscava sua afirmação e superioridade em relação a outras práticas de cura, que ainda tinham grande adesão longe dos grandes centros.

Os principais proprietários do Vale, que se enriqueciam a partir da crescente valorização no café no exterior, preocupavam-se em igualar o nível social desta região a grandes capitais, tanto do país quanto da Europa. Para tal, a população deveria ser educada para aderir a novos hábitos, que os tornariam cada vez mais civilizados. Os médicos, então, encontram nesta situação um ambiente favorável para se aproximarem destas famílias influentes. Uma relação que seria de interesse mútuo: enquanto os grandes proprietários utilizavam os discursos dos médicos como uma das formas para instituir os novos hábitos, assim como seus serviços para garantir sua família e seus escravos saudáveis, garantindo sua produtividade; os médicos beneficiavam-se da credibilidade destas famílias junto à população para conseguir sua clientela e construir seu reconhecimento profissional na região.

No caso de Carlos Eboli, mais do que fornecer-lhe credibilidade, apresentamos indícios que a aproximação com o Barão de Nova Friburgo possivelmente também o ajudou financeiramente, principalmente através do contrato firmado para que o médico italiano trabalhasse em suas fazendas. Porém, Antônio Clemente Pinto fez mais do que isso, já que ser médico de partido era uma prática recorrente na região, como mostramos principalmente no capítulo 1. O Barão abriu as portas de sua principal fazenda, denominada Gavião, para abrigar o projeto hidroterápico de Eboli e ainda tornou-se um propagador das palavras deste médico.

O hábito de buscar nas águas o alívio para enfermidades ou como fonte de lazer, já conhecido na Europa, principalmente entre a classe mais alta, incluindo a família Imperial, chegava ao Vale do Paraíba fluminense pelas mãos de Carlos Eboli, sob o respaldo de uma das figuras mais importantes da época, tanto socialmente como economicamente. Entendemos a hidroterapia, então, como um bem de prestígio, seguindo o raciocínio de Mariana Muaze

(2008): investimentos a partir do lucro vindo do café para adequar os comportamentos sociais a importância que a área ganhava no Império.

Os atendimentos realizados em Cantagalo, porém, não correspondiam a esta classe com maior poder aquisitivo. Observamos a maioria dos pacientes como escravos, vindos de vários pontos da província, principalmente das quinze fazendas do Barão espalhadas por Cantagalo, Nova Friburgo e São Fidélis. Estes escravos eram enviados para o tratamento hidroterápico depois de um período reservados às enfermarias de suas próprias fazendas. Em sua memória, inclusive, Eboli indica os médicos que promoviam este intercâmbio, o que nos proporcionou construir o lado profissional de sua rede de sociabilidade.

Conhecermos esta rede foi importante para entender a trajetória profissional de Carlos Eboli como parte de um contexto, cujas características são comuns a de outros de profissionais que atuavam na região no período. Apresentamos também a profissão como principal foco de aproximação entre eles, porque ela já determina aos seus pares um modo semelhante de pensar e agir, além do desejo destes médicos de se fortalecer como classe na sociedade oitocentista. Observamos, então, a atuação de Carlos Eboli como um resultado destas relações, que determinavam seu modo de atuação, assim como reagiam e se moldavam a ele. Porém, não deixamos de considerar suas características individuais, que o destacou dentro desta rede e tornou-se o motivo pelo qual o escolhemos para personagem principal desta pesquisa.

Logo após o período que aborda na memória *Hydrotherapia* sobre sua experiência em Cantagalo, mudou-se para Nova Friburgo para começar seu empreendimento, juntamente com o sócio Fortunato Corrêa de Azevedo. A vila, diferentemente de Cantagalo, não tinha as grandes plantações como principal atividade, estimulando mais o desenvolvimento da sua área urbana. E, os principais focos de atração de visitantes, seu clima e topografia, correspondiam ao que era recomendado pelo discurso higienista como ideal para o restabelecimento da saúde. Consideramos, então, que estas duas características, mais uma vez, ofereciam a Carlos Eboli as condições para instalar e obter o sucesso deste estabelecimento de duchas.

O denominado *Instituto Sanitário Hidroterápico* tornou-se o grande salto na carreira de Carlos Eboli, que o tornou conhecido além dos limites do interior fluminense. Equiparado aos mais completos da Europa, observamos a importância deste estabelecimento ao compararmos a grande diferença entre aqueles que frequentavam as duchas em Cantagalo e os que começavam a procurar a hidroterapia friburguense. Ganhou as páginas dos principais

jornais que circulavam na Corte e até mesmo fora da Província. Entre propaganda e louvores a iniciativa destes dois médicos ao implantar com sucesso um lugar de referência para prática hidroterápica no país, também foi possível observar críticas e crônicas. Através destas publicações foi possível conhecer o outro lado desta iniciativa pela visão daqueles que não acreditavam na eficácia desta prática como forma de tratamento.

Mesmo assim, o estabelecimento, em seus primeiros anos de funcionamento rendeu a Carlos Eboli um grande reconhecimento profissional e também na sociedade friburguense. Assim, seguindo outra característica comum aos médicos da época, entrou para política da vila, através da Câmara Municipal. Vereador atuante, Eboli teve na área da saúde seu principal foco de atuação, como não poderia deixar de ser, ainda mais após ser nomeado para a Comissão de Obras Públicas. As intervenções no espaço público, realizadas a partir de suas iniciativas, seguiam um grande movimento de prevenção, que observamos em toda Província fluminense na época. Mas não podemos deixar de ligá-las ao interesse de manter Nova Friburgo como referência de um sanatório natural, o que também o ajudaria a atrair paciente para o seu estabelecimento.

Constatamos, assim, uma interligação dos interesses públicos e privados de Carlos Eboli. A partir das análises do conjunto de atas na Câmara friburguense, observamos que, por vezes, utilizava seu papel político e sua influência no plenário municipal para conseguir aprovar requerimentos, que envolviam melhoramentos para seu estabelecimento hidroterápico. Tal postura, inclusive, rendeu a ele seu principal adversário político, o reverendo João Gaspar Meyer, que apontava, durante as seções, que tais decisões privilegiaram os interesses particulares de um vereador sobre o que deveria ser de interesse público. Consideramos que, em troca deste apoio, Carlos Eboli oferecia seu serviço como médico para esta Câmara, através da realização de vacinação e atendimento aos mais pobres, a partir do contrato com a farmácia Guimarães & Cia, onde também trabalhava.

Esta influência, porém, foi diminuindo, acompanhando o declínio do *Instituto Sanitário Hidroterápico* e, por consequência, seu poderio econômico, confirmando uma interligação entre a posição política que adquiriu e sua posição social em Nova Friburgo. Observamos isso a partir de uma solicitação para o fim dos impostos cobrados por este estabelecimento, que foi negada em plenário. Apenas seu aliado político, Galiano Emílio das Neves, foi a seu favor, solicitando que fosse reduzido o quanto fosse possível, como forma de agradecimento pelos serviços de Carlos Eboli à cidade de Nova Friburgo.

Carlos Eboli faleceu na Corte, em 19 de fevereiro de 1885, de uma lesão cardíaca, como apresentamos anteriormente. Deixou a direção do estabelecimento para o médico Theodoro Gomes, que permaneceu a frente até o seu fechamento, na década de 1890. O local do grandioso estabelecimento de duchas, atualmente, ainda abriga o Colégio Nossa Senhora das Dores, motivo pelo qual o prédio foi comprado pelas Irmãs Dorotéias logo após o fechamento do *Instituto*. A grande referência de saúde da época, então, foi se transformando na memória dos habitantes, sendo atualmente amplamente reconhecido como referência na educação friburguense.

Concluimos esta pesquisa, portanto, demonstrando a importância de compreender como o processo de construção do campo da clínica livre e do modo de atuação dos médicos na região, assim como as relações sociais desenvolvidas no Vale do Paraíba Fluminense proporcionaram a Carlos Eboli as condições necessárias para o sucesso de suas estratégias profissionais e iniciativas individuais, a partir da hidroterapia, transformando-o em um dos grandes nomes da medicina na região ao final do século XIX.

## **FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **FONTES ARQUIVÍSTICAS E DIGITAIS:**

#### **1. Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional:**

ACERVO iconográfico digital Brasileira Fotográfica da Fundação Biblioteca Nacional, disponível em [www. http://brasilianafotografica.bn.br](http://brasilianafotografica.bn.br) – acessado em 30 de novembro de 2015.

#### **Periódicos (1860-1880):**

Almanak Gazeta de Notícias

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro

Annaes Brasilenses de Medicina

Annaes da Academia Imperial de Medicina

A Sentinella

Brasil. Ministério do Império

Correio Paulistano

Diário de Notícias

Diário de Pernambuco

Diário do Rio de Janeiro

Gazeta Médica da Bahia

Jornal do Commercio

Monitor Campista

O País (MA)

O Portuguez

O Voto Livre

#### **2. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa**

BARBOSA, Rui. Conjunto de cartas enviadas à sua noiva Maria Augusta Viana Bandeira. Disponível no Arquivo RB Digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, acessado em 7 de março de 2017.

Carta – 28 de agosto de 1876.

Carta – 8 de setembro de 1876.

Carta – 15 de setembro de 1876.

Carta – 18 de setembro de 1876.

#### **3. Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense**

ACERVO iconográfico da Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense.

#### 4. Fundação D. João VI – Nova Friburgo

A Lanterna  
Cidade de Nova Friburgo

CONJUNTO de livro das Atas da Câmara Municipal de Nova Friburgo (1875-1885).

- Ata, 23 de julho de 1869 (Livro 13, páginas 123v e 124).
- Ata, 13 de dezembro de 1876 (Livro 15, páginas 231, 231v, 232).
- Ata, 17 de agosto de 1877 (Livro 15, página 274v).
- Ata, 11 de setembro de 1877 (Livro 15, páginas 280 e 280v).
- Ata, 11 de fevereiro de 1878 (Livro 16, página 8).
- Ata, 13 de agosto 1878 (Livro 16, página 36).
- Ata, 10 de setembro de 1878 (Livro 16, páginas 38v, 39, 39v e 40).
- Ata, 1º de outubro de 1878 (Livro 16, páginas 41 e 41v).
- Ata, 08 de janeiro de 1879 (Livro 16, página 58v).
- Ata, 11 de maio de 1880 (Livro 17, página 34).
- Ata, 28 de julho de 1881 (Livro 17, páginas 82, 112 e 112v).
- Ata, 13 de janeiro de 1883 (Livro de atas 1882-1885, página 12).
- Ata, 12 de fevereiro de 1883 (Livro de atas 1882-1885, páginas 19, 19v e 20).
- Ata, 14 de maio de 1883 (Livro de atas 1882-1885, página 51).
- Ata, 30 de maio de 1884 (Livro de atas 1882-1885, páginas 137v e 138v).
- Ata, 25 de fevereiro de 1885 (Livro de atas 1882-1885, páginas 174, 174v).
- Ata, 20 de março de 1885 (Livro de atas 1882-1885, página 177v).

FUNDO da Administração Municipal de Nova Friburgo (1818-1944).

- Caixa 11 – Documento 3354.
- Caixa 11 – Documento 3483.
- Caixa 12 – Documento 3699.
- Caixa 12 – Documento 3711.
- Caixa 12 – Documento 3744.
- Caixa 12 – Documento 3823
- Caixa 14 – Documento 4037.
- Caixa 16 – Documento 5036.
- Caixa 16 – Documento 5193.

FUNDO de Documentos de Cantagalo (século XIX)

- Caixa 5 – Documento 122.

POSTURAS Municipais de Nova Friburgo, 17 de fevereiro de 1848.

**FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS:**

A HYDROTHERAPIA em Nova Friburgo. A Lanterna, 1905. Disponível no acervo digital de periódicos da Fundação Dom João VI de Nova Friburgo – [www.djoaovi.com](http://www.djoaovi.com) – Acessado em 14 de outubro de 2015.

[AOS doentes e convalescentes]. O Portuguez, 7 de maio de 1863, página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 12 de novembro de 2016.

BARBOSA, Rui. O beri-beri em Friburgo. Diário de Notícias, 9 de setembro de 1889, página 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 16 de junho de 2016.

BARROS, Luísa Margarida Portugal de. Cartas a suas majestades (1859-1890). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. pp. 110 e 124.

BRUM, J. Z. M. Parecer sobre a estatística do Instituto Sanitário Hidroterápico de Nova Friburgo apresentada pelo Sr. Dr. Carlos Eboli. Annaes Brasilienses de Medicina, TOMO XXIX, Junho de 1877, N. 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014.

CALDAS, João Silvério de Souza. Cantagalo: Voto de gratidão. Jornal do Commercio, 20 de dezembro de 1864. Página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 30 de setembro de 2016.

CAMPOS, Martinho Alvares da Silva. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na abertura da segunda sessão da vigésima terceira legislatura, em 8 de agosto de 1881. Rio de Janeiro, Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias, 1881. Disponível em [http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio\\_de\\_janeiro](http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro) - Acessado em 10 de fevereiro de 2017.

CASTRO, Francisco. Elogio Histórico dos Acadêmicos Falecidos Durante o Ano Acadêmico de 1884-1885, Sessão Aniversária em 30 de Junho de 1885. Annaes da Academia Imperial de Medicina, Índice de TOMO I (VI Série), 1885-1886. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 19 de maio de 2014.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Formulário e Guia Médico. 18ª edição. Paris: Typografia de Roger e F. Chernoviz, 1908. pp. 699 a 705.

CURA de tumores. O Espírito-Santense, 10 de outubro de 1878, página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessado em 17 de fevereiro de 2016.

DR. CARLOS EBOLY. O Voto Livre. Cantagalo, 22 de fevereiro de 1885. p. 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 10 de janeiro de 2016.

EBOLI, Carlos. Hydrotherapia: Memória Apresentada à Academia Imperial de Medicina para Obter o Título de Membro Correspondente. Annaes Brasilienses de Medicina, TOMO XXII, Abril de 1871, N. 11. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014.

ESTABELECIAMENTO Hidroterápico do Dr. Eboli. Nova Friburgo. Almanak Gazeta de Notícias. Oitavo ano, 1887. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

FALECIMENTO. A Sentinella. Ano II. N. 73. São Fidélis. 28 de fevereiro de 1885. p. 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

FALECIMENTO. O Estado de São Paulo. 22 de fevereiro de 1885, página 2. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/> - Acessado em 12 de julho de 2016.

FRANÇA JÚNIOR. Em Petrópolis. O Globo Ilustrado. Rio de Janeiro, 1º de Janeiro de 1882. p. 5. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 5 de outubro de 2015.

\_\_\_\_\_. Friburgo e Petrópolis. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1878. p. 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 5 de outubro de 2015.

FERRAZ, Costa. Estabelecimento Hidroterápico em Nova Friburgo. Annaes Brasilienses de Medicina. 1870, Ed. N. 02, p. 37-39. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de abril de 2014.

FOLHETIM: OS MÉDICOS. O Friburguense, 3 de agosto de 1890. Página 1. Disponível no acervo digital de jornais e periódicos do site da Fundação Dom João VI: [www.djoaovi.com](http://www.djoaovi.com). Acessado em 09 de abril de 2016.

GOMES, Antônio Idelfonso. Quando Deus quer, água fria é remédio. Correio da Tarde, 30 de junho de 1848, página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 25 de outubro de 2016.

GONZAGA, João Marcelino de Souza (Conselheiro). Exposição com que o Conselheiro João Marcelino de Souza Gonzaga passou a administração da Província do Rio de Janeiro ao presidente Dr. Martinho Alvares da Silva Campos, no dia 15 de março de 1881. Rio de Janeiro: Typografia Montenegro, 1881. Disponível em [http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio\\_de\\_janeiro](http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro) - Acessado em 10 de fevereiro de 2017.

HOMEM, João Vicente Torres. Lições sobre as moléstias do sistema nervoso, feitas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Lição XIII. O Progresso Médico. Volume III, 1878. pp. 337 a 350. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

IMBERT, Jean-Baptiste Alban. Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado as necessidades médicas de todas as classes. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1839.

INAUGURAÇÃO. Diário de Notícias do Rio de Janeiro. Ano 54. N.192. 13 de julho de 1871. p.3. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

INAUGURAÇÃO da Estrada de Ferro Cantagalo [Ilustração]. O Mosquito. 27 de dezembro de 1873. pp. 4 e 5. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 7 de março de 2015.

INSTITUTO Sanitário Hidroterápico em Nova Friburgo. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1877. p. 4. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Acessada em 20 de dezembro de 2016.

INTERIOR. O Correio Mercantil. 7 de fevereiro de 1856. Página 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 4 de novembro de 2016.

JANOT, Benedicto Jacques. Instituto Hidroterápico – Nova Friburgo. Aviso aos incautos. O Cruzeiro. Ano I. N. 102. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1878. p. 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

LAZZARINI, Antônio. Algumas considerações sobre a epidemia do *cholera-morbus*, oferecidas aos Srs. fazendeiros pelo Dr. Lazzarini. Jornal do Commercio, 27 de outubro de 1855. Página 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de janeiro de 2016.

LEIS, decretos e regulamentos da Província do Rio de Janeiro (1863-64). Disponível no acervo da Fundação Dom João VI, em Nova Friburgo/RJ.

MAIA, Emílio Joaquim da Silva. Discurso sobre os males que tem produzido no Brasil o corte das matas, e sobre os meios de remediar. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense de Brito & Comp., 1835. Disponível em <https://archive.org/details/8004926.nlm.nih.gov> - Acessado em 12 de setembro de 2015.

MAGALHÃES, Galdino Cícero de. Algumas observações sobre os mapas das duchas. Revista Marítima Brasileira. 1889. Ano IX. Vol. XVII. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 29 de setembro de 2016.

NEVES, Galiano das (coronel). *Cidade de Nova Friburgo*, 20 de novembro de 1915, página 2. [www.djoaovi.com.br](http://www.djoaovi.com.br) – acessado em 17 de janeiro de 2017.

[NOTICIÁRIO]. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1875. p. 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 5 de outubro de 2015.

NOTICIÁRIO. O Paiz. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1885. p. 1. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de setembro de 2015.

PEIXOTO, Bernardo Avelino Gavião. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na abertura da segunda sessão da vigésima quarta legislatura em 8 de agosto de 1883. Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1883. Disponível em [http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio\\_de\\_janeiro](http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro) - Acessado em 10 de fevereiro de 2017.

PRETENSÃO de C. Leuenroth. Annaes do Parlamento Brasileiro, 1 de julho de 1870, página 4. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 14 de dezembro de 2016.

QUADRO estatístico geral das moléstias tratadas no Instituto Hydrotherapico de Nova Friburgo de 25 de junho de 1871 e 30 de junho de 1873. Annaes Brasilienses de Medicina. TOMO XXV. Março de 1874. N. 10. p. 400. Disponível em Hemeroteca Nacional da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 16 de maio de 2015.

SALUBRIDADE pública. O Portuguez, 7 de maio de 1863, página 2. Disponível em Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, acessada em 12 de novembro de 2016.

SIGAUD, José. Francisco. Xavier. Do Clima e das Doenças do Brasil ou Estatística Médica desse Império. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

TÍTULO de ação do Instituto Sanitário Hidroterápico. [www.conradoleiloeiro.com.br](http://www.conradoleiloeiro.com.br) – Acessado em 16 de junho de 2016.

TSCHUDI, Johann Jakob Von. Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Belo Horizonte/MG: Itatiaia, 1980.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

A CAIXA de Socorros D. Pedro V. Disponível em <http://alemdemacondo.blogspot.com.br/2012/07/a-caixa-de-socorros-d-pedro-v.html>. – Acessado em 16 de setembro de 2016.

ALBUQUERQUE, José de. Meu encontro com os outros... Memórias. IN CARRARA, Sérgio e CARVALHO, Marcos. Meu encontro com os outros: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

ANDRADE, Eloy de. O Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, 1989.

ARÊA, José. Publicação comemorativa do cinquentenário do Sanatório Naval em Nova Friburgo. Publicado pelo Capitão de Mar e Guerra Dr. Victor Jayme Vieira. 1960.

BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. Escravidão saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde para obtenção do título de doutorado. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em [http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese\\_keith\\_barbosa.pdf](http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese_keith_barbosa.pdf). Acessado em 15 de novembro de 2015.

BASTOS, Cristiana. Banhos de Princesas e Lázarus: Termalismo e Estratificação Social. Anuário Antropológico, 2010, vol. II: 107-125. Disponível em [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas%202010%20II/Cap%20V.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202010%20II/Cap%20V.pdf) - Acessado em 12 de abril de 2014.

BITTENCOURT-SAMPAIO, Sérgio. O Hotel Salusse em Nova Friburgo: núcleo familiar, político e social. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2009. pp. 81-86.

BIAGIOLI, Mário. Galileu, Cortesão: a prática da Ciência na cultura do Absolutismo. Porto/Portugal: Porto Editora, 2006. Capítulo 2.

[BIOGRAFIA] Salustiano Ferreira Souto. Disponível em <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/303-salustiano-ferreira-souto.html> - Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

BON, Henrique. Imigrantes: a saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência. Nova Friburgo/RJ: Imagem Virtual, 2004.

BORGES, Magno Fonseca e MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. Modernidade, ordem e civilização: a companhia Estrada de Ferro D. Pedro II no contexto da direção Saquarema. IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

BORGES, Dain Edward. The Family in Bahia, Brazil. 1985. Página 93. Disponível em <https://books.google.com.br> – Acessado em 19 de fevereiro de 2017.

BRANDÃO, Berenice Cavalcante, MATTOS, Ilmar Rohloff e CARVALHO, Maria Alice Rezende. A polícia e a força policial no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Série Estudos – PUC, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CORBIN, Alain. Bastidores. IN PERROT, Michelle (org). História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. Histórias da História de Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Editora Primil, 2012. pp. 163-170.

\_\_\_\_\_. O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social. Rio de Janeiro: Educam, 2008.

\_\_\_\_\_. Sangue de dragão, espírito de seis onças e resina de pau santo. Disponível em <http://avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/sangue-de-dragao-espírito-de-seis-onças-e-resina-de-pau-santo-28-de-julho-2011>. Acessado em 19 de fevereiro de 2017.

DIAS, Acácio Ferreira. Terra de Cantagalo: subsídio para a História do Município de Cantagalo. Rio Bonito/ RJ: Artes Graf. *Cantagalo*, 1981.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. As artes de curar nos tempos de cólera: Recife, 1856. IN CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; e GALVÃO SOBRINHO, Gabriel R. Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História do corpo: da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FERREIRA, Luiz Otávio. Introdução: José Francisco Xavier Sigaud e a tradução local do higienismo. IN SIGAUD, José Francisco Xavier. Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste Império. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

\_\_\_\_\_. João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica do século XIX. *Physis* [online]. 1994, vol. 4, n. 1, pp. 57 a 78. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v4n1/04.pdf> - Acessado em 15 de fevereiro de 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Histórias de família: casamentos, alianças e fortunas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FOLLY, Luiz Fernando Dutra; OLIVEIRA, Luanda Jucyelle Nascimento de; FARIA, Aura Maria Ribeiro. Barão de Nova Friburgo: impressões, feitos e encontros. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 2010.

FOLLY, Luiz Fernando Dutra. A história da Praça Princesa Isabel em Nova Friburgo: o projeto esquecido de Glaziou. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU-UFRJ. 2007.

FONSECA, Maria Rachel Fróes. Luiz Vicente de Simoni. IN Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências e da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simonil.htm> - Acessado em 12 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_ e MONTEIRO, Rodrigo Borges. João Vicente Torres Homem. IN Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências e da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simonil.htm> - Acessado em 12 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. José Pereira Rego. IN Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências e da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simonil.htm> - Acessado em 12 de janeiro de 2016.

FRAGOSO, João. Barões do café e sistema agrário escravista: Paraíba do Sul/ Rio de Janeiro (1830-1888). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

FRANÇA, Mário Ferreira. Notícia histórica do Sanatório Naval em Nova Friburgo. Imprensa Naval, Rio de Janeiro: 1961.

GOUBERT, Pierre. História local. Revista Arrabalde. Ano 1, nº 1, maio/agosto, 1988.

GLAZIOU, O Paisagista do Império. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/biografia.htm> - Acessado em 16 de novembro de 2014.

GUIMARÃES, Maria Regina Contrim. Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 2003.

HISTÓRIA de uma trajetória vitoriosa. Disponível em <http://www.campesinafriburguense.com.br/historia-campesina-friburguense> - Acessado em 20 de janeiro de 2017.

JOÃO Gaspar Meyer. Disponível em <http://industriaecaridade49.com.br/index.php/historia/ex-veneraveis/2-uncategorised/17-joao-gaspar-meye> - Acessado em 17 de janeiro de 2017.

LAFORET, Maria Regina Capdeville. A colônia de Nova Friburgo. IN ARAÚJO, João Raimundo de e MAYER, Jorge Miguel. Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O Homem e a Serra. Rio de Janeiro: Divisão Cultural, 1963.

MATTOS, Ilmar Rohloff. O tempo Saquarema. São Paulo/Brasília: HUCITEC/IN;1987.

MARQUESE, Rafael e TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

MARRAS, Stelio. A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte/MG: Editora Humanitas, 2004.

MAUAD, Ana Maria e MUAZE, Mariana. A escrita de intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. IN GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Capítulo 8.

MÁXIMO, João e DIDIER, Carlos. Noel Rosa: uma biografia. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990. pp. 11 e 12.

MUAZE, Mariana. As memórias da Viscondessa: Família e Poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial. In: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense - fase III*. Rio de Janeiro: INEPAC/ Instituto Cidade Viva, 2011, v.3, p. 293-340. Disponível em [http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2010/12/15\\_mariana\\_muaze.pdf](http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2010/12/15_mariana_muaze.pdf). Acessado em 28 de abril de 2016.

NICOULIN, Martin. A Gênese de Nova Friburgo: emigração e colonização (1817-1827). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

PENHA, Ana Lucia Nunes. Turtuosos caminhos: obras públicas provinciais e o difícil escoamento das mercadorias de Cantagalo, Campos dos Goytacazes e Macaé para o Rio de Janeiro (século XIX). IN MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

PEREIRA NETO, André de Faria. Ser médico no Brasil: o presente no passado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2001.

PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, Ciências, Saúde Manguinhos*. pp. 349-372, jul-out, 1998. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701998000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000200005) – Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

QUINTELA, Maria Manuel Correia de Lemos. Saberes e Práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz) – *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, vol. 11 (suplemento 1): 239-60, 2004.

\_\_\_\_\_. Águas que curam, águas que “energizam”: etnografia da prática terapêutica termal na Sulfúrea (Portugal) e nas Caldas da Imperatriz. Tese de doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social e Cultural), apresentada à Universidade de Lisboa, através do Instituto de Ciências Sociais. Lisboa, 2008.

SALLES, Ricardo. E o Vale era o escravo: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SALUSTIANO Ferreira Souto. Disponível em <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/303-salustiano-ferreira-souto.html> – Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

SANGLARD, Gisele. De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes. *Revista História, Ciências, Saúde: Manguinhos* – vol 10, janeiro-abril/2003. pp. 173 a 202. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n1/17835.pdf>. Acessado em 30 de setembro de 2015.

\_\_\_\_\_. Entre os salões e o laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas – Rio de Janeiro, 1920-1940. Tese de Doutorado em História das Ciências da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2005

SANT’ANNA, Denise B. A cidade das águas – uso de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Ed. SENAC; 2007.

TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle [Visconde de Taunay]. *Inocência*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2012.

TEIXEIRA, Mateus Barradas. Conflitos religiosos na Vila de São João Batista de Nova Friburgo – 1824-1872. *Revista Tessituras*. Número 6 – Maio/2015. p. 69. Disponível em <http://revistatessituras.com.br/arquivo/4.pdf> - Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

VEIGA, Judith de Moraes. João Antônio de Moraes: 1º Barão das Duas Barras. Rio de Janeiro, 1948.

VIGARELLO, Georges. Higiene dos corpos e trabalho das aparências. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História do corpo: da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WILLIANS, Sérgio. Uma breve história sobre o médico João (Giovanni) Éboli, um mega empreendedor. Disponível em <http://memoriasantista.com.br/?p=2247> – Acessado em 19 de janeiro de 2016.